VIDA DE JESUS

Baseada no Espiritismo

ANTONIO LIMA

ANTONIO LIMA

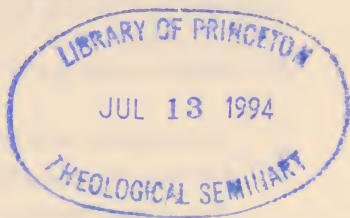
VIDA DE JESUS

Baseada no Espiritismo

Estudo psicológico

> Na verdade vos digo que entre os que têm nascido de mulher não apareceu alguém maior do que João Batista.
>
> **(Mateus, cap. XI, v. 11; Lucas, cap. VII, v. 28.)**

> Eu dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou. Tenho poder para dá-la e poder para tornar a tomá-la. Esse mandamento recebi de meu pai.
>
> **(João, cap. X, vv. 17 e 18.)**

> A superioridade de Jesus sobre os homens não estava nas qualidades particulares do seu corpo, mas na do seu espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e na do seu perispírito tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.
>
> **("A Gênese", de Allan Kardec.)**

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17 — CEP - 20941
e Avenida Passos, 30 — CEP - 20051
Rio, RJ — Brasil

4ª edição

Do 21.º ao 30.º milheiro

Capa de CECCONI

NRBN

29-AA; 002.01-O; 12/1982

(Casa-Máter do Espiritismo)
AV. PASSOS, 30
20051 — Rio, RJ — Brasil

Composição, fotolitos e impressão offset *das*
Oficinas do Departamento Gráfico da FEB
Rua Souza Valente, 17
20941 — Rio, RJ — Brasil
C.G.C. n.º 33.644.857/0002-84 *I.E. n.º 81.600.503*

Impresso no Brasil
PRESITA EN BRAZILO

DE JOELHOS

Amado Mestre Jesus

Outrora fui decerto um dos sicários que gritaram contra ti, impondo a Pilatos: "Crucifica-o!"

Quero resgatar uma centésima milionésima parte da minha antiga dívida.

Aqui deponho às tuas sagradas plantas esta mísera migalha da minha pobreza mental — oásis onde me refugiei para balbuciar timidamente um poema indigno da

tua excelsitude, para soluçar vexado um abafado cântico ao teu amor inefável.

Temo agravar o meu delito pela audácia em erguer os olhos para o teu augusto sólio.

Com tinta, outros disseram da tua obra. Eu, foi com soluços de arrependimento que escrevi e orvalhei estas laudas — foi em lágrimas de sangue que molhei a pena.

Se na tua bondade complacente houveres de volver-me um desses olhares que despedem ondas de eflúvios balsâmicos, eu continuo de joelhos para agradecer-te o rasgo de misericórdia e lançar-te aos pés o maravedi com que contribuo para a amortização dos meus crimes.

PELO EVANGELHO

É uma tarefa muito difícil prefaciar uma obra sobre a vida de Jesus-Cristo.

Aquele a quem se concede a honra de prefaciador é quase sempre um amigo mais experimentado e mais ciente, que o autor, com respeito aos assuntos explanados no contexto de um livro.

No presente caso, porém, devo confessar a minha pobreza e a minha impotência, limitando-se o meu esforço no aplauso ao valoroso batalhador do Evangelho, que é Antônio Lima.

Sobre as pegadas luminosas do Divino Mestre, tentaram passar os cientistas, os sociólogos, os sacerdotes

e os estudiosos de todos os tempos. Desde Flávio Josefo, na dinastia romana dos Flávios, e mesmo antes dele, a História quis falar do Divino Missionário, que a Humanidade havia visto. Todos os séculos estão cheios de livros, de poemas e referências ao Cordeiro de Deus. Mas os homens somente o têm visto, como vêem o Sol, através dos imperfeitos telescópios dos seus limitados conhecimentos.

Distanciado das criaturas no infinito do tempo, em cada novo século a sua figura é maior no conceito dos povos e o seu ensinamento cada vez mais cheio de saborosa atualidade para a vida dos homens. Sobre Ele passaram todas as heresias e todas as guerras. A Igreja, que se diz depositária de sua palavra e de seu poder espiritual, se-

meou todas as discórdias, inventou todos os sofismas religiosos, assenhoreou-se de todos os poderes temporais, ao alcance de sua megalomania, em seu nome; entretanto, a sua doutrina nada perdeu com a influência nefasta dos bispos audaciosos. Em seu nome criaram-se organizações antifraternas, armaram-se coletividades para as campanhas fratricidas, incendiou-se, destruiu-se; não obstante todos esses atentados, a sua palavra nada perdeu de sua antiga doçura, consolando os aflitos e edificando a verdadeira paz.

À sombra do seu apostolado de redenção e de amor, apareceram todas as mentiras e todas as mistificações no transcurso dos séculos. Ainda agora, este livro é um documento de defesa do Evangelho, estigmatizando os

erros e os enganos aos quais se entregam certos estudiosos mal-avisados de um assunto tão grave; no entanto, Jesus é sempre a verdade consoladora no coração dos homens.

Ele é a claridade que as criaturas humanas ainda não puderam fitar e nem conseguiram compreender. Guiadas, em todas as épocas, pela sua infinita misericórdia, elas não sabem apreender-lhe a grandeza espiritual e, se muito já se disse no mundo a respeito de sua vida na Terra e de sua personalidade, muito ainda se terá a dizer até que os homens lhe compreendam a excelsitude do ensinamento.

Antônio Lima objetiva resolver os problemas transcendentes com respeito à personalidade do Divino Mestre.

Preciosa contribuição ao estudo do Evangelho, sua obra está cheia de teses, as mais elevadas possíveis; todavia, é necessário que saibamos, em todas as questões, considerar o problema da zona de compreensão de cada criatura. Um dos grandes estudiosos dos assuntos espíritas, na atualidade, denominou essa posição evolutiva do homem de "zona lúcida" (1). É considerando tudo isso, dentro das realidades do "natura non facit saltus", que não escondo a minha predileção pelos estudos do Evangelho, pela atualidade da plena aplicação de suas leis, única medida que poderá salvar a civilização agonizante, dentro

(1) Paul Gibier.

de atividades em todos os programas e que se reduzem a dois objetivos essenciais — instrução e conforto, sem o propósito de discutir a individualidade dAquele que "no princípio era o Verbo".

Os homens devem saber que o Missionário Divino não viveu a mesma lama de suas existências de inquietações e de amarguras, mas, para que discutirmos semelhantes assuntos, tão profundos e tão delicados na sua essência íntima, se mesmo nos Espaços, vizinhos da Terra, onde me encontro, sobram as polêmicas e as vacilações dos Espíritos? Semelhante fenômeno deve a sua origem à ausência de compreensão. A morte não constitui uma renovação milagrosa do ser, e os desencarnados prosseguem lutando no complexo de suas próprias iniciativas, para a

obtenção da amplitude dos conhecimentos superiores do Universo e do mecanismo divino de suas leis.

Tentemos exumar o Cristianismo dos escombros tenebrosos a que foi conduzido pelos desvios das correntes religiosas, sem discutirmos a questão do corpo do seu Divino Fundador. Cada qual, à maneira de Antônio Lima, poderá trazer o fruto de suas meditações e de seus estudos para a grande oficina da Fé. Fora ridículo proibir-se a elucidação. O que será de evitar-se, zelosamente, é a azedia da polêmica.

Os homens ainda não atingiram o estado de renúncia pessoal para lucrarem, espiritualmente, com as discussões acaloradas, nas quais, inúmeras vezes, sem fazerem nenhuma luz para as suas almas, criam trevas para os seus

corações. Que a família genuinamente cristã, guardando o respeito e a amorosa veneração pelo seu Mestre, pratique largamente a sua doutrina, esperando, com a humildade requerida, o tempo propício à compreensão de determinadas verdades. Quem se integra no Cristianismo, que o sente com profundeza dalma, apreende-lhe muitas grandezas e excelsitudes ignoradas do homem comum.

Infenso, pois, a qualquer dissensão, nesse sentido, venho falar dEle, no limiar deste livro, como os astrônomos que vão estudar no livro imenso da natureza celeste. Perquirindo os seus grandiosos mistérios, extáticos ante a obra admirável das leis ocultas do Universo, que os seus olhos finitos contemplam no ilimitado da criação,

sabem que Deus existe e vive em sua obra, sem contudo poderem individualizá-lo.

Falo, assim, da necessidade de se compreender e aplicar os princípios evangélicos, único recurso que poderá salvar da ruína a civilização decadente da época atual, mas, tentando aprofundar a questão da personalidade do Divino Mestre, sinto meus pobres olhos confundidos numa vaga imensa de relâmpagos ofuscadores. Sei que Ele se encontra localizado na História, conheço todos os fatos políticos que caracterizam a sua época, peregrinei nas estradas escuras do orbe ao tempo de sua passagem pelo planeta, não ignoro a sua biografia, mas... muitas vezes os Espíritos eleitos, que foram seus apóstolos, não se confessaram indignos de lhe atarem o cordão das sandálias?

Diante do Cristo, sinto a extensão de minha fraqueza e de minha insignificância irrecusáveis.

A questão preponderante na atualidade do mundo é a compreensão da magnitude da sua mensagem permanente, expressa na sua profunda e eterna palavra no Evangelho.

Enquanto os políticos, os financistas e os sociólogos dos tempos modernos preconizam os grandes movimentos nacionalistas para diminuirem as crises que assoberbam todos os povos, eu proporia, se pudesse, aos homens de todas as nações, de todas as cores, de todas as raças e de todas as crenças uma ação mundial de cristianidade. Bastaria essa cristianização para o renovamento das energias do mundo.

Até que consigamos, porém, a realização do nosso ideal, que se elucide, que se ensine e, sobretudo, que se ame muito, dentro do Evangelho. Da sua prática depende o sentimento de compreensão acerca do Divino Mestre.

E teria eu dito o bastante para sentenciar dignamente sobre os estudos de Antônio Lima?

Sei que não. Todos estamos a caminho do conhecimento integral, no círculo de nossas possibilidades relativas e, por aqui, onde não me faltam dificuldades e trabalhos espirituais, bem me consolo eu, abraçando o autor e afirmando-lhe que grande coisa já representa a nossa certeza de que o Senhor é a luz do mundo e a misericórdia para todos os corações.

Emmanuel

(Página mediúnica recebida por Francisco Cândido Xavier, em 28 de outubro de 1936.)

EXÓRDIO

Desde Heródoto, chamado o Pai da História, e que escreveu a história de Homero, até o último exegeta vivo, todos se louvaram meramente nas próprias forças mentais e disposições de energias para erguer pacientemente do pó dos arquivos as notas coordenadoras de acontecimentos e vidas, que pudessem restaurar a passagem de fatos ou a existência real de alguma personalidade pela qual se interessasse ou simpatizasse o narrador.

Para conseguir o seu desiderato não se fazia de mister senão o amor pelas belas-letras, erudição comprovada pelo tirocínio e a mais absoluta insuspeição de ânimo, aliada ao cunho de imparcialidade.

Mesmo assim não têm sido poucas as descrições feitas de modo diverso, mal escondendo no bojo a intenção de servir a interesses pessoais ou alheios, dessarte não merecendo fé absoluta a narrativa feita sobre a vida de alguém, ou de algum acontecimento político, social ou religioso.

Fazer História não é fácil quando se não possua intuição e principalmente tendência pela especialidade sobre a qual se quer tratar, como, por exemplo, se dá com o mestre de filosofia, que só ele saberá penetrar num campo já familiarizado desde a Academia, e então nos pode presentear com um erudito compêndio filosófico.

Em religião seria imperdoável que alguém se envolvesse sem as credenciais requeridas, que somente um profundo conhecedor do fér-

til assunto possua, pois assim munido saberá extrair o ouro da Verdade, qual o mineiro do recôncavo da terra os filões áureos do rico metal.

Seria natural que o melhor historiador do Budismo, por exemplo, fosse um budista fanático pelo seu credo, que um maometano escrevesse do seu Maomé e, para encurtar, que um teólogo fizesse a apologia do Catolicismo romano. Para falar do Cristianismo e do Evangelho pode parecer ao protestante estar isso à vontade no seu papel. Mas o Evangelho é o livro de Jesus, e é preciso conhecer Jesus mais que ao seu Código para dEle se ocupar.

Conheceriam Jesus todos quantos se têm manifestado a seu respeito?

Os pretensos depositários da sua Igreja têm provado exuberantemente nunca o haverem compreendido, os discípulos de Lutero tampouco hão sido fiéis ao seu pensamento, e os demais veneradores do Redentor muito se vêm esforçando por lhe restabelecer o cenário, onde representou o seu doloroso papel de mártir e revelou a sua personalidade de super-homem.

Mas, a psicologia do Cristo não está ao alcance de qualquer amador da sua obra penetrar, sem antes haver *sentido o divino*, de que nos fala Renan, e que por sinal, nem este grande escritor o sentiu mais do que até ao ponto em que se alçou o seu espírito sequioso, porém temerário e obnubilado pelas trevas terrenas.

O homem não pôde, não soube ou não quis libertar-se das mundanidades em que lhe estabeleceram o círculo acanhado, dentro do qual se move como que amarrado de pés e mãos, como que tendo nos olhos uma venda a dificultar-lhe a vidência das claridades que lá fulguram na extensão infinita dos espaços.

Pensou ele que o Universo estava encerrado na muralha limitadíssima da cadeia onde foi condenado a expiar a dolorosa vida em que se debate desesperadamente, tal o náufrago sobre as ondas de revolto mar a lutar, no instinto da vida, por um parcel onde se agarre e se desvie da morte.

Toda a obra do Criador, toda a sua atividade inteligente, o seu esforço, a sua sabedoria, a sua onipotência foram dispensados e consumidos, esgotaram-se miseravelmente neste ovo frágil em que

fomos gerados, e dentro do qual querem alguns vaidosamente auscultar o que somente está dentro da casca.

Do lado externo, apenas Deus, talvez nem Ele mesmo exista.

Outros, mais razoáveis, adivinharam-no perfeito, sublime, mas pouco justo com a sua ameaça do inferno e das penas eternas. Ainda outros nada sabem, e são os mais conseqüentes consigo mesmo, porque emudecem diante do mistério.

No entanto, Deus, tão imensuravelmente grande e bom, mandou Jesus conversar conosco e dizer-nos que o Pai era todo amor.

Mais por diante, quando lhe pareceu estarmos mais humanizados, enviou-nos vultosa legião de arautos da sua palavra, qual uma revoada de pássaros a cantarem a palinódia das nossas erronias.

Pousando amorosamente sobre a nossa cabeça, esses emissários nos deram notícias mais circunstanciadas das atividades do outro plano, muito além daquele no qual estava concentrada a nossa restrita movimentação de energias vitais e intelectivas.

Muitos hão sido os ingratos e teimosos renitentes em admitir o ósculo de fraternidade trazido voluntariamente por esses enviados do céu. Não os reconhecem pela voz, não querem crer nas suas sugestões, acham-nos traiçoeiros, falsários ou farsistas, tudo, menos provindos de outro universo inexistente, uma vez que o único é este ovinho de rouxinol onde a sua gestação não se verifica à falta de incubação da Idéia.

E, não obstante, entendem de proclamar aquilo que ignoram, o que imaginam, o que lhes parece conciliar-se com as suas ilações. Mas como poder conjeturar sobre o que se ignora?

Assim há procedido o irreverente pesquisador a respeito de problemas metafísicos e transcendentais, de que tem notícia por outros não mais orientados, que vão deixando na estrada o bagaço do que eles disseram, à revelia de alguma Revelação extraterrena.

E o erro se vem perpetuando na consciência, ou na inconsciência dos descuidados divulgadores do que não sabem, aumentando o veneno com que matam a iniciativa de melhor se ventilarem as questões que interessam a boa harmonia da vida planetária.

Nesse conjunto se englobam aqueles que viram o Enviado celeste passeando nas ruas da Judéia, misturado aos gentios e fariseus

na mesma promiscuidade, portador de virtudes e sentimentos iguais ou pouco estremes dos daqueles, e aí temos nós a vida e a odisséia do Divino Mestre narrada sem outras tintas além do negro e obscurante alcatrão, e a sua imagem esculpida no mesmo barro de que fomos constituídos.

De óculos voltados para o chão, quase todos os historiadores de Jesus não souberam naturalmente compor senão o que se lhes afigurou plausível e possível a uma individualidade nascida e criada sob a influência das mesmas leis biológicas, que regulam os demais seres hominais, possuindo os mesmos defeitos e vícios, as mesmas exigências físicas, a mesmíssima ignorância e vulgaridade de sentimentos, incapaz de outros vôos maiores do que os de Ícaro.

Depois da sua Ressurreição, Jesus se mostrou pela primeira vez a Madalena e aos apóstolos, e mais tarde somente a nós os espiritistas, que, para vê-lo, teremos de remontar esforçadamente às eminências de espaço, onde a sua imagem de super-homem paira acima das podridões em que se compraz de se revolver o verme que se anuncia como rei da criação — o sábio terreno, o *homo sapiens*, que não sabe de onde veio.

Nada obstante a minha miséria moral, abro um parêntesis no livro para comentar as irreverências com que o Divino Mestre foi encarado, para pô-las em confronto com o que a seu respeito podemos inferir da sua excepcional individualidade no infinito do Progresso que o Espiritismo desbravou e através do qual os escolhidos do Senhor — trabalhadores da sua vinha — penetram muito mais alto do que os videntes do único mundo criado pelo Supremo Arquiteto, segundo o conceito da unanimidade dos que quiseram dizer sobre o Salvador.

Descortinando de mais alto os horizontes da Nova Revelação, terei ensejo de demonstrar a harmonia dos Evangelhos, a infinita superioridade moral e científica do Enviado celeste, a sua completa emancipação das necessidades e exigências do mundo físico, a sua ingerência no mecanismo e progresso terrenal e finalmente a escolha da nossa pátria em ser a depositária do seu augusto legado, onde o Consolador haveria de se instalar definitivamente para o desabrolho da Lei que o Messias viera implantar entre os homens de boa-vontade.

Por aí se verá que o Brasil é a Terra da Promissão, consoante a figura bíblica.

Quais aqueles filhos de Israel, que vieram jornadeando desde o Egito por quase cinqüenta cidades, fugindo, como judeus errantes, aos ódios e ambições dos madianitas, e que, orientados por Moisés e Aarão, acabaram por se acampar na terra de Canaã das quarenta cidades, também o Brasil será asilo dos fugitivos escapos às desgraças que se anunciam a fogo de metralha no outro lado do Atlântico, podendo muitos se acomodarem aqui nos vinte e um Estados, bem mais extensos do que as quarenta cidades da Canaã.

E então ouviremos o Senhor, como Moisés nas planícies de Moab, ao longo do Jordão, defronte de Jericó, repetir:

"E desta maneira se purificará a vossa terra, morando eu convosco. Porque eu sou o Senhor, que habito entre os filhos de Israel." (1)

A. L.

Natal de 1936.

---

(1) Números, cap. XXXV, v. 34.

A SABEDORIA ANTIGA

Todas as religiões pré-históricas superabundam em vultos sobrenaturais e lendários, cujas origens iníquas por vezes contrastam com as leis positivas da vida planetária, de maneira a produzirem a dúvida sobre a sua existência real, como se dá na fábula mitológica, com a qual foi entressachada a maior parte dos deuses das eras priscas.

Vishnu, segunda pessoa da trindade hindu e uma das encarnações de Rãma, aparece a Manu antes do Dilúvio universal, nascido de um peixinho. Brama tira da boca o brâmane sacerdote, saca da coxa o brâmane comerciante, arranca do braço o brâmane guerreiro e expele do pé o brâmane criador proletário. Krishna tem nada menos de sessenta mil mulheres e filhos. É mais fertilizador que Tétis, a mãe de três mil ninfas — as oceânides mitológicas. Siva é considerado pelos seus idólatras como o procriador de tudo quanto existe; era casado com Umã,

a mãe de todos os deuses. Zoroastro foi nascido de um raio de luz, que houvera fecundado uma virgem. (1)

Tais versões primevas, incongruentes com a razão libertada de crendices insólitas, não deixam em plano inferior as tradições mitológicas quando informam haver Caco vomitado turbilhões de fogo e fumo; o rio Hipocrene ter defluído de um coice do cavalo Pégaso, aquele solípede alado que serve aos poetas para as suas excursões hípicas ao monte Hélicon e ao Himeto, na Fócida; o mesmo Pégaso ser gerado do sangue da cabeça de Medusa; Baco ter nascido de uma coxa de Júpiter (2), assim como da cabeça do mesmo rei do Olimpo haver saído Minerva, a deusa da Sabedoria, das Ciências e das Artes, graças a uma machadada de Vulcano, que lhe fendera o cérebro; Hércules, logo ao nascer, estrangulado duas serpentes e, ao sugar o seio de Juno, sua mãe, fazê-lo com tal força que o leite, espiralando no ar, formou a Via-láctea.

Talvez que o raio de luz, gerador de Zoroastro, seja uma simples figura hiperbólica entalhada no sentido de encarecer a sua origem, pois Zaratustra, seu cognome, autor do Código *Zend-Avesta*, parece ter vivido 2.300 anos antes de Moisés e haver sido o fundador da magia e do masdeísmo, religião dos iraneus, professada na Ásia pelos medas e pelos batrianos, antigos persas, e oriunda

---

(1) Esther Calderon — **Religiões, Mitos e Crendices.**

(2) Talvez que a expressão: Sair da coxa, equivalha a nascer do ventre, quando aplicada ao homem, pois no gênesis bíblico se depara no cap. I do **Êxodo**, v. 5: "Portanto, setenta eram todas as pessoas que tinham nascido da coxa de Jacó."

das lutas entre Ormuzd, anjo do bem, e Arimã, anjo do mal.

Hermes Trismegisto, nome primitivo que os gregos deram ao deus egípcio Tot, legou aos seus pósteros, como contemporâneo de Abraão, cerca de 2.000 livros, entre eles a Cabala, os quais consta se acharem nas Bibliotecas do Himalaia e do Tibet.

A ele se deve o início da ciência secreta, o ocultismo.

"Os ensinamentos do seu *Kaibalion* dominavam os seus discípulos em uma certeza absoluta de força e de realização, tendo eles a convicção absoluta de que, em qualquer lugar onde se achem os vestígios do Mestre, os ouvidos daqueles que estiverem preparados para receber o seu entendimento, por si só se abrirão completamente. Acrescentando que, quando os ouvidos dos discípulos estão preparados para ouvir, então vêm os lábios enchê-los de Sabedoria, e os lábios de sabedoria estão fechados, exceto aos ouvidos do Entendimento." (1)

Malabarismo de palavras, que nos deixam dores de cabeça.

Entre os mentores religiosos de antanho, depois de Rāma se destaca pela sua audácia o deus Brama, que, para os hindus, era sucessor dos vedas.

Trimurti constituía a trindade composta de Brama, Vishnu e Siva. Este deus do Indostão é considerado o criador do mundo.

---

(1) Esther Calderon — Ob. cit.

"A gênesis da religião bramânica está assim constituída: Tendo Brama resolvido em seu pensamento criar diversas pessoas à sua semelhança, fez primeiro as águas, nas quais depositou um gérmen. Este gérmen se tornou um brilhante ovo de ouro, tão brilhante como um astro de mil raios, do qual o ente primeiro nasceu ele mesmo na forma de Brama e avô de todos os seres, e, ainda pelo domínio espiritual de seu pensamento, Brama separou esse ovo em duas partes e destas formou o céu e a terra, no vácuo das quais fez a atmosfera, as oito regiões celestes e o recipiente permanente das águas.

"Depois de ter saído do ovo, o novo Brama criou os elementos que formaram em seguida os seres do Universo e o espírito superior de Paramatma, que os significa. No entanto, não foi propriamente o novo Brama quem criou diretamente os semi-homens, mas, sim, o primeiro homem Manu, que dizem os brâmanes ter sido positivamente o seu primeiro homem. E Manu, por uma série de emanações, por sua vez criou uma porção de deuses, semi-homens e semideuses, gênios, demônios, enfim, vários elementos de adoração, que dominaram o Universo antes do seu Dilúvio." (1)

Quem não vê nesta salgalhada uma torpe imitação da gênesis bíblica, deturpada e envilecida com disparates, qual essa de haver nascido o deus Brama do ovo que ele mesmo engendrara? Ou seria Moisés no *Gênesis* quem copiou essa embrulhada, dourando-lhe melhor a pílula?

---

(1) Esther Calderon — Ob. cit.

Veja-se agora quanto o Código dos brâmanes era mais draconiano do que os nossos Códigos penais:

"As faltas cometidas pela desobediência ao dogma da Transmigração, ou metempsicose, assim se exemplificam: o *Xchatriya* ou *Vaysia* que ferir um brâmane, mesmo na só intenção de feri-lo, ainda que não o atinja, ficará condenado a girar em torno do inferno (Tamissa) durante cem anos. Se lhe bater, mesmo que seja simplesmente com um caniço, renascerá durante vinte e uma reencarnações no interior de um animal nojento. Tantos glóbulos de sangue de um deles absorvidos pela terra onde pereceu assassinado, serão substituídos em anos que o seu assassino terá que ser devorado por animais carnívoros, animais do outro mundo." (1)

Fábula própria para adormecer crianças turbulentas, quais as de Perrault, o Bramanismo ainda ocupa a atenção de milhares de criaturas, que se dão à ingrata preocupação de lhe revolver as cinzas mortas, e de onde se evola um cheiro acre de cadáver putrefato.

Não menos pretensioso é o Nosso Senhor o Buda, como lhe chamam os seus turiferários, que o veneram acima de todas as coisas, não dando confiança aos raptos da oração, nem a outro qualquer autor dos mundos. Para eles, Deus é figura somenos.

"N. S. o Buda, *né* príncipe Sarvartassida, ou Çãkia-Muni, a folhas tantas resolveu abraçar a vida religiosa, louvando-se na ciência dos Vedas. Nela achou muita

(1) Esther Calderon — Ob. cit.

coisa interessante em literatura, porém nada havia sobre a origem da dor. E daí ele fez-se asceta. Passou a viver em certo bosque sob a copa de um pipal e pouco a pouco foi ao encontro da revelação final. E eis que após sete semanas de profunda confabulação com os seus botões, obteve a iluminação final: estava formulado o dogma das "Quatro Verdades Excelentes", pedra angular da doutrina, síntese perfeita da religião-filosófica, assim concretizada: Tudo é sofrimento: a Dor, a Origem da Dor, o Caminho da Dor e a Destruição da Dor — essas as Quatro Verdades.

"Uma existência curta, uma vida longa, um estado doentio, uma boa saúde, a pobreza, a abundância, um nascimento inferior, ou um alto nascimento, a ignorância ou a Ciência, dependem de atos cometidos em vidas precedentes, mas Kāma, o deus budista, não ouve preces, não se comove, não admite desculpas. Mas... é justo. É a justiça na expressão mais elevada da palavra, cristalizada na mais pura essência.

"Dessarte iluminado, o Sr. Gautama, que também assim se denomina, principiou o seu apostolado através do vale do Ganges, sendo o seu sermão inicial a proclamação das *Quatro Verdades*, sermão chamado "Roda da Lei", durando quarenta anos a sua missão e havendo morrido aos oitenta (1), de uma indigestão de porco e arroz. (2)

---

(1) Cruzada Espiritualista — **Religiões Comparadas.**

(2) F. Nicolay — **Histoire des Croyences.**

E é somente com esse pouco que N. S. o Buda logrou conquistar até hoje setecentos milhões de adeptos, segundo os cálculos imaginários do bem-aventurado Senhor Oswaldo Silva, de quem copiei em síntese as instruções precedentes.

Ser budista, assim mesmo é na verdade bem menor estultícia que ser ateu.

Vamos ver se esmerilhamos a origem de Vishnu.

Era uma vez um sábio, chamado Manu, filho do Sol, o qual no fim do período precedente à grande submersão (o Dilúvio Universal), ao fazer as suas abluções, recolheu no côncavo da mão, sem que o percebesse, um peixinho mui lindo e pequenino. O sábio apressou-se então a restituí-lo ao seu elemento, mas o peixinho suplicou-lhe ternamente não fizesse isso, porque ele era tão pequeno e tinha muito medo da voracidade dos monstros marinhos. E tanto o peixinho se lastimou que Manu, compadecido do mimoso vertebrado, depositou-o numa espécie de terrina; mas no dia seguinte, indo vê-lo, achou-o bem maior e o mudou para um jarro. Três dias depois, porém, não havia jarro que pudesse conter o milagroso peixe, que crescia por tal maneira a não haver vasilha suficiente para abrigá-lo. Daí, Manu lançá-lo a um lago. Mas, o peixe não parara no seu fabuloso crescimento. Já nem o lago lhe era suficiente ao desenvolvimento — razão por que Manu o remove para o mar, em cujas águas tão-somente ele poderia manter-se à vontade.

Foi então que o peixe resolveu-se a fazer revelações a Manu sobre a sua poderosa individualidade. Ele era

nada menos que o avatar Matsya, ou uma das formas que Vishnu tomara para a realização do Dilúvio Universal. E como a bondade de Manu houvera sido tão excelente, Vishnu declarou-lhe que dentro de sete dias haveria o dilúvio, porém ele peixe enviaria, como aos sete *richis* (?), um grande navio, aconselhando-o a embarcar-se nele com um casal de todos os viventes da Terra e dos ares. Ele que guardasse uma semente de cada planta para brevemente replantá-las. (1)

Aqui temos, sem grande esforço, um novo Noé com a sua arca.

Sem mais comentários.

Não posso endossar tudo com que uma literatura esparsa nos vem de longe embalando em sonhos de um misticismo ilusório, no que respeita a essas figuras fantásticas de deuses e semideuses, que com uma varinha mágica enfiavam no fundo de uma agulha aquele Mefistófeles que o gênio de Goethe permitiu renovasse a velhice do alquimista Fausto e lhe restituísse a mocidade. Haja vista esse Krishna a quem se refere Edouard Schuré, e ao qual devemos uma das muitas notícias, não se sabendo se real, se a melhor ou a pior.

Sem auxílio de nenhum Espírito Santo, como o do Evangelho, Krishna nasceu da virgem Dévaqui, que se retirara para um deserto, fugida de um irmão cruel, o rei Kansa, e sentiu-se muito feliz em travar relações com

---

(1) Resumo tomado ao livro **Religiões, Mitos e Crendices**, de Esther Calderon, já citado.

alguns companheiros de folguedo. Mas, subitamente se torna tristonho ao ver-se abandonado por sua mãe.

Embrenhando-se nos matagais, esmaga serpentes e tigres com uma facilidade de quem mata baratas e mosquitos.

Mais tarde se torna um inspirado nas coisas superiores e resolve transformar-se numa espécie de Messias a pregar a doutrina do amor de Deus e do próximo, formando uma corte de discípulos, sem lhe faltar duas mulheres a seguirem-no à maneira de Jesus, parecendo-me uma lenda imaginada para menoscabar a obra do Divino Mestre, ou pelo menos para diminuí-la. Porém, como se dá com os Espíritos mistificadores, que deixam sempre a cauda de fora, o Krishna, que até no nome quiseram aproximá-lo ao do Cristo, depois de muito recomendar tolerância, perdão, humildade e o resto que se faz preciso para imitar Jesus, de uma feita em que a rainha Nysoumba, mulher do tal tio carrasco, chamou-lhe insensato e orgulhoso, o sobrinho exclama, entornando o caldo:

— Ah! desgraçada! sempre a tua peçonha! Corruptora, feiticeira negra, que não tens em teu coração senão o veneno das serpentes! Depura-te dele, ou eu me verei um dia forçado a esmagar-te a cabeça. Entretanto, irás com o rei para um lugar de penitência expiar os teus crimes, sob a vigilância dos brâmanes. (1)

---

(1) Edouard Schuré — **Os Grandes Iniciados.**

Parece incrível que haja quem ainda afirme ser o Cristo a reencarnação de Krishna.

Por pouco diriam que fora a reencarnação de Júpiter Tonante.

Mas voltemos a outros mais razoáveis.

Entre a raça amarela, no longo período que vai de 500 a 1200 anos a. C., pontificaram mais humanizados e porventura mais concordes com o espírito de redenção orientado pela bondade os patriarcas do Celeste Império Fo-Hi, Lao-Tseu e K'ong fu tse (Confúcio), os quais lançaram com abundância em circulação diversos livros de boa moral, genuinamente evangélica, contribuindo sobremaneira para a unidade religiosa do numerosíssimo povo do Oriente, separado do europeu por imensa diferenciação da raça, dos costumes e principalmente da precária civilização, só agora ali introduzida e espalhada, em virtude do intercâmbio das nações ocidentais, reciprocamente interessadas no seu progresso.

Posteriormente, já dentro da era cristã, em pleno século VI, o maometismo veio inspirar-se quer na religião moisaica, quer na cristã, sobre as quais modelou os seus postulados morais, constantes do Corão, ou Alcorão, tendo os seus adeptos por profetas a Adão, Noé, Abraão, Moisés e Jesus.

Refugiando-se às vezes em Meca, na cidade de Medina, onde têm a sua principal mesquita, os muçulmanos e os islamitas, seus sucessores, ainda mantêm o fogo sagrado do seu credo cheio de sinceridade. E as suas homenagens aos referidos cinco patriarcas se harmonizam na

mesma convicção, já que não podem remontar a mais vastos e límpidos horizontes para distinguirem a diferença entre os quatro primeiros e o último, infinitamente distanciado como o Sol da Terra.

De outras religiões avitas abstenho-me de tratar, visto como apenas precisava entrar em ligeiras apreciações acerca da orientação cultural dos povos ancestrais, no interesse de conduzir este estudo de maneira a documentar os conceitos que terei de expender para focalizar a imponente figura do Divino Mestre e porventura deixá-la engrandecida e iluminada pelas mesmas irradiações provindas das luzes refletidas do seu Evangelho.

Aí fica da Sabedoria Antiga os indigestos caroços do dessaborido fruto, que apesar disso parece agradarem a alguns. Não tem faltado quem se irrite por considerar incompleta a obra de Jesus, o Cristianismo, entendendo que se deve invocar a Sabedoria Antiga como contingente complementar do seu apostolado.

A Sabedoria. . . que sabemos nós?

De um poeta, a quem lhe pediram notícias acerca da sabedoria, alguém obteve esta magnífica quintilha:

Socrate la cherchait aux beaux jours de la Grèce,
Platon, à Sumion, la cherchait aprés lui,
Deux mille ans sont passés, je la cherche aujourd'hui,
Deux mille ans passeront, et les enfants des hommes
S'ajiteront encore dans la nuit où nous sommes.

O VELHO TESTAMENTO

Se as religiões do passado, transmitidas pelos magos, se nutriam de demasiado fanatismo em conseqüência da incultura dos povos, aí temos a documentação de Moisés, embora muito sacrificada pelas tradições lendárias herdadas dos seus avoengos, robustecidas pelas crendices, suas coetâneas, e conservadas na memória das gerações militantes.

A Bíblia (1) é, em parte, um amontoado de narrativas sobre-humanas por absurdas, incompatíveis com a verdade dos fatos registrados na existência do homem moderno, naturalmente iguais à dos seus ancestrais, de vez que Deus não deve ter mudado de normas criadoras.

A par disso os fatos são narrados de forma a não merecerem crédito, qual o da constituição do mundo em seis dias, que parece referirem-se a períodos longos, signi-

(1) Na confecção deste trabalho o autor serviu-se da versão da Bíblia, devida ao Padre Antônio Pereira de Figueiredo.

ficados por dias, devido à forma de expressões muito naturalmente bem diversas da linguagem hodierna. (1)

Entre os índios e em geral no Oriente, a palavra que trasladamos por *dia* tem uma significação primitiva, que corresponde exatamente ao termo caldeu *sare*, revolução. (2)

Baseado na cosmogonia científica, Allan Kardec nos oferece este curioso esquema:

Primeiro dia — No Gênesis: o céu e a terra — A luz.

Na Ciência — Período Astronômico — Aglomeração da matéria cósmica universal, num ponto do espaço, numa nebulosa que deu nascimento, pela condensação da matéria em diversos pontos, às estrelas, ao Sol, à Terra, à Lua e a todos os planetas.

Segundo dia — O firmamento — Separação das águas que estão por baixo do firmamento, das que estão por cima.

Na Ciência — Período primário — Endurecimento da superfície da Terra pelo resfriamento; formação das camadas graníticas — Atmosfera espessa e ardente, impenetrável aos raios do Sol — Precipitação gradual da água e das matérias sólidas volatilizadas no ar. — Ausência completa da vida orgânica.

---

(1) Contarás sete semanas de anos, isto é, sete vezes sete, que fazem ao todo quarenta e nove anos (**Levítico**, cap. XXV, v. 8).

Conforme o número dos quarenta dias, em que reconheceste a Terra; contar-se-á um ano por cada dia. E por espaço de quarenta anos pagareis a pena das vossas iniqüidades (**Números**, cap. XIV, v. 34).

(2) Bailly — **Histoire de l'Astronomie Indienne.**

Terceiro dia — As águas que estão por baixo do firmamento reúnem-se; o elemento árido aparece — A terra e os mares — As plantas.

Na Ciência — Período de transição — As águas cobrem toda a superfície do Globo — Primeiros depósitos de sedimento formados pelas águas — Calor úmido — O Sol principia a penetrar a atmosfera nublada — Primeiros seres organizados da mais baixa constituição — Liquens, musgos, fetos, licopódios, plantas herbáceas, vegetação colossal — Primeiros animais marinhos; zoófitos, pólipos, crustáceos — Depósito de carvão de pedra.

Quarto dia — O Sol, a Lua e as estrelas.

Na Ciência — Período secundário — Superfície da terra pouco acidentada; águas pouco profundas e pantanosas. Temperatura menos ardente; atmosfera mais purificada. Depósitos consideráveis de calcários formados pelas águas — Vegetação menos colossal; novas espécies; plantas lenhosas; primeiras árvores. — Peixes; cetáceos; grandes reptis aquáticos e anfíbios.

Quinto dia — Os peixes e os pássaros.

Na Ciência — Período terciário — Grandes levantamentos da crosta sólida; formação dos continentes. Retirada das águas para os lugares baixos; formação dos mares. — Atmosfera purificada; temperatura atual pelo calor solar. — Animais terrestres gigantescos. — Vegetais gigantescos. — Pássaros.

Sexto dia — Os animais terrestres. — O homem.

Na Ciência — Período quaternário ou pós-diluviano — Terrenos de aluvião. Vegetais e animais atuais. — O homem.

Quanto à incongruente criação de Adão feito de barro, não deixa de vir a propósito o que se acha escrito na *Histoire Universelle*, à página 200, referente a uma lenda extraída do *Zend-Avesta*, assim concebida:

"Ormuzd, o deus bom, colocou na Terra o primeiro homem e a primeira mulher *Meshia* e *Meshiahé*, destinados a morrerem como todos os seres criados. Prometeu-lhes constante felicidade neste e no outro mundo, com a condição de o adorarem como sendo o autor de todos os bens. Durante muito tempo o casal se conformou com isso, e suas palavras, pensamentos e ações eram puros, e eles executavam santamente a vontade de Ormuzd quando se aproximavam um do outro. Mas, um dia, o deus do mal, Arimã, aparecendo-lhes sob a pele de uma serpente, sua forma habitual, os enganou, pela habilidade da sua palavra e fez-se adorar como sendo o princípio de tudo quanto era bom. Desde então as suas almas foram condenadas ao inferno até à ressurreição. A vida tornou-se-lhes cheia de penas e sofrimentos; tiveram frio, fome e sede, e, aproveitando-se dos seus tormentos, veio um demônio e lhes trouxe uma fruta sobre a qual eles se atiraram sedentos. Foi a segunda fraqueza, em conseqüência da qual seus males redobraram. Sobre cem prazeres anteriores só lhes ficou um. Caminhando então de tentação em tentação, de queda em queda, joguetes dos demônios e da miséria, só conseguindo prover a existên-

cia à força de invenções e de fadigas, eles esqueceram-se de se unir durante cinqüenta anos, e Meshiahé só concebeu após esse lapso de tempo." (Tradução de A. Leterre. Do seu livro *Jesus e sua Doutrina.*)

Se non è vero è bene trovato. E se for verdade, verifica-se, como querem alguns, que as narrativas de Moisés estão sujeitas a reminiscências tradicionais, hereditárias na mentalidade dos homens do seu tempo.

Assim mesmo, a lenda de Ormuzd é mais razoável que a deturpação moisaica. Zaratustra, autor do *Zend-Avesta*, sempre era mais sábio do que Jeová. Quem o diria?

O mesmo paciente exegeta, de quem copiei o tópico lido, fornece-me algumas interessantes informações sobre os seis dias da criação. Desse hábil historiador me socorrerei por vezes, louvando-me no seu extensíssimo trabalho de investigações, reunidos nos livros *Jesus e sua Doutrina* e *Hiláritas*. É do segundo estas notas:

"Em *Suidas* no antigo *Tirrenia*, se vê que esta idéia (os seis dias da criação) foi copiada textualmente da cosmogonia dos toscanos, que existiram muitos séculos antes de Moisés, do Arno ao Tibre.

Assim reza essa cosmogonia:

No 1.° mil ele fez o céu e a terra;

No 2.° mil ele fez o firmamento, a que chamou céu;

No 3.° mil ele fez o mar e as águas, que correm na terra;

No 4.° mil ele fez os dois grandes fachos da Natureza;

No 5.° mil ele fez a alma dos pássaros, dos reptis, dos quadrúpedes, dos animais que vivem no ar, sobre a terra e no mar;

No 6.° mil ele fez o homem;

Mas os toscanos a seu turno receberam esta divisão dos persas. Zoroastro dividia o tempo pela criação do mundo em doze Prefeituras, sendo de seis mil anos, correspondentes a Deus, e outros seis mil, correspondentes a Arimã (o Diabo). (1)

Como se vê, dos antigos reveladores remanescem noções demasiado místicas, algumas mesmo exteriorizando o impossível; e foi com esse carunchoso material que se compôs o edifício da primitiva sociedade religiosa.

Assim, pois, o *Velho Testamento* está saturado de contradições e de *privilégios* (2) em favor de muitos dos figurantes, que ali aparecem conversando diretamente em diálogos com o Autor da Criação, como se isso fora possível numa época ainda de iniciação do homem primitivo, pecador, selvático, a embaraçar o ambiente no qual os próprios Enviados especiais, Abraão, Melquisedec, Moisés e outros teriam de estabelecer lutas para vencerem a atmosfera negativa.

---

(1) A. Leterre — **Hilháritas.**

(2) Por todo este livro vai o leitor encontrar muitas palavras especialmente grifadas pelo autor, sem que o estejam na parte original — isso no intuito proposital de bem lhe chamar a atenção para a essência do pensamento.

Nada obstante, dos mais acatados livros históricos são ainda as Escrituras Sagradas aquelas de onde nos derivam os melhores esclarecimentos sobre as atividades do homem pós-diluviano, transpirando vida e energia, demonstrando idéias razoáveis e atitudes de interesse pelo progresso, conquanto em relação ao prisma do culto permaneçam os prejuízos do insciente homem das cavernas em admitir erronias embaraçadoras da sua natural evolução.

Na magnífica obra *Ensinos Espiritualistas*, devida ao pastor Stainton Moses, na qual os elevados Espíritos Imperator e Rector se apresentam como diretores daquele investigador, encontro fartos subsídios, que se me afiguram preciosos para conhecermos algo de valioso sobre a contextura da Bíblia.

São de Imperator estas observações:

"Fizestes Deus pronunciar palavras que Ele nunca conheceu; atribuís-Lhe leis que Ele reprovaria (1). Deus, o nosso caro Deus amante, terno, piedoso, regozijar-se punindo com mão cruel os seus filhos desgarrados e ignorantes. Desprezível fábula, baixa e louca concepção nascida do espírito brutal, grosseiro e limitado do homem." (Ob. cit.)

---

(1) Aconteceu que, estando os filhos de Israel no deserto e achando um homem enfeixando lenha no dia de sábado, apresentaram-no a Moisés, a Aarão e a todo o povo, os quais o meteram em prisão, não sabendo o que fazer dele; e então disse o Senhor a Moisés: Este homem que morra de morte e todo o povo o apedreje fora do arraial. (**Números**, cap. XV, vv. 32 a 35.)

Disse o Senhor a Moisés: Toma todos os principes do povo e pendura-os em forcas contra o Sol para que o meu furor se aparte de Israel. (**Números**, cap. XXV, v. 4.)

As tradições, pejadas de misticismo e mistério, vieram adulterar o pensamento originário, ainda assim obnubilado nas brumas de um raciocínio incapaz de vôos altaneiros. Nota-se uma confusão de fatos, um amálgama de notícias imprecisas, incoerentes, sem melhores esclarecimentos, e admirável é verem-se homens ainda hoje aferrados a esse livro, buscando desencravar dele a decifração das suas páginas por vezes apocalípticas, quando não desconexas.

Claro que o livro de Moisés foi obra da sua mesma inspiração como verdadeiro médium, não de Deus, mas de Jesus, porém a sua capacidade não ia além daquele limite traçado ao homem para revelar as verdades compatíveis com as exigências da época, e daí o seguinte esclarecimento de Imperator:

"Acham-se em todas as partes da Bíblia os traços da individualidade do médium, erros causados por um confronto imperfeito, e a impressão das suas opiniões, assim como as particularidades referentes às necessidades especiais do povo, ao qual a comunicação foi primeiramente dirigida.

"Numerosos exemplos desse fato podem ser verificados. Quando Isaías repetiu ao povo a comunicação de que estava encarregado, o seu discurso foi caracterizado pela sua própria individualidade e o adaptou às necessidades particulares do povo que o ouvia. Falou, é verdade, do Deus Supremo, porém, num estilo poético, com imagens patéticas, mas diversas das metáforas características de Ezequiel. Daniel tem visões de glória; Jeremias,

os seus estribilhos vazados nas palavras do Senhor; Oséias, o seu simbolismo místico. Cada um conforme o seu modo individual fala de Jeová, tal como o conhece. Semelhantemente, mais tarde a natureza característica das comunicações individuais é conservada. Conquanto Paulo e Pedro falem da mesma verdade, quase a consideram sob aspectos diferentes. No entanto, a verdade não é menos real porque dois homens de espírito diverso a vejam por prisma oposto e falem dela conforme a compreendam. A individualidade do médium é palpável no estilo, senão no assunto da comunicação. A inspiração é divina, mas o médium é humano. Resulta daí que o homem pode achar na Bíblia o reflexo do seu próprio espírito, qualquer que seja o gênero desse espírito." (1)

Todavia, nada se perde da obra universal, e assim é que as lições do passado são magníficos contingentes de clarões para o futuro. A verdade, disse Schopenhauer, não é uma cortesã que salte ao pescoço do primeiro aventureiro que lhe apareça.

"Aprendereis mais tarde que a revelação nunca cessa, e que é progressiva, sem horas nem limites; não pertence a nenhum povo, nem a pessoa alguma. Deus se revela gradualmente à Humanidade." (2)

Eis aqui o que também nos veio do Alto:

"Por que é que a verdade não esteve sempre ao alcance de todos?

---

(1) Moses — Ob. cit.
(2) Id. ibid.

"É necessário que cada coisa venha a seu tempo. A verdade é como a luz. É preciso nos habituarmos a ela pouco a pouco, do contrário seremos deslumbrados. Jamais Deus permitiu aos homens receberem comunicações tão completas como as que agora lhes são dadas. Como sabeis, nos antigos tempos existiram indivíduos de posse do que eles consideravam uma ciência sagrada, e da qual faziam mistério para os reputados profanos. Deveis compreender, pelo conhecimento que tendes das leis que regem esses fenômenos, que tais homens só recebiam algumas verdades esparsas no meio de um todo equívoco e na sua maior parte emblemático. Entretanto, para o homem de estudo não há sistema filosófico antigo, não há tradição nem religião alguma que deva ser desprezada, porque todos encerram germens de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias umas das outras, dispersas como estão por entre acessórios sem fundamento, são de mui fácil coordenação", etc. (1)

Atravessada essa fase do passado e dela colhendo as noções indispensáveis para que não encontrássemos solução de continuidade na vida dos povos, chegaremos rápidos como o pensamento ao período que poderemos considerar de ouro, ou seja aquele no qual nos veio banhar uma poderosa rajada de luz, quando o Divino Mestre nos visitou.

---

(1) **O Livro dos Espíritos**, nº 628.

OS EVANGELHOS E OS SEUS AUTORES

A Crítica insidiosa que, de vez em quando, qual a hidra de Lerna, se tem reanimado, atirando-se contra a instituição da História de Jesus através dos quatro livros canônicos, que correm mundo, vertidos em todos os idiomas, não se justifica senão na falta de ponderada moderação para julgar as coisas sem as ansiedades geradas pela irreflexão e pela pressa com que, inflamados por um espírito infantil, agem aqueles que mais parecem possuídos de animosidade do que amadurecidos nas cogitações dos altos problemas que compõem e integram o destino e finalidade dos povos.

Querem uns que os evangelistas se contradizem, outros que mui pouco esclarecem, ainda outros que eles faltam à verdade nas citações geográficas, cronológicas e genealógicas.

Sabe-se quanto difere a narrativa de quaisquer fatos comezinhos, quando citados por diversos comentado-

res, mesmo assistentes dos casos, nunca sendo harmonicamente contados e parecendo às vezes bem diversos na estrutura e exatidão da ocorrência.

Não é rara a divergência de testemunhas oculares de crimes, que os referem sob colorido diferente, determinando a reinquirição das mesmas pelos juízes que têm de julgar o feito, para melhor esclarecimento. É isso um fato incontroverso.

Os evangelistas louvaram-se, quanto a Mateus e João, no próprio testemunho, e Marcos e Lucas nas informações colhidas de outrem, ou na cópia de ligeiras notas ocasionais, possivelmente tomadas por quem acompanhara o Mestre na sua *via crucis*.

Muitos foram os interessados em grafar os acontecimentos da notável tragédia do Calvário, e parece haver excedido de oitenta os Evangelhos escritos pelos historiadores desse tempo. Naturalmente não houve um só que narrasse os fatos com a mesma fidelidade e igual seqüência.

Os próprios dois apóstolos Mateus e João certo não iam procedendo à escrituração de uma espécie de Diário dos acontecimentos. Não lhes seria mesmo possível guardar de outiva as palavras do Divino Mestre, para dá-las todas textualmente sem discrepância. Nem hoje os próprios oradores dispensam o taquígrafo.

O que fizeram os evangelistas ainda assim assume as proporções de um assombroso prodígio de memória, conquanto ajudados pela inspiração do Alto, que decerto não lhes faltara para a consecução da parte menos lacuno-

sa e prejudicial ao conhecimento dos verdadeiros sucessos. Isso o comprova a revivescência do precioso legado, devida a São Jerônimo, o tradutor da *Vulgata* (a que me referirei adiante), ficando sem efeito a versão chamada dos *Setenta*, que prevaleceu até ao ano de 384, embora a Vulgata viesse a sofrer algumas acomodações ao sabor da Igreja Romana.

Quem conhece as dificuldades em se escreverem fatos e notícias sem o auxílio de todos os pormenores, que os devem contornar, alguns embora somenos para a sua verossimilidade, não fará carga cerrada aos beneméritos divulgadores da mais estupenda História que já se escreveu desde que o mundo é mundo.

Chega a ser uma ingratidão sem exemplo o anátema que lhe lançam, uma injustiça tremenda aos quatro maiores vultos dentre os historiadores dos fatos da Humanidade, os quais não visavam outro favor além do de ofertar aos pósteros a herança da Felicidade porvindoura — ingratidão e injustiça com que eles certamente não contavam, almas de eleição que eram, e nas quais o Mestre encontrara o ouro da virtude, da humildade e do amor.

Certamente aqueles que os deprimem não são dignos de desatar as correias das suas sandálias.

Elaborando a sua obra muito depois que o Redentor houvera deixado na terra o seu rastro luminoso, os evangelistas tiveram de se acostar em reminiscências e informações tradicionais, em notas guardadas por eles mesmos e outrem, especialmente sendo instruídos pela grande

massa de pessoas curadas pelo benemérito médico das almas, que fora Jesus.

Sobre os locais das cenas, exatidão de datas, número das figuras secundárias — meros comparsas no cenário, mas sem significação substancial — reprodução literal das lições e diálogos, referências que em nada alterassem o fundo rigoroso da exposição real do que mais importava saber, não se afadigaram os historiadores, uma vez que no quadro se estampasse com relevo toda a beleza dessa singular figura, que não seria jamais eclipsada, e sobretudo que dentro do retábulo ficasse imortalmente traçada a sua Alma angélica e divinamente fascinadora, a esteriotipar com letras de luz, em perpétua claridade, os mais santificados conselhos redentores dos corações enfermos, para a sua reabilitação, a conquistar com o completo desafogo das lágrimas calcinantes, que são o prêmio da nossa inferioridade.

Isso conseguiram os humílimos apóstolos Mateus e João, o singelo Marcos e o talentoso médico e pintor Lucas, tão emérito e esmerado colorista na tela quanto no livro. O Evangelho de Lucas é uma obra-prima de elegância e estilo. O artista, ali, excedeu-se a si mesmo. Talvez o eflúvio santificador do assunto lhe envolvesse a alma e se transfundisse à pena quando deslizava sobre o papiro.

Oh! quão balsâmico é o aroma que se evola dessas páginas traçadas em ouro, filigranadas com estrias de perfulgente luz!

Em que arrebatados remígios se alcandora o espírito inebriado no sonho magnético de indizível ventura!

Como nos aparece Jesus dentro de um halo todo feito de esplendores de mil sóis aurifulgentes, com aqueles braços abertos, não já na cruz, mas abrangendo o Universo inteiro!

Confrontando-se os quatro Evangelhos, sem má-fé, nota-se tão grande semelhança nalguns pontos, que até parecem copiados uns dos outros no conjunto, guardadas pequenas diferenças de estilo.

Por eles se repara que Jesus nunca se referiu às religiões pretéritas, tão avaramente conservadas e ainda queridas por alguns espíritos retrógrados. O Mestre, quando a propósito, só aludiu aos patriarcas das Escrituras: Noé, Abraão, Daniel, Moisés e os profetas, especialmente ao mais iluminado vidente — Isaías, que preconizara tudo quanto estava predestinado ao Messias, com detalhes positivamente verificados, sem que nada escapasse aos seus inspirados vaticínios.

A essas personagens antigas Jesus se referiu 33 vezes no Evangelho de Mateus, 17 no de Marcos, 38 no de Lucas e 23 no de João. Por sua vez Mateus os menciona 23 vezes, Marcos 5, Lucas 28 e João 19, ficando assim exuberantemente comprovado que todos os diretores espirituais dos povos do Oriente perderam o prestígio diante da Revelação messiânica. Só a lei moisaica tinha valor aos olhos de Jesus, que não a veio destruir, mas dar-lhe cumprimento e torná-la mais conforme ao espírito e necessidades do século.

Talvez o leitor aprecie a estatística abaixo sobre o trabalho dos evangelistas e sua extensão de capítulos e versículos:

Mateus escreveu 28 capítulos com 1070 versículos; Marcos — 16 capítulos com 677 versículos; Lucas — 24 capítulos com 1151 versículos e João — 21 capítulos com 879 versículos.

Ainda não pude compreender por que motivo chamam sinópticos a Mateus, Marcos e Lucas, parecendo tacitamente que João foi mais circunstanciado do que os seus companheiros na sua exposição. Pelo quadro que ofereço no fim deste capítulo ver-se-á que, se ele nos deu como fatos inéditos o milagre das bodas de Caná, o diálogo de Nicodemos, o outro da Samaritana, o episódio da mulher adúltera, a ressurreição de Lázaro, o Lava-pés e o futuro envio do Consolador, Lucas, em vantajosa compensação, revelou o anúncio do anjo Gabriel à Virgem Maria, a viagem de Jesus a Jerusalém, aos doze anos, a pregar entre os doutores da sinagoga, a parábola do bom samaritano, a pesca milagrosa, a pecadora em casa do fariseu, a recriminação sobre a escolha dos primeiros lugares, Jesus em casa de Zaqueu, os cuidados do corpo, a passagem de Lázaro e o avarento e a do fariseu e o publicano. Mateus, só com o estupendo Sermão da Montanha, podia ter quebrado a pena; mas ainda nos alcandora o espírito com aquelas maravilhosas parábolas de sabor indefinível, nas quais não se sabe o que mais admirar, se a propriedade dos ensinamentos, se a doçura e percuciên-

cia da indireta, que vinha como uma carapuça ajustar-se a todas as cabeças.

Há fatos absolutamente idênticos, narrados pelos chamados sinópticos, alguns dos quais também contados por João, como se apreciará na resenha adiante inserida; mas, a expulsão dos vendilhões do templo, que os outros citam Jerusalém como teatro, talvez por um lapso de memória diz ele haver sido em Cafarnaum após Jesus ter saído de Caná, onde transformara a água em vinho a pedido de sua mãe, acrescentando o evangelista ter sido esse o primeiro milagre operado pelo Mestre, ao contrário do que informa Mateus quando se refere à cura do leproso por Jesus, em Jerusalém, logo após a sua descida do Monte das Oliveiras, onde pregara o seu maravilhoso sermão.

A Galiléia compunha-se das cidades de Nazaré, Naim, Séforis, Caná, Cafarnaum, Magdala, Zabulon e Tiberíade. Para a estrada de Jerusalém, a grande distância, tinha de passar-se por Samaria, que ficava exatamente no meio da viagem. Por isso, deve haver engano no depoimento de João sobre o local da expulsão dos vendilhões, cuja posição geográfica ficava no extremo da província citada.

A respeito da angélica e encantadora figura de Maria de Betânia paira um desencontro de apreciações entre os narradores.

Diz Mateus que, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão o leproso (Lázaro) uma *mulher* chegou-se a Ele e lhe derramou sobre a cabeça uma redoma de bálsamo, levando os seus discípulos a reprovarem o desper-

dício do dinheiro gasto com o perfume, e que se poderia distribuir com os pobres. Marcos, repete, *mutatis mutandis*, a mesma informação, vendo-se ser uma cópia fiel. João, de seu lado, conta uma viagem de Jesus a Betânia, onde morava Lázaro, a quem Ele ressuscitara. Deram-lhe uma ceia, na qual servia Marta. Sua irmã Maria toma uma libra de bálsamo e unge os pés de Jesus e os enxuga com os cabelos. Aí foi Judas, e não os convidados, quem reprochou o desperdício da quantia consumida no perfume, que renderia trezentos dinheiros em favor dos pobres. O Mestre então alegou que os pobres sempre os teriam, e a Ele não, tal qual replicara, segundo Mateus e Marcos. Este episódio não escapou ao comento de Lucas, que parece haver truncado os fatos, quando cita no capítulo X que Jesus entrou numa aldeia, e *uma mulher*, por nome Marta, o hospedou em sua casa (a aldeia devia ser Betânia, onde morava Lázaro). Enquanto Marta se entregava aos afazeres domésticos, a irmã se deliciava a beber dos lábios do Divino Mestre as palavras de esperança e consolação acerca dos destinos imortais. Marta o interpela sobre o descaso de Maria, que não a vinha ajudar nos misteres caseiros, e é quando Jesus a adverte que Maria escolhera a melhor parte, aquela que lhe não seria tirada. Não houve no momento o derrame de bálsamo, mas convém esclarecer que fazia parte tradicional dos hábitos sociais, quando algum visitante chegava, a dona da casa untá-lo com bálsamo (1), parecendo assim que

(1) Quem o disse foi Renan, que assistiu a uma cena dessas em Sour, cidade do Oriente.

a mulher citada por Mateus e por Marcos fora Maria de Betânia, conforme João, e não alguma outra estranha, como referem aqueles dois evangelistas.

Ao findar a narrativa da cura do filho da viúva de Naim, Lucas, sem mencionar a localidade, conta que um fariseu convidou Jesus para comer com ele. Já sentado à mesa, *uma mulher* pecadora, que havia na cidade e soubera da visita, lança-se-lhe aos pés orvalhando-os com lágrimas e os enxugava com os cabelos, ungindo-os depois com bálsamo. Considerando consigo mesmo sobre como Jesus, sendo profeta, não via ali uma pecadora, este lhe responde ao pensamento por meio de uma parábola, mostrando a generosidade da quitação de uma dívida ao que maior soma devia. Mas, a observação é feita a um tal Simão, e este é o nome de Lázaro, irmão de Maria de Betânia. E o evangelista prossegue com as seguintes palavras dirigidas a Simão, que no caso contado era fariseu: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me deste água para os pés, mas esta, com as suas lágrimas, regou-me os pés e os enxugou com os cabelos. Não me deste ósculo, mas esta, desde que entrou, não cessou de me beijar os pés. Pelo que te digo que perdoados lhe são seus muitos pecados porque muito amou." (Cap. VII, v. 44.)

Havendo Lucas tomado o encargo de escrever por informações a história de Jesus, parece aqui tratar-se de Lázaro, não de um fariseu, e de Maria, irmã daquele, pelo símile da unção do bálsamo, corroborado pela sanção do Mestre ao seu ato, como, quando ao referir-se à mesma virtuosa admiradora, a defendera contra os ciúmes de

Judas, dizendo que o procedimento de Maria seria contado enquanto se pregasse o Evangelho, que o seria por todo o mundo, para memória sua e conhecimento da sua ação.

Sobre a amorosa e reconhecida figura de Maria Madalena tem também havido uma clamorosa e deprimente confusão em dá-la como pecadora, mas no sentido pejorativo de adúltera. Por quê? Talvez confundindo-a com essa a que se refere Lucas, acima mencionada, embora o seu nome ficasse no silêncio tumular do anonimato. No entanto, a talvez muito honesta criatura, a caroável Madalena, é prostituída gratuitamente ainda hoje ao se dizer de alguma messalina: "Pobre Madalena arrependida!" Arrependida de quê? Generosa e santa mulher! Como te cospem nas faces o vilipêndio, a ti que nunca deixaste de seguir as pegadas dAquele que te houvera benevolamente expulsado sete demônios, a que se referem Marcos e Lucas (1), sem outro maior pesadume sobre a tua alma sensível, nem mancha negra que te maculasse!

Repugna admitir-se Maria de Magdala como sendo pecadora da carne, desde que a vemos tão singularmente conceituada por Jesus ao ponto de só ela haver sido digna de lhe presenciar o reaparecimento logo após a sua ressurreição. Nem sua própria mãe tivera igual solicitude de o observar e chorar-lhe a morte, como a fiel ancila o fizera, reprimindo os singultos do seu amoroso coração. A sua alma alanceada era bastante alva e imacula-

---

(1) Marcos, cap. XVI, v. 9; Lucas, cap. VIII, v. 2.

da para ter a vidência do Mestre, que a surpreende a soluçar junto ao sepulcro e que, conforme informa João, lhe pergunta: "Mulher, por que choras? A quem buscas? Vai dizer a meus irmãos que vou para o Pai." (1)

Entre as pequenas e toleráveis confusões dos evangelistas deu-se a do número de mulheres presentes à crucificação de Jesus. Mateus diz terem sido Madalena, a mãe de Tiago e de José, e a mãe dos filhos de Zebedeu (a mesma mãe de Tiago, portanto), parecendo haver na frase: "e a mãe dos filhos", devido à conjunção "e" aliada ao artigo "a", alusão a duas entidades distintas; mas tanto assim não é que, em verseto adiante, diz o escritor: "E Maria Madalena e a outra Maria estavam ali presentes defronte do sepulcro." Qual Maria era a outra? A mãe de Tiago e de José, e igualmente mulher de Zebedeu, uma mesma e única. Mas também aqui houve desvio de nomes, porque no capítulo X do mesmo autor diz ele, referindo-se à escolha dos discípulos, que Tiago era filho de Zebedeu, bem assim João, seu irmão (e não José), nome esse referendado por Marcos e Lucas. Marcos, no capítulo III, fala de Tiago, filho de Zebedeu, e João, irmão de Tiago. Por sua vez reza Lucas no capítulo V que Tiago e João, filhos de Zebedeu, ficaram atônitos com a abundância de peixes na pesca maravilhosa. Vê-se, pois, que a mulher citada por Mateus era a mãe de Tiago e de João, e não de José — personagem esta sem existência conhecida, ali introduzida por descuido do redator.

---

(1) João, cap. XX, vv. 15 e 17.

Na tarde de sábado — continua o narrador — vieram Maria Madalena e a outra Maria ver o sepulcro (note-se a menção apenas de duas Marias) e lhes apareceu não só o anjo como o mesmo Jesus, ao passo que João diz ser somente à Madalena o aparecimento. Por sua vez diz Marcos estarem presentes Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago menor e José (a mesma troca de nome, parecendo que Marcos copiou de Mateus) e Salomé. No sábado, Madalena, Maria, mãe de Tiago, e a Salomé compraram aromas. Agora é a três mulheres que o anjo e Jesus aparecem. Lucas é omisso na citação de nomes nesse ato, aludindo apenas às "três mulheres que tinham vindo da Galiléia com Jesus". E no primeiro dia da semana voltaram ao sepulcro e viram o anjo a lhes comunicar que Jesus não estava mais ali. E regressaram para contar essa notícia aos onze — comenta o diligente escritor.

Naturalmente fio-me das duas traduções portuguesas confrontando-as (1), e com elas respigo estas notas, sem preocupação de menoscabar a obra preciosa e exaustiva dos abençoados discípulos do Nazareno. Ao contrário, é meu intuito estabelecer o paralelo das citações e sublinhar a insignificância dos desacordos, que em nada alteram a ereção do grandioso edifício, nem lhe abalam os fundamentos. A imprecisão em descrever as cores da pintura, em referir a altura da cúpula, em mencionar o número de balaústres, em desenhar as molduras da cornija, em

(1) Os mesmos equívocos estão nas versões espanhola, francesa, italiana e inglesa.

precisar a madeira do soalho, nunca pode corresponder à demolição dos andares de um palácio faustoso, cimentado sobre a rocha indiferente e invulnerável às calamidades dos séculos.

Ao demais, para contrabalançar essas pequenas nugas, aí temos nós a perfeita unanimidade dos quatro evangelistas em se referirem ao milagre da multiplicação dos pães, à expulsão dos vendilhões do templo, à alegoria da destruição do templo em três dias, à parábola do moço rico, à cura do paralítico, a ter Jesus andado sobre as águas, à sua entrada triunfal em Jerusalém, à sua visita a Lázaro, à ceia pascal, à delação de Judas e conseqüente suicídio, à rogativa de José de Arimatéia pelo corpo de Jesus, ao cantar do galo por três vezes, à crucificação e morte do Salvador e até ao anúncio do Consolador, a que os três sinópticos aludem, embora vagamente, quando Jesus lhes diz que voltaria sobre as nuvens do céu e que não os deixaria órfãos.

A tentação no deserto, a cura da hemorroíssa, a da filha de Jairo, a da sogra de Pedro, a do paralítico, a do menino mudo, a alegoria do pano novo em vestido velho, a família de Jesus à sua procura, a tempestade acalmada, a moeda de César, a transfiguração no Tabor, a parábola do semeador, a declaração de Jesus de que ia morrer, o seu afastamento para orar, o auxílio de Simão, o cireneu, em carregar o madeiro, a intuição arguciosa de Pedro ao dizer: “Tu és o Cristo”, tudo isso é escrito e referendado pelos três sinópticos com idênticos pormenores, apenas variando de palavras, como é naturalíssimo admitir.

Apenas na cura do paralítico, João quer que o fato se realizasse num tanque, com cuja água ficava curado qualquer padecente. O pobrezinho se lamentava por nunca lhe chegar a vez, visto que todos se imergiam primeiro. Jesus o manda erguer-se, e o homem toma a sua cama e põe-se a andar afrontando as iras dos fariseus, porque o caso se dera num sábado. Segundo Mateus, a cura foi realizada no leito do enfermo. Marcos fala de uma casa onde havia muita gente, sendo ela destelhada para, por uma abertura, descer o paralítico. Com este depoimento está literalmente de acordo Lucas.

No caso do endemoninhado, de quem Jesus expulsou uma legião de obsessores, que se denominavam mesmo Legião, e que lhe rogavam mandá-los para uma manada de porcos ali perto, diz Mateus serem dois os pacientes, ao passo que Marcos e Lucas referem ser um só. É mais razoável a última versão, visto parecer inverossímil que vivessem juntos dois endemoninhados pelos sepulcros do país dos gerasenos no mesmo singular suplício e ambos se identificassem nessa obsessão de se acomodarem em túmulos. Como se vê, um nada de incoerência, que não desabona a memória nem a tradição dos fatos, quanto à sua realidade, senão aos examinadores da História que se aprazem com picuinhas e em cujos odres velhos não vale a pena lançar vinho novo.

Que mais exigir, em relativa fidelidade, quando nem um só historiador, no passado e no presente, se houve com tão perfeita sinceridade e isenção de ânimo, quanto desinteresse próprio nem paixão partidária?

Os evangelistas miravam tão-somente ao papel de repórteres, com a desvantagem de não serem assalariados para o nobre mister. A sua trabalhosa empresa era um caso de consciência, um dever moral a cumprir, um apelo da própria alma redimida, ressuscitada para vôos mais altos, para esperanças mais tangíveis e duradouras.

Enquanto baixavam a cabeça sobre as laudas do seu relato, desciam-lhes as claridades do céu e os envolviam num nimbo santificador a abençoá-los para toda a eternidade. Não quiseram que a luz ficasse sob o alqueire, não sofrearam os ímpetos do coração pletórico de sangue renovado, que lhes ordenava com império fartassem aqueles que tinham fome e sede de Justiça. Benditos sejam eles! Benditos e glorificados por nos haverem deliciado com uma perspectiva sublimada pelas irradiações que se perdem no infinito da espiritualidade!

Através das suas oblatas, dos seus hinos, das suas comoções e pasmos, entre as pétalas e os espinhos com que juncaram as estradas por onde perlustrou o Mestre, adivinha-se o panejamento da sua túnica inconsútil, ouve-se o seu verbo divino, percebem-se as passadas da sua angélica figura, a repetir as mesmas recomendações de outrora, a pisar os mesmos pedregosos atalhos, carregando por derradeiro a cruz, subindo o Gólgota, expirando no alto do madeiro, sentindo a lança traspassar-lhe a ilharga, o mascoto aplicar-lhe o crurifrágio. Não obstante, como que no extremo da agonia moral quereria clamar de novo: "Amai-vos uns aos outros como eu vos amei."

De lá da eternidade prelibamos o dulçor da sua carinhosa evocação em bem da Caridade naquele abnegado samaritano que descera do seu cavalo para levantar da estrada de Jericó o homem ferido pelos ladrões, que o saquearam. Escutamos a sua prática à Samaritana no poço de Jacó, onde anunciara a água viva com a qual, bebendo, ninguém mais teria sede. Ouvimos a doce palavra de perdão à mulher que havia conspurcado o leito conjugal, e sobre a qual nem Ele mesmo quisera atirar a primeira pedra. Chega-nos aos ouvidos o rumor da lição a Nicodemos acerca da pluralidade de vidas. Vem-nos no sopro da brisa o eco sonoro dessa soberba noção de Justiça na pessoa do mendigo Lázaro, a quem os cães vinham lamber as úlceras, e que, morrendo, foi levado pelos anjos ao seio de Abraão, onde encontra o avarento que lhe negava as migalhas caídas da sua mesa, e que, de longe, lhe suplica então, na angústia que por sua vez o flagelava, molhar em água a ponta do seu dedo para refrescar a sede que o abrasava.

Assim também revocamos a apóstrofe aos fariseus redivivos nesta época; aos mercadores do templo, ainda se dando agora a maior e mais vil comércio; aos que deixam a semente cair no pedregulho; aos que escolhem os primeiros lugares em todas as situações; aos que dão mais a César do que a Deus, mais a Mamon do que ao Senhor; aos hipócritas — obstinados ególatras, que se acotovelam entre as multidões ululantes, simulando serem êmulos de Moloc, mas cobiçando o trono de ouro de Creso, compondo de dia ditirambos às virtudes de Andrômaca, mas à noite resvalando no leito poluído de Lucrécia.

E foi para esses impassíveis e endurecidos espectadores que, durante três anos, escreveste com a pena mergulhada no teu precioso sangue a amargurada tragédia do Calvário, meu idolatrado Jesus!

Em vez de te aplaudir, escarnecem as tuas cenas, em lugar de chorar, riem-se de ti.

Para iludir a consciência nas muitas vezes em que os pesadelos lhes aferretoam a alma nos seus refolhos, resmoneiam temerosos, observando os lados com receio aos olhares de alguma avantesma de olhos pávidos, que lhes venha reclamar o tributo das infrações às leis do Senhor pelas suas infâmias. E concluem então com displicência:

— Este Jesus é uma fábula embaladora dos inventores de religiões, que não têm outro ofício em que se ocupem. É um empecilho para nos oprimir nas expansões deleitosas. Folguemos com Epicuro e Demócrito, riamos, como Voltaire se ria do fantasma desse alucinado Nazareno, que vem, sob a capa de Messias, transtornar-nos os prazeres. Às urtigas os Heráclitos, que nos mandam chorar, e os São Francisco de Assis, que se recolhem a bater nos peitos e a rezar contritos a um Deus que nunca viram.

Mas não! Não será assim sempre. Não devemos consentir que o seja, em homenagem ao nosso Mestre Divino. A Ele devemos a reviravolta das nossas práticas e das nossas obras, a modificação do nosso raciocínio, a reforma dos nossos sentimentos, a abertura da nova estrada em oposto àquela por onde andávamos erradamente.

Ontem nos vingávamos do inimigo que nos esbofeteava; hoje oferecemos ao amigo a face esquerda para segunda bofetada. Em antes nos agastávamos com o infeliz que vinha bater à nossa porta na súplica de um pedaço de pão; agora somos a levar-lhe espontaneamente no seu tugúrio o prato de sopa. Noutros tempos os louvores mais ou menos interesseiros, senão hipócritas, do nosso comensal de mesa, ou do companheiro de casa, faziam-nos a alma inflar-se de vaidade qual o balão ao vento; nos últimos tempos esses encômios nos molestam e causam contrariedade, quando não nos deixam náuseas. Primeiro, vedava-nos os olhos a cegueira da dúvida apavorante, a desconfiança de um báratro, que pela morte nos iria absorver nas chamas infernais dos eternos tormentos, ou no aniquilamento definitivo da nossa efêmera personalidade; depois, porém, dentro da nossa alma perplexa e por vezes aflita, o antélio de um sol rompido na face direita do nosso subconsciente mostrou-nos bem no Alto, num ponto ainda mais brilhante, as regiões infinitas de onde descem, qual chuva de ouro, as demonstrações do Autor das Causas sobre a razão dos Efeitos. Na infância do espírito estacionava-nos a esterilidade da figueira seca, não permitindo senão que o fruto já ressequido pela ambição permanecesse no celeiro improdutivamente, sem a ninguém alimentar; veio a madureza da razão e com ela a ânsia de retirar da eira o figo emurchecido, o ardor em lançar a semente nas ferazes campinas, e eis que se colhe um cento por um, e que os distribui, e que se nutrem aqueles que o senhor da vinha convidou na undécima hora para plantio e conseqüente colheita. Em antes da

palavra do Salvador éramos tomados de glacial desânimo diante dos mais íntimos fracassos, tudo era mistério na natureza, inflexivelmente muda às interrogações sobre o extermínio do esforço, da atividade, das amplas manifestações da inteligência; quando o Messias veio trazer-nos a água da vida, um banho lustral, qual batismo redentor, lavou-nos o pensamento, clareou-nos as perspectivas do futuro por conduzir-nos à imortalidade.

A parábola nos adverte da indispensável vigilância com a próxima visita do esposo a dez virgens loucas, que deveriam estar preparadas para recebê-lo. Cinco foram prudentes em se premunirem antecipadamente do azeite para as suas lâmpadas, mas as outras cinco a insânia fez que se deixassem desprovidas do líquido na ocasião da súbita chegada do esposo e que ficaram do lado exterior da casa, porque o esposo não mais se quisera reconhecer.

Podemos aplicar-nos simbolicamente o ensino, vendo, em lugar das virgens prudentes, outras figuras não menos prudentes com cujas evocações Jesus nos adoçou o coração. Em nosso interior também haverá espaço, infelizmente, para as virgens loucas, em face dos descuidos da nossa vigilância.

E então, naqueles trechos em que fantasiei o reverso do que éramos antes e do que somos ou podemos ser, mercê da vinda do Messias, ressurge dentro de nós o resignado Lázaro vivendo no seio de Abraão da nossa consciência, a gozar a paz completa depois de longa jornada de lutas ora incruentas, ora, nas mais das vezes, cruentas quando culminavam revidarmos às bofetadas com um

tiro mortal. Ressurge o caridoso samaritano abrindo-nos de par em par as janelas da alma às injunções do amor do próximo, com impelir-nos suavemente a levantar da estrada do indiferentismo o nosso próprio adversário. Ressurge o centurião numa magnífica demonstração de fé, ao admitir não ser preciso Deus estar à nossa disposição, entre as paredes da nossa casa, para recebermos os favores de que nem sempre somos dignos, bastando que o Pai, tendo seus enviados, nos aquinhoe de longe com o que estiver no quadro daquilo que há de vir às nossas mãos. Ressurge Zaqueu renunciando arrependido à metade do que possuía e disposto a pagar quadruplicadamente o que houvesse obtido por meio de fraude, e isso nos fere a consciência ao nos lembrarmos quanto temos defraudado as leis de amor e justiça para com o Pai, perante o qual pensamos dourar externamente os vícios de molde a parecerem virtudes, como se a alma fosse o sepulcro branqueado por fora, mas contendo por dentro podridão. Ressurge a Samaritana, e sentimos os alvoroços da esperança em não mais carregar a bilha de água, que é o vaso de fel há muito extravasando-nos do coração fatigado dos amargores, e que na outra vida será vaso de mel, quando não nos limitarmos a orar nem no Monte, nem em Jerusalém, e o fizermos no altar do templo universal, onde cada lágrima de piedade é uma prece e onde a única imagem verdadeira é Deus.

VERACIDADE DOS EVANGELHOS

Em defesa dos Evangelhos escrevi, acerca da obra do saudoso amigo A. Leterre — *Jesus e sua Doutrina*, os seguintes comentários na época da sua publicação, em 1934, e que se me afiguram oportunos e apropriados à exposição deste ensaio, visto conterem teorias que devem ser generalizadas.

"Quem conhece uma só religião — diz o autor —, não conhece nenhuma, pois quem ouve um sino, só ouve um som, não podendo portanto saber se está afinado. É necessário recorrer-se ao diapasão."

Assim é de fato, pois se o eminente exegeta houvesse também mergulhado o seu sequioso espírito nas iluminações fulgurantes da doutrina codificada por Allan Kardec, com a mesma paixão com que o fez brilhantemente através das doutrinas do Oriente, anteriores ao advento da Terceira Revelação, surgida há quase um século, primeiro no Setentrião, depois no Ocidente, certo houvera escuta-

do o seu diapasão, suficientemente harmonioso para se conhecerem todas as vibrações da Ciência Universal em seus múltiplos acordes, pelo órgão do Espiritismo, que é indubitavelmente a Ciência Máter, a Religião Suprema, condensadora de todos os credos do passado.

Para o meticuloso escritor, que se louvou meramente em tudo quanto foi imaginado e escrito pela pena incerta do homúnculo falível, bisonho e pernóstico, que vegeta neste microscópico montículo de terra, o seu ponto de vista não poderia deixar de se fixar nas teorias muitas vezes abstrusas, efêmeras, subjetivas, oscilantes, enganosas, com cujo confuso cabedal de idéias heterogêneas se tem escrito e perpetuado até hoje a História religiosa do pretérito. Mas, através dessas lendas, das invenções que lhes transformaram a fisionomia, das interpretações falaciosas, das caudas apostas, dos enxertos acomodatícios, das traduções erradas e de outros parasitas adulteradores da vida vivida pelos povos de outrora, em meio à sombra com que nos aparecia o céu nubiloso do antigo mundo, despontou no horizonte um sol mais claro, ouviu-se uma voz mais eloqüente, vibrou um som de melhor diapasão. Esse fenômeno foi o aparecimento do Consolador anunciado por Jesus-Cristo. (1)

O Consolador — o Espiritismo — não inventa, não erra, não transforma, nada adultera. Revela, confirma, esclarece por idêntica maneira a Lei moral, e vem exatamente estabelecer a harmonia das interpretações, tanto

---

(1) **Evangelho de João**, cap. XIV, vv. 16 e 26, cap. XV, v. 26 e cap. XVI, v. 7.

quanto a das inteligências, tanto quanto as vibrações do coração pelo mesmo ritmo de fraternidade.

Daí, desaparecerem aos nossos olhos algumas das contradições do passado, como, por exemplo, as que o autor da obra em lide apontou nos Evangelhos.

O escritor do livro aparecido nota muitas discrepâncias nos textos evangélicos e cita *verbi gratia*: que os três sinópticos disseram haver Jesus pregado a sua doutrina durante um ano, ao passo que João afirma ter o Mestre levado três anos a fazê-lo (1). Mateus narra que José habitava em Belém, enquanto que Lucas informa que em Nazaré; o mesmo Mateus conta que os magos chegaram após o nascimento de Jesus, ao passo que Lucas diz terem sido os pastores os primeiros a chegar. E todas as incongruências observadas se restringem a questões acidentais, de valor somenos na essência do ensinamento, porque se limitam a descrições e pormenores platônicos por conta dos narradores.

O que mais nos interessa no estudo dos Evangelhos é a parte doutrinária, quando pontificava o Mestre, não as descrições anódinas e românticas dos historiadores, por isso devemos separar o joio do trigo. Importa-nos verificar, para a completa elucidação da verdade evangélica, a sua parte moral, como contingente de edificação das virtudes capitais, reformadoras do homem, e nesse sentido os ensinamentos dos evangelistas, *quando dão a palavra*

---

(1) Há manifesto equívoco nessa afirmação. Nenhum dos evangelistas se refere ao tempo da pregação messiânica, nem em parte alguma do seu Evangelho Mateus se refere à residência de José.

ao Messias, estão perfeitamente de acordo. Todos repetem as lições de amor, de humildade, de perdão, de renúncia exaltadas pelo Rabino. O programa de vida superior, de elevação espiritual, está consubstanciado no Sermão da Montanha. (Mateus, cap. V a VII, vv. 3 a 48, 1 a 34 e 1 a 27.)

De todos os Evangelhos se evola uma onda de perfume balsâmico e santificador a denunciar a passagem gloriosa e solene de um Arauto da paz e da felicidade no Além.

Em que mais veludoso coxim poderemos reclinar a cabeça encanecida pelo inverno dos desenganos, senão nessas promessas legadas pelo Redentor, de forma tão categórica?

Que nos importa que fossem os magos ou os pastores os chegados após o nascimento do menino Jesus? Em que pode a nossa fé periclitar ao sabermos que José habitava em Belém e não em Nazaré?

A decepção do estudioso pensador chega a ponto de pôr em dúvida a veracidade dos Evangelhos como obra refletora da passagem de Jesus pela Terra, porquanto afirma serem eles uma espécie de manta de retalhos, sem ordem nem critério, urdida com os ensinos já legados pelos antigos emissários da lei divina.

A prevalecer esta hipótese, ruiria por terra todo esse grandioso monumento cimentado há quase dois mil anos pelo Cristianismo, que é, a meu ver, a pedra basilar da Nova Revelação.

Seria uma calamidade maior do que uma convulsão aniquiladora do mundo.

Louvando-me nos ensinos dos Espíritos, entendo que os Evangelhos são de fato a narração da passagem real de Jesus por entre os homens. Se há noções e analogias já enunciadas pelos antigos reveladores religiosos, isso o confirmou Jesus ao dizer que não vinha destruir a lei, mas dar-lhe cumprimento.

As longas e variadas referências à pessoa do Filho do homem (Filho do homem, a fim de se não dar como divino), os fatos narrados sobre curas assombrosas, as suas viagens, a sua perseguição e o testemunho dos apóstolos e dos discípulos, a sua odisséia até ao Calvário e tantas outras provas visuais, palpáveis e audíveis da sua personalidade, tudo isso confirmado pelos evangelistas, não deixam dúvidas de que os Evangelhos são o histórico, embora mais ou menos incoerente em minúcias descritivas, de casos insólitos, desconhecidos até então (como a ressurreição de Lázaro, depois de quatro dias, estando o corpo em decomposição), acerca de um Enviado, o Cristo já predito pelos profetas. Desnecessário se torna fazer citações bíblicas nesse particular.

Para nós outros, que já nos podemos conformar com a idéia de que esta "misérrima jaula de feras humanas", consoante a classifica o autor em seu livro, andasse aos boléus, qual caravela sem timoneiro — para nós, crentes na intervenção oculta de seres prepostos pela Providência Divina em todo este incomensurável movimento de atividades mundanas, em seus aspectos multifários, não nos

resta dúvida de que a obra humana está mesclada à obra divina, e que tudo quanto fazemos vem bafejado pelas auras do progresso, tudo obedece a um Determinismo providencial, ainda mesmo a maldade humana. Até os cabelos da nossa cabeça estão contados, disse o Cristo.

Ora, os Evangelhos são a obra da Bondade, representam um ciclo da Evolução planetária, e como tal devem ter recebido o influxo e a sanção dos mensageiros do Pai, orientadores da Verdade relativa que cada época comporta.

Ou Deus consentiria que a mentira prevalecesse em uma Revelação tendente a nutrir a alma flagelada de seus filhos?

Mas, se os ama, se os ampara e se nenhuma das ovelhas se deve perder, conforme o afirmou Isaías, aí está esse mesmo Jesus invisível, vigilante, ativo, perfeito na sua grandeza, infinito na sua bondade, inconfundível no seu poder de pastor deste rebanho terreno, para dirimir as dúvidas de grave efeito, os enganos de maior monta, as incoerências perniciosas, as afirmações fatais, forcejando a inspiração dos seus prepostos, que o eram incontestavelmente os quatro evangelistas, de molde a que eles escrevessem e legassem aos pósteros o *substractum* do seu pensamento, a parte substantiva e essencial dos seus ensinos no que condiziam com a sua missão pacificadora e com a edificação do homem velho e irreverente, qual o fariseu e o escriba.

E é perfeitamente admissível o fenômeno de efeitos físicos, de levitação ou transporte, curial atualmente nas

especulações científicas, narrado pelo autor, quando os prelados reunidos no Concílio de Nicéia (1) vacilavam sobre a escolha de quais dos Evangelhos deveriam merecer fé, e, nessa ocasião, resolveram colocar debaixo do altar todos os manuscritos computados em cinqüenta, fazendo o Papa uma invocação ao Espírito do próprio Cristo, após a qual apareciam, jogados sobre a mesa, os quatro livros, que hoje correm mundo, vertidos em todas as línguas.

Releva observar que parece haver confusão entre o que Leterre diz sobre a escolha dos quatro Evangelhos

---

(1) Parece não ser fiel a fonte onde foi colhida esta notícia, pois nos únicos Concílios de Nicéia, efetuados em 325, 326 e 787, não se cogitou da veracidade dos Evangelhos. No primeiro, convocado por Constantino, Imperador de Bizâncio, cognominado o Grande (grande déspota e sangüinário, isso sim), foi imposto por violência e ameaça de excomunhão o dogma da Divindade de Jesus, ou consubstancialidade do Filho de Deus com o Pai, perante uma assembléia composta de 2.048 prelados, que, na sua grande maioria, se recusaram a subscrever semelhante absurdo, logrando apenas a adesão de 300 dos concorrentes essa deliberação, até hoje prevalecente, sendo então anatematizado Ário, sacerdote de Alexandria, fundador da seita dos arianos, que entendia judiciosamente ser o Filho inferior ao Pai. Nessa reunião também se ocuparam da celebração da Páscoa e do celibato dos padres. Em 326 só se tratou da deposição de Eusébio de Nicomédia e de Teóguis de Nicéia, suspeitos de arianismo. O de 787 teve por fim anatematizar os iconoclastas e restabelecer o culto das imagens nos templos, porém sete anos depois, no Concílio de Frankfurt, negava-se a adesão a esse decreto. Mas, a adoração aos bonecos voltou a ser restaurada.

Examinando o objetivo de todos os Concílios, desde o primeiro em Jerusalém no ano 50, até o de Poitières em 1867 (ao todo 683), em nenhum se me deparou como assunto de pesquisa a autenticidade dos Evangelhos.

Em outro exegeta leio que durante dezoito séculos a autoridade dos Evangelhos nunca foi contestada. Os cristãos não mantinham dúvidas sobre a sua autenticidade, aliás atestada pelos maiores escritores do primeiro século, entre eles S. Bernardo, Pápias, Hermes, S. Clemente, Santo Inácio, S. Policarpo, S. Justino, Santo Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, etc. Só mais tarde, no começo do século XIX,

pelo Concílio de Nicéia e o que refere Leopoldo Cirne em seu livro *Anticristo Senhor do Mundo* à pág. 55, assim dilucidado:

"Os Evangelhos haviam circulado, por cópias, nas primitivas comunidades cristãs, em que eram lidos e comentados, e tinham recebido a redação que lhes dera S. Jerônimo, incumbido em 384 pelo Papa Dâmaso de redigir uma tradução latina do *Velho Testamento* a fim de pôr termo às divergências existentes entre os manuscritos.

"Esse trabalho apresentava consideráveis dificuldades, pois que o tradutor, conforme o declarara no prefácio dirigido ao Papa Dâmaso, se encontrava em presença de tantos exemplares do Evangelho quantas eram as cópias. Em todo o caso, rematava ele: "Este breve prefácio se aplica unicamente aos quatro Evangelhos, na seguinte ordem: Mateus, Marcos, Lucas, João. Depois de haver comparado um certo número de exemplares gregos, mas dos antigos, que se não afastam muito da versão itálica, de tal modo os combinamos que, corrigindo somente o que nos parecia alterar o sentido, conservamos o resto como estava."

---

foi que a crítica racionalista, naturalmente infensa em admitir os prodígios e milagres, por contrários à ciência positiva, vibrou os primeiros golpes sobre os textos evangélicos, saindo a campo Paulus, Strauss, Tubing, Renan, Reville, Schérer, Vegel, Miguel Nicolau e outros, golpes esses de espadachins inócuos, semelhantes aos de D. Quixote nos odres de vinho e nos moinhos de vento. (Vejam-se as coleções dos Concílios desde Pierre Cabre, 2 volumes — Colônia — até J. Mansi, 31 volumes — Florença.)

A tradição — diz-me um historiador — considera mais antigo o Evangelho de Mateus, morto em 63, tendo sido o livro composto em 61, segundo Santo Irineu. Escrito em sírio-caldaico, foi traduzido para o grego, havendo-se perdido o manuscrito original.

O Evangelho de Marcos, morto em 67, apareceu em idioma grego no ano de 63 (Camille de Renesse).

O de Lucas, médico e pintor, discípulo de Paulo, surgiu também em grego profundamente literário, nessa mesma época, falecendo o autor em 70.

O de João, elaborado em Acaia (Peloponeso) veio à luz entre 80 e 90, igualmente em grego, havendo esse Apóstolo morrido com 94 anos, no ano de 99. Segundo este cálculo, João nasceu no ano 5 e tinha portanto aproximadamente 25 anos no começo do seu apostolado ao lado do Divino Mestre, pois Lucas diz: "Jesus começava a ser quase de 30 anos." (Cap. III, v. 23.)

Depois desta nota indispensável, volto ao ponto central da minha apreciação: à obra do exegeta Leterre.

Já confessei estar de acordo com as inúmeras incoerências de minúcias contidas nos Evangelhos à conta da humana imprecisão expositiva, havendo mesmo ali absurdos, qual o da tentação de Jesus por Satanás no deserto, onde o Mestre esteve durante quarenta dias e outras tantas noites a jejuar, tendo havido um singular diálogo entre Ele e o "pai da mentira", conforme a sua denominação, e cujas palavras foram citadas pelos três sinópticos, sem que ali estivesse presente nenhuma testemunha para a transmissão do colóquio.

A respeito dessa heresia aqui transcrevo palavras dos mensageiros do Alto:

"Jesus não foi arrebatado, mas queria fazer compreender aos homens que a Humanidade, estando sujeita a errar, deve sempre pôr-se em guarda contra as más inspirações a que a sua natureza fraca lhe induz a ceder. A tentação de Jesus é, portanto, uma figura, e seria preciso estar bem cego para tomá-la ao pé da letra. Como quereis que o Messias, o Verbo de Deus encarnado, estivesse sujeito durante algum tempo, por mais curto que fosse, às sugestões do demônio, e que, como diz o Evangelho de Lucas, o demônio o tivesse abandonado por determinado tempo — o que significaria estar Ele ainda sujeito ao seu poder? Não; compreendei melhor os ensinos que vos foram dados. O Espírito do mal nada podia contra a essência do bem. Ninguém diz ter visto Jesus sobre a montanha nem sobre o alto templo; certamente seria isso um fato de natureza a espalhar-se por todos os povos. A tentação não foi por conseguinte um ato material e físico. Quanto ao ato moral, podeis admitir que o Espírito das trevas dissesse àquele que lhe conhecia a origem e o poder: "Adora-me, e eu te darei todos os reinos da Terra"? O demônio teria então ignorado quem era aquele a quem fazia tais oferecimentos — o que não é provável; e se ele o conhecia, a sua proposta era um contra-senso, porque ele sabia perfeitamente que seria repelido por aquele que vinha aniquilar o seu poder sobre os homens. (João Evangelista, Bordéus, *A Gênese*, de Kardec, capítulo XV, n.º 53.)

Lucas também narra um episódio no cap. XXII, vv. 39 a 46, no qual Jesus se teria afastado obra de um *tiro de pedra* e, posto de joelhos, orava, rogando ao Pai lhe afastasse o cálice. Do céu descera um anjo para o *confortar*. E o Mestre em *agonia* orava com mais instância. E veio-lhe um suor, como de gotas de sangue. Levantou-se depois da oração e veio surpreender os seus discípulos a dormir de tristeza. Jesus lhes diz: "Quê? dormis? Levantai-vos, orai para que não entreis em tentação."

Claro que este detalhe é inverídico, de vez que, se os discípulos dormiam, ao longe, obra de um tiro de pedra, não poderiam presenciar o fato nem ouvir as palavras com que o reveste esse evangelista e outros que o dão sob quase as mesmas expressões.

Também na hora extrema não era possível que Aquele que viera amparar a Humanidade exclamasse: "Eli, Eli, lama sabactani?" (Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste?)

Roustaing assim nos esclarece o inadmissível desânimo do Redentor justamente quando Ele havia vencido todos os reveses da sua espinhosa missão, triunfando brilhantemente até esse momento em que terminava a sua obra de salvação:

"As palavras que o Divino Mestre pronunciou no momento em que o seu Espírito, deixando na cruz o invólucro perispirítico tangível sob aparência corpórea humana, recuperou a liberdade, foram estas: *Tudo está consumado, Senhor, eis-me aqui*. Citamo-vo-las, textualmente por ordem do Mestre.

"Para que compreendais como se deu essa falsa interpretação e foi transmitida pelos evangelistas, é necessário explicar o que na realidade se passou.

"Quando Jesus acabava de dirigir àquele dos dois malfeitores chamado o bom ladrão as palavras sobre as quais já ficastes elucidados, este, que tivera um sintoma de arrependimento, exclamou para Jesus esta frase: *Eli, Eli, lama sabactani?* que significa: Meu Deus, Meu Deus, por que me desamparaste? (1)

Linhas atrás, já ponderei que, na essência dos ensinos, quando falava o Messias, não há contradições, disparates, abastardamento da Lei moral, podendo dizer-se que o Cristianismo é o transunto, a substância dos ensinos de Rãma, Buda, Moisés, Confúcio e outros legisladores, mas com um vínculo mais acentuado, com uma recomendação mais enérgica, com um clamor mais vibrante sobre as necessidades imperativas do homem até então indolente, descuidado, perverso, egoísta e idólatra, quando não irreverente e blasfemo.

Tudo isso ficou de pé na derrocada em que a impotência dos reacionários pretende sepultar o Código Divino,

---

(1) Esta explicação está no quadro das coisas perfeitamente racionais, uma vez que sabemos por Lucas haver Dimas, o bom ladrão, rogado a Jesus que se lembrasse dele quando entrasse no seu reino (cap. XXIII, vv. 42 e 43), ao que respondeu o Mestre que nesse dia o arrependido seria com Ele, Jesus, no paraíso.

Escutando-o quem ficava embaixo, era bem possível supor que tais palavras fossem proferidas pelos lábios de quem nunca claudicara na fé e certeza da sua glorificação final.

É bem plausível a informação do Reverendo pastor J. Davis em sua obra: **In League With Life**, na qual diz ser possível que Jesus hou-

no qual se consignam leis sobremaneira rigorosas com que ficaram sujeitas a ser governadas as consciências, e que contrariavam os pendores materialistas da maior parte dos adoradores do Bezerro de ouro. Daí a razão de haver sido o Cristianismo transformado numa feira comercial, com uma escada de acesso, tendo um lado desviado para o prostíbulo, outro para o cadafalso e a extremidade para a cadeira pontifical de Roma, sendo para lá que se volve a mais formidável metralha do autor de *Jesus e sua Doutrina*.

Reafirmo que nada deve ter sido consignado fora de propósito nas narrativas evangélicas, nada omitido, nada esquecido, *sempre que pontificava o Divino Mestre*, a não vingar a néscia hipótese de que o acaso é quem nos governa.

Os enganos capitais são perdoáveis em coisas somenos na História, quando se trate de mundanidades, não assim nas obras de evolução religiosa. Nessas o Espírito de Verdade há necessariamente colaborado ativamente desde o começo das eras.

Ou foi somente agora que ele nos teria dado um ar da sua graça, quando nos apareceu assistindo a Terceira Revelação?

---

vesse exclamado: "Eli, Eli, Lama **Azahhthani**", que significa: Senhor, Senhor, como me glorificas! cuja frase era pronunciada pelos iniciados quando passavam por uma grande prova.

Essa frase também parece uma reminiscência de David, nos Salmos, cap. XXI, v. 1: Deus, Deus meu, olha para mim; por que me desamparaste? Os clamores dos meus pecados são causa de estar longe de mim a salvação.

Quem fizer um esforço contra as suas idéias retrógradas e preconceituadas há de convir que, sendo Jesus o Diretor deste planeta, havendo logicamente assistido à formação da sua nebulosa, dirigido as forças latentes para a sua evolução, atraído os átomos constituintes, disposto os fluidos condensadores, manejado as energias magnéticas e vitais, inspirado os seus Agentes, que deveriam ser e continuam a ser aos milhões aqui e no Além, não fará favor algum à Verdade se acabar por conceber, como corolário, que também lhe há de ter cabido a missão augusta de lançar a semente da Civilização, não escapando a esse programa o ensino da Lei estatuída pelo Autor desta complexa máquina de torturas. Foi Jesus-Cristo, portanto, quem trabalhou a Terra para a semeadura, que depois vicejou, floriu e acabará por dar frutos. Donde, a lógica nos conduz a esta ilação: Rama, Buda, Moisés, Zaratustra, Confúcio, Brama e *tuti quanti*, nada mais foram que Agentes parciais, inspirados pelo Divino Mestre para os decretos a vigorar.

É assim concebendo as coisas desta vida que eu deixo os meus lábios se abrirem num sorriso de complacência quando leio Renan, Strauss, Saint-Yves, Edouard Schuré, Nicolas Notovich e outros, que limitam as suas vistas a este grão de areia, avançarem por sua conta e risco que Jesus andou a viajar pela Índia a fim de se iniciar nos mistérios do Oriente.

Jesus a aprender a sua própria doutrina, que era a do Pai, com aqueles mesmos aos quais já houvera ensinado, e que por sinal não foram lá muito fiéis discípulos. . .

Tem graça esta pilhéria de vir o professor tomar lições com os seus alunos!

Ou então, quem foi o Mestre dos mestres?

Seguindo a esteira de muitos exegetas que têm tomado à letra os textos evangélicos, o autor de *Jesus e sua Doutrina* divulga a falsa concepção de que Jesus voltará à Terra em pessoa.

Da obra *Ensinos Espiritualistas*, transcrevo em relação a uma consulta sobre a vinda do Cristo o seguinte:

"Volta espiritual. Não haverá volta física, tal como o homem sonhou; será volta para seu povo, pela voz dos seus mensageiros, falando àqueles que têm ouvidos abertos; Ele próprio o disse: "Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça."

Não é somente o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em seu nome (João, cap. XIV, v. 26), a única referência a demonstrar ser em Espírito que Ele havia de vir a nós. "Não vos hei de deixar órfãos; eu hei de vir a vós." (João, cap. XIV, v. 18.) Note-se que Jesus disse: Vir a vós, não entre vós.

Referências de que não virá em pessoa:

"O Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos." (Mateus, cap. XVI, v. 27.)

"Se alguém vos disser: Olhai, aqui está o Cristo, ou, ei-lo acolá, não lhe deis crédito. Porque se levantarão falsos Cristos e falsos profetas, etc." (Idem, cap. XXIV, vv. 23 e 24.)

"Do mesmo modo como um relâmpago sai do Oriente e se mostra até ao Ocidente, assim há de ser

também a vinda do Filho do homem." (Idem, capítulo XXIV, v. 27.)

"Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu, e verão que virá sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade." (Idem, cap. XXIV, v. 30.)

"Desta hora em diante não beberei mais deste fruto da vida até àquele dia em que o beberei de novo convosco no reino de meu Pai." (Idem, cap. XXVI, v. 29.)

Nestas sentenças com que doutrinava o Messias, não há contradições. "O mundo não me verá" disse ainda pela boca de João (cap. XIV, v. 19) "mas o Consolador, que é o Espírito Santo (a legião dos bons Espíritos), a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo quanto eu vos disse." (João, cap. XIV, v. 26.)

Supor que Jesus precisasse regressar a este sórdido atascal, depois da luminosa Revelação do Espírito de Verdade, ao qual claramente se refere pelo verbo de João (cap. XIV, v. 17), é admitir uma superfetação de deveres, uma intromissão supérflua, uma repetição de ensinos, que já agora nada mais adiantariam ao que Ele pregou. Que viria o Messias cá fazer em pessoa senão provocar polêmicas e explosões de ódios, que culminariam por fazê-lo ascender ao Gólgota novamente com a cruz às costas?

Basta que a doutrina ensinada pelo Salvador a todos os missionários do passado, restabelecida por Ele, seja relembrada aos rebeldes filhos do Altíssimo, e isso está fazendo em seu nome o Espírito de Verdade.

Respondendo à crítica de que o Mestre nada nos deu de novo na moral dos seus ensinamentos, observo o seguinte:

A Lei suprema nada podia ter de original na época da vinda do Messias, visto como a moral é fixa, segundo um velho axioma.

Sobre amor, humildade, caridade, perdão, etc., que se pode dizer de inédito, quando tais ensinamentos são estáveis e inalteráveis *ab initio* e *ab aeterno* da vida e se hão de perpetuar sem nenhuma elasticidade?

Nem há vocábulos novos para definirem essas virtudes. A sua prática, isso sim, é que se desenvolve. Daí o renovar das recomendações sobre a indiferença dos refratários, aos quais Jesus veio trazer outros clarões de luz.

Por isso, disse Ele: "Eu sou a luz do mundo." (João, cap. IX, v. 5.)

Outra objeção a rebater é a de que os Evangelhos não foram escritos pelo próprio punho dos que lhes dão o nome, alegando os negadores da sua autoria que eles declaram *segundo* Mateus, *segundo* Marcos, etc., parecendo que foram obra de informação ministrada em vida por esses evangelistas a outrem.

O argumento é vulnerável em falta de base na hermenêutica.

A semiologia, ou antes a semântica nos ensina que *segundo* é o mesmo que dizer *conforme, consoante, de acordo com*. Assim, pois, não se veja duplicidade interpretativa na locução: Evangelho *segundo* Fulano, isto é:

segundo o testemunho do narrador Fulano, ou conforme as informações por ele colhidas.

Não procede a suspeita infundada de que os escritores desses livros fossem autores anônimos, com subsídios legados pelos quatro evangelistas, porém eles próprios que viram os fatos, como Mateus e João, ou souberam deles, como Marcos e Lucas, e que os escreveram de mão própria, *sob a inspiração do Divino Mestre.*

Seria absurdo que eles denominassem: Evangelho de Mateus, de Lucas, etc., quando o Evangelho não era deles, mas sim de Jesus-Cristo.

Todavia, têm a palavra sobre a matéria os velhos clássicos da língua máter, conservando-se-lhes a ortografia:

"E assy parece que feitos por esta guisa a ouro, ou prata, sem cousas novas, e as novidades, *segundo os philosophos*", etc. (*Ordenações Affonsinas*, livro 4.°, Titulo 2.°, cap. 5.°.)

"Çafia a quem os mouros chamam Azaafi, he cidade muito antiga antrelles, edificada pelos naturaes da terra, *segundo o dizem os Scriptores Arabios*", etc. (Damião de Goes, *Chronica de D. Manoel*, parte 1, cap. 9.)

"*Segundo elle disse*, os Mouros em cuja companhia ficou", etc. (João de Barros, *Decadas*, 1, livro 10.)

"Bozio contra Machiavelo lib. 3, cap. 1, nomea só no Reyno de Napoles muitos milhares de povos mais, que os que tinha toda Italia antigamente *segundo Estrabo, Ptolomeu, e Plinio*", etc. (Manoel Severim de Faria, *Noticias de Portugal*, Discursos, cap. 2.)

Não se veja nessa controvérsia, tramada por aqueles que trazem os olhos empanados pelo hábito de tudo negarem sem exame, senão o propósito de menoscabar o mais sublime Código que jamais foi elaborado (parecendo incrível que Renan também suspeitasse da paternidade dos evangelistas), pois quem está de boa-fé lê claramente em Lucas estas incontestáveis razões de haver sido de sua lavra o seu Evangelho:

"Pois que foram na verdade muitos os que empreenderam pôr em ordem a narração das coisas que entre nós se viram cumpridas.

Conforme no-las referiram os que desde o princípio as viram com seus próprios olhos e que foram ministros da palavra. Pareceu-me também a mim, excelentíssimo Teófilo, depois de me haver diligentemente informado de como elas se passaram desde o princípio, *dar-te por escrito a série delas.*" (Cap. I, vv. 1 a 3.)

Por seu turno, informa-nos João:

"Este é aquele discípulo que dá testemunho destas coisas e *que as escreveu*; e nós sabemos que é verdadeiro o seu testemunho." (Cap. XXI, v. 24.)

Triste juízo faríamos nós da Providência Divina e particularmente das atividades do Salvador, se todo esse trabalho terrenal ficasse posteriormente à revelia dos homens. Ele, que disse: "Este Evangelho será pregado a todo o mundo" não poderia deixar ao desamparo os seus discípulos tão zelosos da sua herança, tão decididos a perpetuarem os seus ensinamentos.

Médiuns todos eles e dignos trabalhadores da seara que começava a proliferar, foram inspirados pelo mesmo instrutor para que não se consumasse algum erro de gravidade, capaz de adulterar a beleza original do legado sacrossanto.

Naturalmente os primitivos originais vieram escorreitos de falsidades perniciosas, mas os interessados em mercantilizar a doutrina do Redentor se deram pressa em lhe imprimir um sentido mais conforme aos seus interesses venais, e daí a balbúrdia que determinou o acúmulo de cópias, a que já me referi, e que foram restabelecidas por São Jerônimo. Mas nessa ocasião não faltou a assistência de mensageiros, sob o patrocínio de Jesus, e que é argumentada com proficiência pelo confrade e meu velho amigo Leopoldo Cirne no seu *Anticristo Senhor do Mundo* onde, por estes termos, se externa muito melhor que eu saberia fazê-lo:

"Foi sem dúvida esse trabalho de dupla inspiração: da parte de Dâmaso, chegado o momento de estabelecer a possível uniformidade nos textos atinentes à vida e aos ensinos do Divino Salvador, elegendo aquele espírito estudioso e devotado às verdades religiosas, que era São Jerônimo, para tarefa que tão escrupulosa isenção de ânimo exigia, e da parte deste, conduzindo-se de modo a escolher, entre a variedade dos manuscritos, o que melhor exprimia fidelidade em relação aos sucessos e às palavras proferidas por Jesus. Nem podiam os mensageiros do Senhor, incumbidos de velar pela propagação da sua doutrina em nosso mundo, abandoná-la ao sabor dos caprichos

e erros humanos, senão antes preservá-la de alterações que substancialmente a desfigurasse, agindo para esse fim, por via da inspiração, junto aos que recebiam a missão de ser seus codificadores.

"Fidelidade literal e, por assim dizer, absoluta, não seria possível obter-se, dado em primeiro lugar a circunstância de que Jesus nada escreveu, não tendo, em sua divina sapiência, julgado necessário confiar à fragilidade do papel os ensinos de que era fonte viva e que, ao demais, brotados de seus misericordiosos lábios, ficariam, e ficaram, como todos os sucessos da sua vida, perpetuamente gravados na placa sensível do éter, constituindo o que é por alguns propriamente denominado "clichês astrais", recolhidos e conservados nos arquivos do infinito. Os seus ensinos foram recordados e repetidos por aqueles que os ouviram e, depois, transportados pela mesma forma verbal entre os primeiros cristãos. Ocorre, em seguida, a circunstância de que, assim nessa transmissão oral, como posteriormente, quando passaram a ser grafados e reproduzidos nas sucessivas cópias, que circulavam nas comunidades cristãs, nem sempre se teriam os repetidores e copistas cingido a uma rigorosa fidelidade. A verdade dos sucessos e dos ensinamentos se teria desse modo dispersado numa variedade fragmentária, o que realça o trabalho por São Jerônimo executado, que não podia deixar de ser conduzido por uma poderosa e vigilante inspiração do Alto, ao ter de catar, reunir e enfeixar num todo, quanto possível homogêneo, os preciosos fragmentos da mais estupenda História e dos mais transcendentes, ao mesmo tempo que singelos e profundos, ensinamentos que

jamais recebera a Humanidade." (Páginas 55 e 56 da ob. cit.)

Todavia, nem todos puderam e nem podem ainda hoje penetrar-lhe as sutilezas. Aos discípulos, Jesus falava por parábolas, dizendo que assim procedia porque eles não o poderiam entender.

Nos tempos correntes é a parábola que embaraça os interpretadores que o estudam através da letra.

Esses são os *sábios* e *entendidos*, e não foi para eles que Jesus baixou, mas para os *pequeninos* a quem Deus revela o que àqueles esconde.

Bem razão tinha o Messias quando falou através de João: "Eu retiro-me e vós me buscareis e morrereis no vosso pecado." E como os discípulos supusessem que Ele queria matar-se, replicou-lhes Jesus: "Vós sois cá de baixo e eu sou lá de cima. Vós sois deste mundo, eu deste mundo não sou." (Cap. VIII, vv. 21 a 23.)

Teremos de recalcar no seio os ardores das imperfeições, o negrume da alma, que não deve perder-se, assim correspondendo ao que ponderou o mesmo nosso Salvador quando disse: "Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma?" (Mateus, capítulo XVI, v. 26.)

Ao mesmo exegeta irreverente que desmereceu da missão de Jesus, respondi, quando perguntava qual o benefício que os Evangelhos tinham realizado entre nós:

Que têm realizado?

Nada, se considerarmos que este presídio onde estamos encarcerados é governado por algum energúmeno, ou pelo acaso, que tem costas largas para carregar com a responsabilidade, segundo outros energúmenos.

Tudo, antepomos nós, pressurosos na defesa de uma Inteligência diretora deste complicado mecanismo.

Logo após a partida do Mestre para a sua pátria de origem, vemos a sua obra continuada por Pedro e João, aquele em Jerusalém dizendo ao povo: "Varões irmãos, é necessário que se cumpra a Escritura." E iniciou a cruzada do apostolado cristão, a que se ligaram sucessivamente Tiago, Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timão, Páımenas, Nicolau, Simão, Paulo, Áquila, Apolo e muitos outros, produzindo inúmeras conversões e arrebatando multidões de pessoas, com produzirem curas maravilhosas, pois as obras valem mais que as palavras.

Esta a principal sementeira do Cristianismo, o desabrochar da Caridade material.

Reunidos nas sinaxes para a santa comunhão das idéias cristianizadoras, e nos ágapes em que se dava o beijo de paz como sinal de fraternidade e igualdade evangélica, os continuadores da obra messiânica, discutindo as suas homílias, não deixaram de ativar por longos anos o compromisso assumido junto do Mestre.

Veio o joio, isso é verdade, o abastardamento da sagrada religião por esse Catolicismo imoral, que reflete a alma negra dos fariseus, dos Herodes, dos Caifás, dos Pilatos e de outros que crucificaram o Mestre.

Foi de Jesus a culpa? Não, pois que se a Humanidade não fosse capaz de prostituir o ideal divino, não havia mister da sua vinda ao planeta para lhe chamar adrede a atenção contra as suas constantes infrações da Lei.

Foi por causa dessa inversão da Lei que deixaram de subsistir íntegros os benefícios do Cristianismo? Não, porque tudo tem uma razão de ser, ou Deus não seria sábio.

A Humanidade precisa da luz para conhecer a treva, precisa das dores para apreciar a saúde, precisa das lágrimas para experimentar a alegria, precisa do mal para distinguir o bem.

Ora, essa Humanidade estava em trevas, em dores, em lágrimas e repastava-se na maldade. Jesus foi a luz, a saúde, a alegria, o anjo do bem.

A luta entre os sentimentos antípodas tinha de se travar com muito mais violência no decurso dos dois milênios, e o homem de hoje não teria alcançado tanto progresso, não haveria eliminado tanto veneno do coração, se não fora essa luminosa figura de Apóstolo, a quem, malgrado a caluniosa deturpação do seu caráter impoluto, se têm devotado todas as gerações fazendo dEle o seu ídolo. Se o Salvador não viesse ao mundo, seríamos muito mais desgraçados. Daí o benefício. Daí a vinda do Espírito de Verdade, que encontrou o caminho adubado.

A que ficaria reduzida a obra de Lutero e Calvino, antes de nós espiritistas, se para ambos os ministérios faltasse o Evangelho cristão por onde nortear a diretriz pela

estrada do salvamento? Quantos milhões de protestantes, quantos milhões de espiritistas estariam no mundo privados da esperança, sem o Cristianismo e concomitantemente sem os Evangelhos?

E deveríamos ficar tolhidos do livre pensamento, só porque a Igreja Romana (a Grande Prostituta, no dizer do iluminado de Patmos) converteu o Cristianismo numa saturnal, numa caverna de Caco?

Como poderíamos ganhar o salário do bom trabalhador sem haver joio em meio ao bom grão para o discernimento e perspicácia na escolha? Como apurar as nossas faculdades de raciocínio para a entrada da Fé cimentada pelo bom senso, se nos não puserem diante dos olhos a doutrina cristã do amor e da caridade, e a seguir a do ódio e do egoísmo, que é a do Catolicismo?

Mas — dirão os meus opositores — as doutrinas de Rāma e Buda, de Moisés e Confúcio já nos haviam feito a recomendação dos mesmos mandamentos.

Respondo que tais doutrinas foram boas para aquela época, produziram excelentes benefícios, não há dúvida, mas o século primeiro da nossa idade estava a exigir nova injeção de energia, um grito mais alto, grito de alarma, como a dizer: Cautela! Depois não vos queixeis.

É que a Providência Divina previa o descalabro dos tempos e sabia de antemão as intenções do clero romano.

Sem o Cristianismo, teria o clero lançado mão do budismo, ou do moiseísmo? Talvez que, se o fizesse, a sua responsabilidade não fosse tão grande quanto o é avil-

tando o nome de um Apóstolo muito maior, mais venerável, mais sublime, qual é Jesus. A expiação dos seus sacrificadores vai, portanto, ser mais terrível. Isso faz parte da Lei.

Foi o Mestre quem o afirmou: "Ai daquele por quem vier o escândalo."

O benefício está em saber mais tarde o juiz "separar as ovelhas dos cabritos" e não é pouco que apenas seja esse. (Mateus, cap. XXV, v. 32.)

Leiam-se agora as disparidades que os sabichões espalharam em letra de forma e de que dou conta de alguma parte no capítulo seguinte. Para esses devotos do pietismo, Jesus não é o que é, mas o que eles querem que o Redentor seja.

Entretanto. . .

"E digo-vos que toda palavra ociosa que falarem os homens, darão conta dela no dia de juízo." (Mateus, cap. XII, v. 36.)

INTERPRETAÇÃO SUBJETIVA

Entre o exército de historiadores da personalidade do Filho de Maria é de inteira justiça destacar-se talvez o maior exaltador dessa singular figura aparecida no teatro do mundo, o qual é aqui colocado em primeiro lugar, não tanto por haver despido Jesus inteiramente dos despojos opacos com que outros o revestiram, senão porque em todo o seu exaustivo trabalho se nota flagrantemente um decidido propósito de servir à verdade, ou melhor: ao que ele julga ser a verdade, não poupando o seu esforço até ao ponto de haver visitado as cidades do Oriente, por onde houvera perlustrado o Divino Mestre, no interesse de melhor se esclarecer quanto ao que depois tinha de expor no seu livro *Vie de Jésus*. Refiro-me a Ernest Renan.

É dele a confissão de que, em missão científica, objetivando a exploração da antiga Fenícia, em 1860 e 1861, foi levado a assentar morada nas fronteiras da

Galiléia e a percorrer freqüentemente esse país. Atravessou em todos os sentidos a província evangélica; visitou Jerusalém, Hebron e Samaria, não lhe escapando quase nenhuma localidade importante da história de Jesus. Toda essa história que, pela sua extensão de séculos, parece flutuar nas nuvens de um mundo sem realidade, desferiu-lhe dessa maneira um corpo e uma solidez, que o assombraram. A admirável concordância dos textos e dos lugares, a maravilhosa harmonia do ideal evangélico com a paisagem que lhe servia de modelo, foram para ele como uma revelação. Viu um quinto Evangelho, lacerado, mas legível ainda, e desde então, através das notícias dadas por Mateus e Marcos, em lugar de um ser abstrato, que se diria não haver nunca existido, viu viver e mover-se uma admirável figura humana.

Não foi apenas esse o cabedal de que se utilizou Renan para dar ao seu livro a profundeza do seu contexto. Lendo-o, verifica-se quão vastíssima era a sua leitura sobre coisas referentes à matéria religiosa. Os seus *Études sur l'origine du Christianisme* já lhe haviam dado ensejo ao cultivo profundo e circunstanciado do assunto, preparando-o para o prosseguimento do belo tema, que culminou na posterior publicação da sua nova obra *Les Apôtres*, que é um estudo completo sobre a missão dos discípulos do Messias.

Escritor respeitado em seu país como uma das mais pujantes organizações cerebrais, dono de um estilo e de uma riqueza verbal, de que na sua época só encontrou rivais em Victor Hugo, Lamartine, Sainte-Beuve, Méri-

mée, Theophile Gauthier, Balzac, Paul Bourget, Anatole France e esse extraordinário gênio, que talvez o superasse, o puritano do estilo, Gustavo Flaubert, o aparecimento de uma história da sua lavra fora um sucesso raro na literatura da sua pátria, quiçá em toda parte onde o seu nome de mestre granjearia o renome e o alto mérito do livro.

A paciência e habilidade do comentador se patenteia no cuidado de ir passo a passo, seguindo a esteira dos Evangelhos canônicos, repisando cada versículo e de caminho dando-lhe um relevo mais nítido e porventura mais luminoso.

A cada passagem, não faltou o seu comento, sempre de molde a engrandecer e nobilitar o Divino Mestre, e nas muitas ocasiões em que Jesus se nos apresenta imensamente sublime nas manifestações da bondade, ou quando confunde os seus discípulos ou os próprios inimigos com verdadeiros lampejos de dialética, Renan se detém para lhe admirar a precisão das respostas e a rapidez com que sabe desenvincilhar-se de situações em que os seus contrários pensavam embaraçá-lo.

Não há dúvida de que o trabalho de organização desta obra obedeceu preliminarmente a um longo estudo das Escrituras Sagradas e do Novo Testamento, conjugado a uma consulta a centenares de livros clássicos, escritos em vários idiomas, todos de ordem teológica, histórica e teogônica, sem faltar a parte filosófica, a histórica e a das religiões primitivas.

A disposição cronológica, a interpolação de textos oportunos, as notas indispensáveis a tornar a obra homo-

gênea e harmônica, só quem nunca passou por esse labirinto ignora o que exige de esforço mental para ser levada a cabo.

Tudo isso realizou galhardamente Renan na sua *Vie de Jésus*, que embora obedecendo ao seu limitado ponto de vista, é, não obstante, uma manifestação do seu talento excepcional.

Distanciando-se de alguns dos que escreveram acerca de Jesus, Renan nos oferece um produto de singular merecimento porque, longe de hostilizar a figura do Divino Mestre, no-la mostra com carinhosa devoção e respeito, dentro de um otimismo abençoado, de que até o apóstolo Judas Iscariote foi contemplado, quando procura de alguma sorte defendê-lo da pecha de traidor, achando que no denunciador de Jesus houvera mais irreflexão que perversidade. A consciência moral do homem do povo — diz Renan — é viva e justa, mas instável e inconseqüente. Não sabe resistir a um impulso momentâneo. E sanciona a sua defesa mostrando como Judas deu-se pressa ao suicídio, em virtude do seu arrependimento pelo mal causado ao Nazareno.

O fecundo operário da pena não havia, porém, mergulhado a cabeça no banho lustral do Espiritismo. Como muitos outros, que se confiam da sua altivez sobre o completo conhecimento de toda a ciência, ou pelo menos da bastante no celeiro das suas provisões, desdenhou a Nova Revelação, por não descer a minudências que o rebaixariam no conceito público e até nos melindres do seu amor-próprio.

Tendo alçado o seu vôo para o infinito em 1892, como bom filólogo que era, deveria ter conhecido pessoalmente Allan Kardec bem como as suas investigações. Foi pena que não fizesse causa comum com Victor Hugo, Flammarion e Eugênio Nus para estudar e conhecer melhor do que o fez, indo a Jerusalém descobrir hipoteticamente a personalidade do Messias na sua pureza integral de Espírito, de superioridade e ascendência sobre tudo quanto conhecera na Terra.

E não teria escrito isto:

"Se o amor por um assunto pode servir para compreendê-lo, cuido que também reconhecerá o leitor que não me faltou essa condição. Para escrever a história de uma religião cumpre, em primeiro lugar, ter crido nela (caso contrário, ninguém poderia compreender por que é que ela encantou e satisfez a consciência humana); em segundo lugar, não crer de um modo absoluto, porque *a fé absoluta* é incompatível com a história sincera" (último trecho da introdução do seu livro).

Não proclamou nenhum absurdo o autor do livro, quando confessou a minguada parcela da sua fé, que não era absoluta. Se o fosse, quão mais feliz seria, e como muito mais saberia ver com os olhos da Fé o que só lhe apareceu mesclado com a dúvida. Daí, ter visto com os óculos da fantasia as ruas de Nazaré onde *brincava* Jesus quando criança, e onde passara os primeiros anos da sua infância; ter-lhe parecido que o contacto de Jesus com João Batista amadurecera-lhe muito as idéias sobre o reino do céu, bem como *não ter a mais leve noção do que era*

a alma separada do corpo; em Cafarnaum *não haver podido fazer milagre algum*; não tivera bastante conhecimento dos gentios; colhera os seus informes aos rabis anteriores; *seus conhecimentos não eram superiores aos dos seus contemporâneos*; por muito instado, fizera milagres *contra a vontade*; devemos *perdoar* a Jesus (*excusez du peu*) a sua esperança de um apocalipse vão (uma profecia) que seria a sua vinda, em grande triunfo, sobre as nuvens do céu. *Inútil é observar quão longe estava do pensamento de Jesus a idéia de um livro religioso, que contivesse um Código e artigos de fé.* (E por onde Renan escreveria a sua obra?)

Não soube bem o sentido que o Mestre dera ao que disse quando declarou que o templo edificado por mãos humanas, poderia Ele, se o quisesse, destruir em três dias e levantar outro não construído por mãos humanas. (Naturalmente que aquele que desdenha a fé absoluta, não podia perceber o sentido tomado ao espírito, quanto a esse ensinamento, e que vinha a ser: Os templos de pedra, onde se adultera a obra divina, Ele poderia mudar em outros onde ela não se adulterasse.) Jesus fez uma jornada às terras da Peréia, onde alguns anos antes fora em visita *quando cursava a escola do Batista. Também caiu em erros*, que não atingiram o virtuoso e suave Marco Aurélio e o humilde e brando Spinoza, que nunca acreditaram em milagres. Assim como não temos notícias das suas grandes qualidades, por culpa dos apóstolos, é provável que também *muitos dos seus erros* tenham sido dissimulados.

Esse, o joio do livro a comprovar-nos a miopia do homem que só conhece Jesus de outiva, que o quer decifrar através da letra. Nunca o há de encontrar no seu caminho, não que Jesus esteja fora dele, mas porque o cego não o vê, e quando acaso lhe esbarra, não o percebe pelo tato.

Seria clamorosa injustiça no entanto desconhecer a sinceridade do curioso escritor, a beleza da sua obra, a paixão do artista encantado pelo tema, alçando-se nas asas de uma veneração respeitosa quando diz:

"A palavra de Jesus foi um relâmpago numa noite escura. Foi mister que decorressem mil e oitocentos anos para que os olhos da humanidade — da humanidade não: de uma porção infinitamente pequena da humanidade — se pudesse habituar ao seu fulgor. Mas o relâmpago virá a ser um dia claro, e depois de ter percorrido todos os círculos de erros, a humanidade voltará a essa palavra, como expressão imortal da sua fé e das suas esperanças."

Em outro dos seus brilhantes trechos, declara Renan:

"Jesus era mais do que o reformador de uma religião antiquada; era o criador da eterna religião da humanidade."

Quando descreve a morte de Jesus, dá-nos o autor esta maravilhosa página de arte, onde não se sabe o que mais apreciar, se os remígios da águia às estonteantes regiões do pensamento, se os assomos do crente nas delícias do êxtase:

"Repousa agora na tua glória, nobre iniciador. Acabaste a tua obra, fundaste a tua divindade. Não receies

ver desabar por um erro o edifício erguido pelos teus esforços. Doravante, fora do alcance da fragilidade, assistirás, do alto da paz divina, às conseqüências infinitas dos teus atos. À custa de algumas horas de sofrimentos, que nem chegaram a tocar a tua grande alma, granjeaste a mais completa imortalidade. Por milhares de anos, o mundo vai depender de ti. Bandeira das nossas contradições, serás o sinal à volta do qual se há de travar a mais ardente batalha. Mil vezes mais vivo, mil vezes mais amado depois da tua morte do que durante os dias da tua passagem neste mundo, virás a ser a tal ponto a pedra angular da humanidade, que arrancar o teu nome deste mundo seria abalá-lo até aos seus fundamentos. Entre ti e Deus não haverá distinção. Plenamente vencedor da morte, toma posse do teu reino, onde te hão de seguir, pela estrada real que traçaste, largos séculos de adoração."

Aqui o artista, fundindo-se no crente, plantou o bom grão do trigo.

Talvez não fosse sua a culpa de melhor haver conhecido a alma interior do Apóstolo que exaltou. O cardo não tem culpa de ter espinhos, nem a rosa, quando nos embalsama com a sua fragrância. Também não podemos inculpar a videira verde porque ainda não deu uvas, bem como o homem novo para quem a madureza completa da razão aguarda a longínqua estação da sua primavera.

Um dos mais eminentes guias de Kardec, que foi Erasto, discípulo de S. Paulo, assim se pronunciou sobre o livro de Renan:

"O efeito dessa obra será imenso. Grande vai ser o rumor no seio do clero, porque esse livro lança por terra os fundamentos do edifício em que o clero se abriga há dezoito séculos. O livro não é inatacável; ao contrário, oferece largo ensejo à crítica por ser o reflexo de uma opinião exclusiva, que se circunscreve a um estreito círculo da vida material. Renan não é materialista, mas pertence à escola que não nega o princípio espiritual nem lhe contesta função efetiva e direta nas coisas do mundo. Ele é desses cegos inteligentes, que explicam a seu modo o que não podem ver; que, não compreendendo o mecanismo da vista a distância, imaginam que se não pode conhecer uma coisa senão tocando-a. Por isso, reduziu ele o Cristo às proporções do homem mais vulgar, negando-lhe todas as faculdades, que são atributos do Espírito livre e independente da matéria.

Entretanto, de par com erros capitais, principalmente no que toca ao espiritualismo, aquele livro contém observações muito justas, que tinham até agora escapado aos comentadores e que lhe dão alto alcance sob certos pontos de vista.

O autor pertence à legião de Espíritos encarnados, que podem ser chamados demolidores do velho mundo, e cuja missão é nivelarem o terreno em que se edificará um novo mundo mais racional. Quis Deus que um escritor de grande fama viesse com o seu talento lançar a luz sobre certas questões obscuras e envoltas em prejuízos seculares, a fim de predispor os vossos espíritos para as

novas crenças. Sem o querer, Renan aplainou os caminhos para o Espiritismo." (*Obras Póstumas.*)

*

Um talentoso médico católico, porém católico manso, o Dr. Émile Vérut, em livro publicado recentemente em Paris, sob o extenso título: *Voilá vos bergers... Jésus devant la science*, propôs-se a uma brilhante defesa do amado Mestre investindo contra o que ele chama a má-fé dos que escreveram adulterando a verdade histórica e a psicologia do Filho de Maria, de modo a produzir contestações.

Começa indignado contra Voltaire, o irreverente e ferino motejador das heresias do clero romano nas suas cartas a Thiriet, nas quais ele ridiculariza a fradalhada (*la pénaillerie*, vocábulo empregado pelo erótico Rabellais para designar os monges).

Voltaire, de fato, interpretava a seu modo o Evangelho, muito ao pé da letra, e seja dito em abono da justiça que o Dr. Émile Vérut lhe aponta melhor sentido, procurando exaltar valorosa e galhardamente a figura de Jesus. O autor de *Micromegas*, que, sob a capa de Aruet, nos deu páginas preciosas de filosofia, teve a clarividência precisa para afirmar que Jesus não se disse Deus, contra o que não esteve de acordo o seu crítico, fiel ao dogma romano, mas adianta haver Jesus cometido erros e emite a falsa teoria de não haverem sido os Evangelhos escritos por testemunhas oculares, nesse erro englobando Mateus e João.

Houve porém um romancista que se deu à ingrata empreitada de escrever um romance em dois tomos, editados em 1927, sob o título: *Jesus e os Judas de Jesus*, no qual nos apresenta este como comunista, ou antes como um bolchevista vermelho e cínico.

Renan não escapou à análise pessimista de Émile Vérut, porém improcedente em muitos pontos, de vez que esse extraordinário pensador, como já o demonstrei, apareceu-nos rompendo contra o dogma da divindade de Jesus, ao passo que o seu comentador está alugado à Igreja Romana.

*

Jules Soury é outro que tal a ler e a tresler os Evangelhos e a escrever *Jésus et les Évangiles* à maneira dos cegos. Daí, alguns esclarecimentos menos turvos do confrade em letras e tretas, que acaba fazendo longas ponderações a *La Folie de Jésus*, obra de fôlego em 4 volumes, devida à venenosa pena de um seu colega em medicina, o Dr. Binet-Sanglè.

No *Cancioneiro Alegre*, Camilo Castelo Branco, com a sua pena de ouro, ora clava a desancar a hipocrisia, ora acúleo a ferir a vaidade, em outras muitíssimas vezes gemido a provocar-nos a sensibilidade e as lágrimas, disse que todo homem tem uma porção de inépcia, que há de sair em prosa ou em verso, em palavras ou em obras, como o carnicão de um furúnculo.

Houve, ou ainda há, em França um inepto, o tal Dr. Binet-Sanglè (que pelo nome de encilhado não se

perca), o qual teve ocasião de espuir o pus do seu furúnculo junto com a matéria encefálica ao escrever com audaciosa irreverência um pasquim sob o referido título de *La Folie de Jésus*.

O professor da Escola de Psicologia de Paris (veja-se a que lazarentas mãos está confiado o ensino!) quis provar o desequilíbrio mental do fundador do Cristianismo e fá-lo servindo-se de lógica igual à dos fariseus quando denunciavam o Divino Mestre como dominado por Satanás.

Este psiquiatra viu um Cristo pior que todos, um Jesus possuído de loucura religiosa, cheio de taras, atavismos, degenerescência física, alcoolismo, tuberculose, histeria (?), receptividade telepática, debilidade intelectual, idéias de grandeza, de perseguição, alucinações, vesânia, e. . . furibundo na hora em que expulsou os mercadores do templo, que ele assim descreve por sua alta recreação:

"Era preciso que o acesso fosse verdadeiramente terrível para que os mercadores e cambiadores se dispersassem diante desse homem débil, que os insultava, qual um búfalo, arremetendo contra eles como um furacão, batendo-lhes com um molho de cordas, e bateria com uma bengala ou com um machado, se os tivesse ali à mão. Vede-o de rosto franzido, dentes cerrados, olhos em fogo, na palidez do frenesi, vibrar, tremente, a corda que servia para conduzir o gado, e se lançar no meio da escória. Todos fogem, animais e homens, num clamor de espanto. As mesas caem com as corbelhas de prata, gaiolas são

arremessadas sob os gritos dos pássaros a baterem as asas, ouvindo-se o mugir e os balidos dos animais dispersados."

Devia ser uma cena dantesca, na opinião desse fariseu.

Honra lhe seja feita, Émile Vérut, o autor de *Jésus devant la science*, aparou as asas desse morcego sequioso de sangue.

Ninguém se admire de haver quem escreva, quem edite e quem leia pasquinadas desse teor. Os autores franceses conhecem de sobejo a psicologia do seu povo, os editores também. Numa terra onde o licencioso livro de Victor Margueritte, *La Garçonne*, obteve até 1929 a saída de 625 milheiros, não é de espantar que a borracheira do *sábio* professor lhe fosse uma pepineira a rechear-lhe as algibeiras com os trinta dinheiros de Judas.

Em magnífica e acertada crítica feita pelo nosso talentoso patrício Dr. A. G. de Araújo Jorge pelas páginas do *Jornal do Commercio* e reunida num opúsculo, o articulista ataca com mestria o infamante libelo do péssimo exegeta francês, tão inábil no assunto quão canhestro na ciência que pretende ensinar. A Psicologia só a pode saber quem conhece a alma imortal. Esse fariseu deve ser um materialista vermelho e cascudo.

Na vida do Além pode um Jesus, embora louco, readquirir a integração das suas faculdades mentais, mas os Sanglès continuam a ficar jungidos à cilha e, o que é pior, reconduzindo a alma ainda eivada dos tumores, a que aludiu o mestre Camilo na sua mordacidade muito oportuna.

Binet nem ao menos tem o arrependimento da traição para dependurar-se num baraço. Só mais tarde, quando não haja mais remédio, chorará amargamente como Pedro ao negar Jesus.

*

Charles Guignebert, professor da Sorbona, abeberou-se em longas vigílias para dar à estampa *La vie cachée de Jésus*, em oito livros, todos eles versando assuntos exclusivamente atinentes ao Cristianismo, e demonstra o seu espírito sequioso de desejo por ilustrar a sociedade para a qual escreve. Mas, assim como todos quantos se atolam no tremedal da terra, só disse o que viu sem ao menos um óculo de alcance.

Sobre o nome e a data do nascimento do Divino Mestre, consome 22 páginas das suas escavações, tentando elucidá-los. Maior trabalho teve em dizer nas suas 34 laudas do livro onde nasceu o menino Jesus, que diziam uns ser em Belém, outros em Nazaré. Outras 20 páginas para vacilar sobre o nome da virgem de Nazaré, que não era Maria, nem o esposo se chamava José. Mais para diante, há outras 34 laudas sobre a concepção virginal, e imagine-se o que poderia sair da sua pena. Pouco além, sobre a infância e educação de Jesus, pode-se apreciar o descortino do professor de ciências infusas por este pedacinho de delicioso humorismo, a que os franceses chamam *verve*:

"Jesus deveria ter aprendido um ofício, talvez o de manipulador em madeira" — sabemo-lo bem (sabem-no

os *carapinas* que *martelam* nesse erro). E o motivo é, não por obedecer à regra que estabelecia dever um rabino pôr-se em condições de atender às suas necessidades, mas para *ganhar a vida*, visto como pertencia a uma família que, sem dúvida, exigia do trabalho manual o pão de cada dia. Esta probabilidade tem sua importância quanto à formação do pensamento de Jesus, à determinação das suas preocupações essenciais e à limitação do seu horizonte. Ele nasceu e cresceu no seio do seu povo.

Pobre escavador circunscrito à Terra, acerca do que se passa no ilimitado horizonte da espiritualidade!

E para não ir mais acima, cita-nos 74 autores consultados; mas que fazer se os seus informantes navegavam na mesma canoa furada, a fazer água pela proa?

Estes marinheiros são dos tais a quem o Divino Mestre aludia quando afirmava numa admirável hipérbole mordaz: "Coam um mosquito e engolem um camelo." (Mateus, cap. XXIII, v. 24.)

*

Analisemos outros que engoliram, não um camelo, porém dois, por exemplo: Edouard Schuré com o seu livro *Os Grandes Iniciados.*

Começa a sua falta de visão em incluir Jesus entre os que o autor, ocultista ortodoxo, chama iniciados, e que, segundo a tradição vinda de Himalaia, eram aqueles que na ciência secreta da Índia se instruíam nos mistérios do Oriente, ao influxo de Ísis e Osíris. E o escritor

tempera na mesma panela Râma, Krishna, Hermes, Moisés, Orfeu, Pitágoras, Platão e, sacrilegamente nivelado a esses, Jesus.

Passa logo a considerar como sendo belo o estudo de Sabatier no seu *Diccionaire des Sciences Religieuses*, parecendo-lhe ser o mais luminoso resumo da vida de Jesus, havendo esse escritor vindo da escola filosófica de Hegel e inclinando-se à escola crítica e histórica de Bauer e Strauss. Sem negar a existência do Divino Mestre, procura provar que a sua vida, tal como os Evangelhos a contam, *é um mito*. Esse, o *luminoso* trabalho.

Páginas adiante, já esquecido do mito imputado aos evangelistas, louva-se neles para asseverar que Jesus foi reconhecido como filho de Maria e de José, visto que Mateus nos dá a sua árvore genealógica, a fim de provar que Jesus descendera de David.

Esgota-se em fazer uma imaginária e poética descrição da Galiléia, quase copiada de Renan, enaltecendo-a e pintando-lhe o remansoso bucolismo das florestas, a suavidade do ambiente oxigenado, a verdura das vinhas e figueiras, e ali descobre, com os seus olhos de lince, Jesus a receber a *sua primeira educação e a aprender as primeiras noções das Escrituras*.

Observando com angústia o quadro desolador que se lhe oferecia em todos os lados para os quais movia os olhos entristecidos, o jovem nazareno perguntava-se: "Para que serve este templo, estes padres, estes sinos, estes sacrifícios, visto que não podem dar remédio a todas estas dores?" E resolveu, *só então*, tomar uma decisi-

va deliberação — a de se consagrar de corpo e alma ao bem comum. E partindo cheio de tristeza e de angústia para os píncaros luminosos da Galiléia, o seu coração soltou este grito profundo: "Pai celeste, eu quero saber! Eu quero curar! Eu quero salvar!" (Como Ele andava atrasado!)

Ora, na sua insipiência, esquecido de que era um Enviado, o Messias predito pelos profetas, aquilo que precisava de saber *só os essênios lho poderiam ensinar*.

Os Evangelhos guardam absoluto silêncio sobre os fatos e os gestos de Jesus antes do seu encontro com João Batista — lamenta o nosso Árgus — porém este descobre apesar disso que o rapaz, aparecendo com uma doutrina assente, devê-la-ia evidentemente a uma iniciação. Isto não pode oferecer a menor dúvida àqueles que, elevando-se acima da superstição da letra e da mania maquinal do documento, ousam descobrir o encadeamento das coisas pelo espírito delas. Schuré não é desses tais que buscam o espírito, por isso fica desapontado com os apóstolos e os evangelistas por não lhe terem falado dos essênios. A verdade, arrancada a poder de um boticão, era que também Jesus se misturara a eles, com eles houvera estudado os Mistérios de Elêusis.

E foi com singular comoção que ouviu o chefe da ordem mostrar-lhe e comentar as palavras que se lêem ainda hoje no livro de Henoc: "Desde o princípio o Filho do homem existia no mistério. O Eterno guardava-o à beira do seu poder e manifestava-o aos seus eleitos", etc.

Naturalmente — penso eu — Jesus deveria ficar boquiaberto com o palanfrório do chefe da seita, Ele, que era um rapazinho bisonho.

Se os evangelistas foram avaros em minúcias, o novo e esperto historiador ainda mais nos empobrece com estas lentejoulas a fingirem áureas irradiações, no intuito de preencher o período que aqueles papalvos omitiram:

"Jesus passou bastantes anos com os essênios. Submeteu-se à sua doutrina, estudou com eles os segredos da Natureza, exercitou-se na terapêutica oculta, e, para desenvolver o seu espírito, dominou inteiramente os sentidos. Nenhum dia se passava sem que Ele meditasse sobre os destinos da Humanidade e não se interrogasse a si mesmo. Foi uma noite memorável para a ordem dos essênios e para o seu novo adepto aquela em que Ele recebeu, *no mais profundo segredo*, a iniciação do quarto grau, aquela que não se concedia senão no caso especial duma missão profética desejada pelo irmão e confirmada pelos Anciãos."

Que pena que os evangelistas não tivessem assistido a isso!

E seguem-se as endrôminas com a descrição minuciosa do rito esotérico a que eram submetidos os iniciados, dentro sempre daquele segredo tumular e rigoroso, que implicava até a morte a quem se atrevesse a levantar o velário dos seus conhecimentos. E visto que o Mestre mais tarde — penso eu — haveria de proclamar: "O que vos digo em segredo, divulgai-o de cima dos telhados" quem sabe se não foi por isso que o crucificaram?

Que nos responda Schuré, servindo-se da sua lente de alcance.

Quando interrogaram o *essênio*, vestido com a túnica de linho branco, sobre se seria Ele o Messias, não pôde, perturbado, responder a essa consulta, e por isso recolheu-se a Engaddi, e ali, sujeito a uma crise moral, dentro dos rochedos de uma gruta, descrita com detalhes terrificantes, teve a tentação diabólica. Apesar de lá haver um fio de água e figos secos, Jesus passou um mau quarto de hora, em reflexões alucinantes a fazer um retrospecto do passado e a acomodar as suas idéias dispersadas no torvelinho da luta que se travava, deixando-o cheio de inquietações. E a discussão com o demônio assume proporções inéditas, o diálogo é mais longo e porventura mais apavorante, porém, o demo cai vencido, como convinha, para o pseudo-essênio continuar o seu outro Calvário com o trêfego comentador da sua triste vida.

No IV capítulo da sua obra, este o inicia dizendo que até ali procurou iluminar com a sua própria luz essa parte da vida de Jesus que os Evangelhos deixaram na sombra ou envolveram no véu da lenda. Para ele, iluminar com a luz própria é *aller du grenier à la cave, de la cave au grenier*, conforme se diz na sua terra (proferir despropósitos).

A vida pública de Jesus é-nos contada pelos Evangelhos, mas há nas suas narrações divergências, contradições, saltos — observa o analista. Esses desconchavos foram ajustados pelo autor em lide. Conciliou as divergências, harmonizou as contradições e preencheu os sal-

tos com a facilidade de um romanceador de quem nada mais se exige que habilidade de imaginação, estilo e audácia para adulterar os fatos, piorando-os.

Oh! o sapateiro de Apeles...

Jesus havia de ser à viva força essênio, envergando, não a túnica inconsútil de que nos fala João, mas a alva túnica de linho usada pelos iniciados e por isso é com essa veste que se apresenta a Herodes. (1)

Felizmente Schuré não desce a maiores desmerecimentos sobre os créditos morais e intelectuais do Rabino e transcreve as palavras deste quando afirmou que "Em três dias destruiria o templo e o reconstruiria", comentando o passo deste teor: (Viu mais claro que Renan.)

"Realizou Ele essa promessa audaciosa, essa palavra de iniciado e iniciador? (Sempre a mesma mania de esotérico fanático!)

"Sim, se atentarmos nas conseqüências que o ensinamento do Cristo confirmado pela sua morte e ressurreição espiritual produziram para a Humanidade, e em to-

---

(1) João diz que a túnica não tinha costura (cap. XIX, v. 23) e, além disso, refere Lucas (cap. XXIII, v. 11) que Herodes vestiu Jesus de uma roupa branca, isso porém com os seus soldados, por desprezo e escarnecimento. Mas é bom de notar que Lucas escreveu de outiva, 60 anos depois dos acontecimentos, ao passo que João foi um apóstolo assistente dos fatos e nada fala sobre a mudança de vestes, conquanto Mateus, também assistente, diga que os soldados, depois que Pilatos entregou o Messias aos fariseus, despiram-no e lhe vestiram um manto carmesim (cap. XXVII, v. 28) e logo após cuspiram nEle e lhe deram na cabeça com uma cana, escarnecendo-o. Em seguida, despem-lhe o manto carmesim e vestem-no com as suas vestes. Provavelmente a túnica inconsútil, a referida por João, é que era tecida de alto a baixo.

das aquelas que a sua palavra produzirá num porvir ilimitado. O seu Verbo e o seu sacrifício construíram os alicerces dum templo invisível mais sólido e indestrutível que todos os templos de pedra. Mas ele não se continuará nem se completará senão na medida em que cada homem e em que cada século nele trabalhem.

"Qual é esse templo? O da humanidade regenerada. É de ordem moral, social e espiritual. O templo moral é a regeneração da alma humana, a transformação dos indivíduos pelo ideal humano, oferecida como exemplo à Humanidade na pessoa de Jesus.

"A harmonia maravilhosa deste e a plenitude das suas virtudes fazem que seja difícil defini-lo. Razão equilibrada, intuição mística, simpatia humana, poder do verbo e da ação, sensibilidade até à dor, amor transbordando até ao sacrifício, coragem até à morte — nada lhe faltou.

"Em cada gota do seu sangue havia alma bastante para fazer um herói, mas com essa alma forte quanta doçura divina se misturava!"

Como se viu, Edouard Schuré era esotérico até à medula dos ossos, em todos quantos passou em revista, descobrindo a iniciação nos diversos templos egípcios, Moisés, Hermes, Platão e até esse legendário Orfeu que a mitologia diz haver nascido do rei da Trácia, Œnagrio, e de Calíope, musa da poesia heróica e de eloqüência. Outros o dão como de origem mais fantástica, descendendo de Apolo e de Clio, também deusa da História e

inventora da guitarra, instrumento com o qual por vezes é representada. (1)

Mas, entre cem pessoas, nenhuma absolutamente dá crédito às figuras fantásticas e estafadas da mitologia, a não ser algum energúmeno. Entretanto, não é somente Schuré que invoca o nome de Orfeu sempre que se trata de historiar as religiões do passado, dando-o como organizador de um sistema moral ministrado na Grécia pré-histórica, o qual, seja dito de passagem, não desvirtua o pensamento divino na obra da regeneração humana. Todavia, uma vez que se queira documentar alguma verdade, não será estabelecendo bases em bancos de areia. Orfeu penetrou no inferno onde ia em busca da sua idolatrada Eurídice, e como lhe fosse defeso olhar para trás na descida e não contivesse a impaciência de olhá-la, tombou no báratro.

Ora, essa imaginária criação da fantasia de Virgílio, tomada à tradição, e de Homero, cuja existência ainda é posta em dúvida, apesar de cinco cidades lhe disputarem o berço, Schuré se apressa em afirmá-la como um ser vivo, iniciado nos mistérios dos Dionísios.

Da mesma forma, Hermes Trismegisto nunca foi iniciado, pois o invocam como mensageiro dos deuses. Quando muito, será iniciador ou mestre da sua doutrina. Também Platão não foi iniciado, mas sim discípulo de Sócrates, que, havendo-se inspirado em Anaxágoras, moldou uma filosofia absolutamente concorde com os futu-

---

(1) P. Commelin — **Mitologia grega e latina.**

ros postulados cristãos e a ensinava verbalmente à mocidade no jardim de Academo, ou em qualquer parte onde estivesse, nas praças públicas, nas oficinas, passeando e até à mesa quando comia, assim formando muitos discípulos.

Platão reuniu muitas das lições nos seus 35 *Diálogos*, em que tomaram parte, entre outros, Sócrates, Echecrate, Fédon, Apolodoro, Cebes, Mileto, Eutifron, Símias e Críton, o servo dos doze magistrados. Embora mais tarde, indo ao Egito, se iniciasse nas doutrinas secretas dos sacerdotes de Sais, não se pode considerá-lo como a outros amordaçado pelas concepções dos dois Dionísios, com os quais travou relações, tanto que, não lhes podendo transmitir o amor pela sabedoria socrática, regressou a Atenas, onde fundou no mesmo jardim de Academo, herói mítico, a sua escola, que obteve grande celebridade. (1)

Acresce que, se o esoterismo é uma doutrina secreta, revelada exclusivamente aos que se iniciavam nos antigos Mistérios orientais, torna-se em absurdo incluir nesse conjunto Moisés e sobretudo Jesus, cujas lições nunca foram ocultadas a quem quer que fosse e constituíram a fonte onde se desalteravam os sedentos da água da vida, sem as indecisões do mistério nem as tenazes do segredo.

Quer no *Levítico*, nos *Números*, ou no *Deuteronômio*, Moisés fala sucessivamente como por ordem do Senhor, que é quem lhe dita e ordena as leis constan-

---

(1) Joaquim Alves de Sousa — **Philosophia Elementar.**

tes desses livros, caindo assim por terra a noção de que fosse iniciado nos santuários do Oriente.

*

Outra *Vida de Jesus*, esta trabalhada pela brilhante pena feminina da Sra. E. G. White, que encobre o nome por extenso de talentosa escritora de origem inglesa, é um hino de exaltado amor ao meigo Nazareno, derramado como o nardo balsâmico sobre as páginas do livro com aquele mesmo caricioso afeto de Maria de Betânia quando o esparzia sobre a cabeça do amigo de Lázaro.

Vendo Jesus sob o silêncio em que outros foram obscurecidos acerca das suas inatividades desde o nascimento até os doze anos, a desconsolada escritora também quis bordar alguns traços biográficos a seu talante, para preencher esse período, contando-nos que o Mestre na sua mocidade trabalhou com o pai pelo ofício de carpinteiro, isso fazendo — diz ela nas suas nobres intenções — para que não nos envergonhássemos do trabalho. Então, na sua modesta oficina de carpinteiro, e onde o ofício lhe reclamava a presença, o jovem israelita trabalhava a soldo, a fim de contribuir para o sustento da família.

Se os evangelistas sinópticos acreditaram na tentação de Jesus por Satanás e nos transmitiram a mistificação, devemos relevar que a boa senhora endossasse a balela e mencione o passo de modo a não deixar uma lacuna no seu livro, todo ele banhado de doçura e suavidade.

Porque é de justiça considerar essa obra como um testemunho de sinceridade e respeito da parte de uma

alma verdadeiramente crente, obra na qual o seu magnífico esforço se limitou a ir desfolhando as páginas dos quatro evangelistas, dali revocando os versículos e de caminho recamando com as flores perfumosas da sua alma cristã os assuntos relativos ao suave pregador da Galiléia.

A sua generosidade, muito feminina, se afirma na piedosa defesa de Judas. Este, muito arrependido da traição, dirige-se a Caifás e roga-lhe:

"Jesus é inocente. Poupa-o, Caifás. Nada fez que merecesse a morte."

E vendo que as suas súplicas eram debalde, lança-se de joelhos aos pés de Jesus, reconhecendo-o como filho de Deus e implorando-lhe perdão de seus pecados, bem como instando que Ele se prevalecesse do seu poder divino de modo a se desembaraçar dos seus inimigos.

Isso não está no Evangelho, mas ficará já agora nas dobras do coração magnânimo dessa abençoada criatura — Madalena revivida nas laudas de um bonito livrinho de 168 páginas, com estampas na versão portuguesa.

Não passarei a outrem antes de transcrever estas encantadoras páginas em que se descobre uma paciente escavação bíblica:

"Chegara aos ouvidos dos principais que Jesus se aproximava da cidade, acompanhado de numeroso séquito. Saíram ao seu encontro no intuito de dispersar a multidão, e, aparentando toda a autoridade, perguntaram:

"Quem é este?

"Os discípulos cheios do Espírito de Deus, responderam:

"Adão vos dirá: É a semente da mulher, que esmagará a cabeça da serpente.

"Interrogai Abraão: ele vos dirá: É Melquisedec, rei de Salem, isto é, da paz.

"Jacó vos dirá: É o leão da tribo de Judá.

"Isaías vos dirá: É Emanuel, Admirável Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz.

"Jeremias vos dirá: É o Renovo de David, o Senhor Justiça Nossa.

"Daniel responderá: É o Senhor Deus dos exércitos; Senhor é o seu nome.

"João Batista exclamará: É o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo.

"Jehová declarará do alto do seu trono: Este é o meu Filho amado.

"E nós, seus discípulos, vos responderemos: Este é Jesus, o Messias, o Príncipe da vida, o Salvador do mundo.

"Até o príncipe das trevas o confessa e diz: Bem sei quem tu és, que és o Santo de Deus."

Disse Renan: *Le talent de l'historien consiste à faire un ensemble vrai avec des traits qui ne sont vrais qu'à demi.*

Conquanto a escritora referida, em vez de fazer um conjunto do que se lhe antolhou pelo meio, completando-o com fatos verdadeiros, introduzisse alguma coisa de ficção,

não foi isso de molde a diminuir o legado sagrado, nem a fazê-la menos digna do modesto estudo a que o seu espírito se dedicou numa hora de legítima veneração.

Fossem todos assim, tivessem outros o pensamento limpo de preconceitos, de orgulho e pretensões à competência. . .

*

Um romancista, teatrólogo e crítico francês, Alfred Poizat, escreveu ultimamente *La vie et l'ouvre de Jésus*, à maneira de Renan, isto é, acompanhando *pari passu* os textos evangélicos e de caminho interpondo os seus conceitos e modos de assimilação pessoal.

Nessa cruzada é que todos se embrenham por cipoais cerrados e espinhentos, que lhes vão ferindo a perspectiva visual no que concerne à essência íntima dos ensinamentos através do espírito.

Como preito de justiça devo confessar que o autor aparece na obra inteiramente libertado de prevenções e até revelando um alto propósito em reconhecer no Mestre um legítimo representante de Deus e o esteio da religião. É de Poizat o conceito de que Jesus é já agora a chave de toda a religião. Suprimi-o, e tudo se desmoronará.

Durante toda a sua análise evangélica transparece não só grande respeito quanto a mais absoluta imparcialidade e disposição natural em nunca deprimir o que nos deixaram os evangelistas como documento histórico e no qual se confia o autor do livro, repontando a graça de que foram aquinhoados os seguidores do Rabino, consi-

derando que, após os seus sacrifícios, deixando as suas ocupações e não se preocupando de como haviam de se manter, bastava-lhes a recomendação de Jesus sobre aquela passagem em que Ele mostrava os pássaros do céu e os lírios do campo viverem sem que lhes faltasse o cibo da vida. Tudo isso lhes pareceria loucura, mas que importaria a eles serem loucos na companhia de tal Mestre, quando isso era bem melhor que serem sensatos privados dEle? Que de encanto lhes traz a sua palavra diante da qual as mais ínfimas coisas se animam, palpitam, cantam e tomam um sentido! Cada um parece ouvi-lo com alma infantil. Isso é o que Ele quer — refazer-lhes a alma infante, abrir-lhes um delicioso mundo que, ao contacto da vida egoísta, se achava fechado neles, de modo a dar-lhes o sentido e o gosto pelas coisas do céu. Tratava-se de fundar entre eles o espírito cristão e lhes caldear as almas de sacerdotes para a igreja que Ele vinha fundar.

Por estas poucas considerações se pode aquilatar o feitio da sua obra e a docilidade do seu comento, sem o azedume de outros críticos severos em minudências despropositadas e picuinhas depreciativas. Poizat nunca se refere a incoerências, e parece à nobreza dos seus intuitos não as haver notado ou ao menos ocultá-las para levar a cabo a sua intenção de jamais negar o perfume de santidade ao Livro da Vida.

Menos materializado na penetração sobre a natureza de Jesus do que outros que claudicaram nesse ponto, manifesta a sensata opinião de que o Messias, consoante o profeta Isaías, devia nascer de uma virgem. Se Jesus era realmente o Messias, sua mãe devia ser virgem ao

lançá-lo no mundo, e isso nos afirmam Lucas e Mateus, nas maravilhosas narrativas da anunciação e natividade, que a muitos pintores e poetas do mundo cristão têm embalado deliciosamente. Infeliz daquele que não sente a necessidade e verdade superiores dessa poesia! — diz ele.

Verdade superior, e tão bela, que muitos não alcançaram.

Apenas se depara por vezes, como é de esperar, o seu ponto de vista absolutamente mundanal, qual o de todos quantos não conhecem a vida além do véu da carne.

Daí, admirar-se do silêncio dos evangelistas a respeito do Mestre desde o nascimento até os 30 anos. Nada mais que o carpinteiro. Não crê — e nisso foi ajuizado — que Jesus tivesse longa estada no Egito, como querem alguns, pois, se tal se desse, os evangelistas não o teriam ocultado. No entanto, parece haver Jesus *ignorado a sabedoria* egipciana, visto como apenas se referiu a Moisés, David, Salomão, etc. É o caso de uma em cheio, duas em vão.

Quanto àqueles chamados irmãos do Mestre, não podem ser senão filhos dum primeiro matrimônio de José ou sobrinhos deste. Outro passo sensato do autor. Mas o bom senso é logo desviado quando acredita que a multiplicação dos pães tinha por fim encaminhar as coisas para a eucaristia da Igreja.

Também é provável que foi por intermédio de Maria Madalena que Jesus veio a conhecer Lázaro e Marta. Não sei onde Poizat foi descobrir isso. E lá vem a estúpida versão de que Madalena, sendo uma grande amorosa, não

hesitara em sair da sua vida regular para afrontar todos os perigos, para correr, de aventura em aventura, de queda em queda, a fim de contentar o seu coração insatisfeito. E o caluniador desce a compará-la às personagens decaídas de Racine e Dumas (Pai). Madalena que lho agradeça.

Numa deplorável confusão, atribui à meiga criatura o papel da mulher que derramou o vaso de bálsamo sobre a cabeça de Jesus e dessarte já não é Maria de Betânia quem o fez, mas a que estava destinada por esse infiel exegeta. O ensino sobre Elias, vindo na pessoa do Batista, ele o acha sibilino. Pudera não!

Não obstante estas cincas, Poizat tem páginas que o redimem e merecem sejam lidas, porque o romancista, habituado a polir no mármore da fantasia e a bordar em fios de seda a sua elegante pena, tem um sabor que agrada e que nunca fatiga o espírito afeiçoado à boa leitura.

Verifica-se mesmo que esse ensaio foi apenas um passatempo de diletantismo, entre as horas vagas do escritor, a quem faltavam as demoradas leituras requeridas pelo magno assunto, muito mais sério do que ele pensava e do que pensam outros de maior topete e que se despistaram toda vez que enveredaram pelos labirintos do Evangelho.

*

É uma teoria paradoxal a de um certo escritor germano Roberto Eisler adotada numa obra volumosa de 1.360 páginas, publicada no ano de 1829, aparecida em Londres e Nova York, em 1930, sob o título *The Messiah*

Jesus, pois que a epígrafe alemã não a posso aqui transcrever porque ocuparia três linhas.

Em síntese, pensa ele que todo o trabalho empreendido pela crítica depois de século e meio, isto é, desde quando se começou a tratar dos Evangelhos, como documento histórico e não como textos inspirados e infalíveis, foi orientado sob falsa pista e deve ser recomeçado em bases novas, inspirando-se, mas acentuando-se, sob as vistas que Reimarus desenvolveu com paciência verdadeiramente genial, assim se devendo inaugurar uma nova era.

A vingar esse processo, seria prudente esperarmos que daqui a dois mil anos se venha a escrever a verdadeira história dos acontecimentos atuais, que na opinião desse engraçado reformador dos sucessos deve trazer o sabor de novidade da moda, como nos vestuários, *dernier bateau*, segundo os franceses, *up to date*, conforme os ingleses. Eisler era um futurista mais desbravador do que o desequilibrado italiano Marinetti.

A favor desse pedante demolidor saíram-se uns senhores Meat, Thackeray, ingleses, Kempers e Lehmann-Haupt, alemães, e contra ele Eisler, Windisch e Maurice Goguel com a sua monografia *Jésus et le Messianisme Politique*, de onde colho estas notas.

Goguel acha muito judiciosamente que não se pode negar que a censura oficial ou oficiosa exercida pelos cristãos tenha feito desaparecer muitos textos que seriam preciosos aos nossos historiadores, mas o método de Eisler lhe parece arbitrário, porque, ao invés de interrogar os

textos com imparcialidade e sem idéia preconcebida, submete-os, antes de os utilizar, a um tratamento cirúrgico de amputações e restaurações tão audaciosas que os levam a dizer o que não parece dizível e por vezes exatamente o contrário do que os historiadores antecedentes ali acharam.

A empreitada de Eisler teve por escopo contrariar a importantíssima investigação de Flavius Josephus na sua obra de rara erudição *Antiguidades Judaicas*, mas Goguel deu-lhe o contravapor com tal ou qual habilidade, pelo menos restaurando o conceito de antigos rebuscadores, mais próximos da época e armados de material insuspeito.

O crítico de Eisler nos dá uma informação inédita, que vem a ser a de Jesus haver curado a mulher de Pilatos, que estava para morrer. Tome-se nota da extravagante notícia. Todavia, para indultá-lo, bastaria esta forma de interpretação sobre Jesus:

"Havia aparecido um homem, se é admissível chamar-lhe homem. Sua natureza e seu aspecto eram humanos, mas a aparência era mais que a de um homem; *entretanto, as suas obras eram divinas.* Ele realizava prodígios maravilhosos e *poderosos. Eis por que me é impossível chamar-lhe homem*" (ambas as frases grifadas são desse autor).

Para se avaliar a desorientação do Eisler e outros que tais, basta citar esta disparatada interpretação sobre a idade de Jesus, que eles têm por 50 anos, baseando-se no capítulo II, vv. 19 a 21 de João: "Desfazei este tem-

plo, e eu o levantarei em três dias" ao que replicaram os judeus: "Em se edificar este templo gastaram-se quarenta e seis anos, e tu hás de levantá-lo em três dias?" Mas Ele falava do templo do seu corpo" — comenta o apóstolo. Era esse o grande templo de Jerusalém. (1)

Pois Eisler, Goguel, Paplas, Irineu, Waltere-Bauer, Tubinger, talvez mais alguns, segundo nos informa o mesmo Goguel, viram nesse passo evangélico o qüinquagenário Cristo.

Edificante!

*

(1) O templo de Jerusalém tinha cem côvados de largo e cento e vinte de altura, que com o tempo ficou reduzida a cem côvados, devido ao desaprumo dos alicerces. Era uma maravilha a qualidade e a cor das pedras do edifício, assim como as suas dimensões, pois tinham vinte côvados de comprimento, oito de altura e doze de largura. As artes tinham rivalizado para que causasse assombro a arquitetura daquele monumento, que parecia o palácio de um rei, o mais esplêndido que o Sol tem iluminado. Os seus pórticos eram adornados com ricos tapetes recamados de flores de púrpura. Das cornijas das colunas caíam cepas de ouro com os seus pâmpanos e cachos. O templo tinha dez portas, quatro ao Norte, quatro ao meio-dia e duas ao Oriente. Estas portas tinham duas folhas e mediam trinta côvados de altura e quinze de largura. Os ângulos eram chapeados de ouro e prata e só um era de cobre de Corinto — metal mais precioso que qualquer outro. O frontispício do monumento, com os seus muitos enfeites de ouro, tinha um brilho prodigioso aos raios do sol nascente. O interior do edifício, dividido em duas partes, era duma riqueza que deslumbrava. Sobre a porta do primeiro recinto sagrado via-se uma cepa de ouro do tamanho de um homem, com cachos do mesmo metal. As portas que conduziam ao segundo recinto eram cobertas por um tapete babilônico de cinqüenta côvados de altura e dezesseis de largura. O azul, a púrpura, o carmim e o linho, misturados nos tapetes, representavam os quatro elementos: o azul, o ar; a púrpura, o mar; o carmim, o fogo, e o linho, a terra que o produz. A arte, ajudada pela ciência, também tinha ali representada a esfera celeste. Passado o segundo recinto e no interior do templo, estava o **Santo dos Santos**. O templo era rodeado por largas e altas galerias, sustentadas por fortes paredes. A leste do monumento religioso havia um outro, que se achava convertido num terraço com quatro fachadas cujas pedras enormes estavam juntas umas às outras com chumbo. Uma tríplice galeria, que atravessava profundo vale, servia

Outro que nos veio desapontar com a *Vie ésotérique de Jésus de Nazareth* foi Ernest Bosc, dando-nos em 1902 um livro de 448 páginas in-8° e declarando ousadamente que, escrever uma nova vida de Jesus tão banal como já existem muitas, não valeria a pena; porém, ele quer servir ao seu público ocultista e teosofista, e então nos impinge dessarte um Jesus teosófico, metendo-o num torniquete, apertando-lhe as algemas de maneira a destilar o suco com que outros saboreavam o dulçor da sua individualidade, e, para esse martírio, dá-lhe uma reviravolta dos pés à cabeça (*de fond en comble*, como o diria Bosc na sua língua).

Seguindo as peugadas de Schuré, obriga o amargurado Cristo a estudar até aos 32 anos os invioláveis segredos de Ísis na qualidade de essênio incontestável, visto haver sido apenas de um ano o seu apostolado. De modo que, se João nos mostra três páscoas em seu Evangelho, que correspondem implicitamente a três anos, para Bosc esse ano deveria excepcionalmente ter três páscoas.

Prodígios cronológicos da deusa Ísis. . .

Nunca Jesus pensou haver sido o Messias — diz o leviano teósofo, não levando em conta o que o Mestre

---

de comunicação entre o templo e o bairro ocidental da cidade. Aquela galeria era sustentada por cento e sessenta e duas colunas de ordem coríntia, de vinte e sete pés de circunferência cada uma. Ao norte do templo, a torre de Asmoneus, reedificada por Herodes e semelhante ao seu palácio, e que tomou o nome de Antônia em memória ao benfeitor do rei (Marco Antônio). Uma abóbada subterrânea comunicava a torre Antônia com a porta oriental do templo. Era nesta fortaleza que se guardavam as vestimentas solenes do sumo-pontífice e do tesoureiro. (Flavius Josephus — **Antiguidades Judaicas.**)

dissera à Samaritana na fonte de Jacó, e, a respeito do seu invólucro carnal, expõe uma teoria um tanto sibilina pela qual o *Corpo Causal* é um agregado de substância sutil que constitui o *manas* superior, porque traz consigo germens de outros princípios humanos. Vestimenta puramente automática — diz o autor — entretanto, quando parece pela explicação mal alinhavada tratar-se de coisa incorpórea, conclui o cabeçudo decurião de primeiras letras que Jesus era um ser humano, e, se não, como poderia Ele ter alegrias, tristezas, emoções, toda a sensibilidade sem a carcaça de carne? (Pois não é verdade que o corpo é quem fica triste, alegre ou sensibilizado?) Todavia, o ocultista confessa ser para ele um mistério o nascimento de Jesus, e quanto à virgem Maria ter sido mãe sem cessar de ser virgem, isso é um processo tão profundamente esotérico, que não é permitido divulgar. Mas, para não nos privar de todo do precioso maná, dá-nos o cheiro de longe com esta mirabolante explicação: "Limitamo-nos a dizer que, no caso de nascimento espontâneo de uma virgem, a criança fica sendo ao mesmo tempo marido, irmão e filho de sua mãe (Osíris, Hórus e Ísis). É o grande mistério, que só poderão compreender os leitores versados no ocultismo."

Gente feliz essa, com a economia de família.

Ernest Bosc sua o topete para chegar à solução da origem de Jesus, que havia de ser judeu, semita ou arameu, mas que estudou com os essênios, isso lá é fora de dúvida, ainda que Ele não quisesse.

A lógica deste escritor é deste teor: "Sobre a primeira infância de Jesus quase *nada sabemos, mas diremos* (mesmo sem o saber) que Ele passou os primeiros anos na oficina do pai, onde devia trabalhar por muito tempo, tendo-se notícia por carta do *Ancião dos Essênios* (?) que desde a infância Jesus havia sido destinado por José e Maria à seita dos essênios." Por onde andará essa carta? Decerto, o correio no-la extraviou.

Numa obra de Plutarco: *Iside e Oriside*, propaga-se a teoria do *sopro* de Deus para gerar uma virgem (1), teoria sancionada pelo mesmo historiador grego na sua obra lendária *Vida de Numa*. Ernest Bosc apressa-se incontinenti a referendar essa teoria e a aplicá-la a figuras imaginárias: Órion, Netuno, Mercúrio, Êurito, Vulcano, Marte e Zoroastro. Não satisfeito com a invocação de vultos da estafada invenção mitológica, também viu nascerem de virgens Moisés, Rômulo, Platão, Homero, Numa e Alexandre, o Grande. Ora, tanto Rômulo como Numa Pompílio foram reis hipotéticos na Roma de 780 anos antes do Cristo e do lendário rapto das sabinas, promovido pelos povoadores da cidade em falta de mulheres. A lenda conta que de Réia Silva, filha de Numitor, nasceram Rômulo e Remo, havendo ela defendido o filho primogênito das iras de um irmão, dizendo-o nascido de Marte (2). Zoroastro é de origem remotíssima, desconhecida, supondo a maioria dos autores haver

---

(1) Essa crença vai ser tratada no capítulo em que se falará da concepção de Maria.

(2) Tito Lívio — **História de Roma.**

vivido 5.000 anos antes da guerra de Tróia. Platão nasceu de raça nobre, que remontava a Codrin, e teve por nome Aristóteles, sendo-lhe posto aquele nome em virtude da largura dos seus ombros. Alexandre, rei da Macedônia, era filho de Filipe e Olímpias. Moisés era filho de uma mulher da tribo de Levi, casada com um homem da mesma estirpe, como se vê no capítulo II, vv. 1 a 10 do *Êxodo*. Finalmente, Homero diz a História haver nascido nas margens do rio Meles, tendo por mãe a Criteida, originária de Cime, que fugiu da sua terra natal para o golfo de Hermeu depois de seduzida por um desconhecido (1). Conclusão: nenhuma dessas personagens pode ser invocada como paradigma do fato único e transcendente da concepção de Maria, que gerou por obra do Espírito Santo, ou seja, de Deus, como era considerado na época o Senhor pelo povo hebreu.

De modo que Ernest Bosc se esbofou em querer fazer do Jesus evangélico um Jesus esotérico e só conseguiu a história de uma personalidade absolutamente desconhecida de toda a gente. Um romance de ficção, e mais nada, porém Thiers aconselhava aos autores de obras de ficção serem verdadeiros, embora dispensados de serem exatos (*Je conseillerait aux aucteurs de fictions de rester vrais, quoique dispensés d'être exacts*). Ora, Bosc, naquilo do filho ser também marido e irmão da virgem genitora, e outros desconchavos teosóficos, é de *épater les bourgeois*, é mesmo de esborrachar burgueses e aristocratas.

---

(1) Heródoto — Vida de Homero.

Devemos lamentar que esses pseudo-historiadores não queiram ir lavar os olhos no tanque de Siloé, onde Jesus restituía a vista aos cegos.

*

M. Desembert, outro fariseu de raça inglesa, mergulhou a pena em lama para infamar Jesus num imundo livro *Jesus of Nazareth*, no qual viu o filho de Maria nascer de uma violência praticada por um desconhecido. Por isso José e Maria, para esconderem ambos o seu opróbrio, fugiram para Belém, onde esta deu à luz o fruto criminoso.

E o filho espúrio conta a sua história de modo miseravelmente desvirtuado, como se fora um calceta da escória. Nunca fez milagres. O caso das bodas de Caná, era falso. Ele se limitara a mandar vir o vinho de uma adega próxima. Os demais milagres foram intrigas dos seus inimigos.

Se me ocupo dessa sujeira, a emporcalhar este trabalho, é para demonstrar a quanto desce o caráter do homem, acerca do qual uma vez escreveu o já referido Camilo com o seu humor filosófico: "O homem é a vergonha do seu Criador."

E é mesmo, se não sempre, muitas vezes.

Santo Agostinho, nos seus *Solilóquios*, também distinguiu os *eleitos e os ignominiosos* neste passo. "Eu também, Senhor, cogitando nisso, pasmo e tremo perante a profundidade das riquezas da tua sabedoria e da tua

ciência, que me não é lícito penetrar, e perante os incompreensíveis juízos da tua justiça, que do mesmo barro fabricas vasos de eleição e de honra e vasos de perpétua ignomínia."

Vaso de ignomínia é M. Desembert.

Vá lá mais esta de Sêneca quando ouviu um gentio dizer que sempre que estava entre os homens, menos homem se reconhecia (*quoties inter homines fui, minus homo redii*).

*

Nicolas Notovich é um escritor de origem russa, que se deu o incômodo de ir à Índia colher elementos para um livro que foi traduzido para o francês sob o título de *La vie inconnue de Jésus*, publicado em Paris no ano de 1902 e condenado pelo clero, que lhe impediu a divulgação por haver adquirido quase todos os exemplares para destruí-los. Essa viagem ele a fez em 1887 ao Tibet para estudar a vida desconhecida de Jesus, uma vez que a outra, a conhecida na Judéia, lhe parecia talvez incompleta, ou sediça. E então remexe alfarrábios na biblioteca do convento de Hímis, em Lassa (capital do Tibet) onde os lamas escondiam a preciosidade de uma história acerca de um certo Issa, instruído por Buda, do qual era a reencarnação, e que se deu ao estudo circunstanciado das doutiinas dos vedas e budistas para mais tarde vir como peregrino até Jerusalém, onde se declara israelita e começa a pregar, com pequenas alterações, a mesma doutrina do Cristo.

O seu apostolado começa aos 29 anos e dura três, acabando por ser condenado pelo Governador da Judéia, Pôncio Pilatos, a ser crucificado entre dois ladrões, sendo enterrado numa cova, de onde três dias depois desapareceu o seu corpo.

Este Novo Testamento é naturalmente mais um dos centenares escritos por informadores dos sucessos passados na Judéia, mas devido à pena de algum budista interessado em valorizar o seu credo superpondo a figura do seu deus hipotético à personalidade real e inconfundível do Divino Mestre.

Tal desvirtuada narrativa foi escrita em língua *pāli*, que os lamas estudam ainda hoje, parecendo por isso comprovado que os manuscritos se devem a um tibetano.

O que mais nos deve surpreender é o investigador passar longe do local onde se deram os fatos para ir desencantá-los em terra na qual talvez não chegasse o eco da doutrina em que o Cristianismo havia de assentar as suas bases.

Esse perquiridor quis notabilizar-se com a triste idéia de furtar às traças o manjar de que se nutriam para nos mimosear com o indigesto e putrefato alimento. Dispensávamos-lhe a frivolidade.

É mais perdoável o materialista que confessa a sua descrença do que o suposto cristão que vê em Jesus um indivíduo de baixa idoneidade, ignorante que veio estudar aquilo que tinha de ensinar, tipo de craveira ínfima, reencarnação de outro que lhe é muitíssimo inferior, por-

que ninguém dá ao certo notícia da origem desse carunchoso Buda.

Quanto mais nos afundamos nas leituras do que por esse mundo a fora se escreveu de Jesus, mais nos convencemos de que quase ninguém o viu com os olhos da alma. Sempre a matéria, sempre!

*

Henri Barbusse, romancista francês já mencionado por Émile Vérut, em má hora tentou fazer um trabalho de fantasia, talvez original para ele, mas absolutamente estopante e sem nexo algum. Nem é moldado nos salmos, nem no apocalipse, porque o autor apanhou no ar os ensinamentos evangélicos e deu-lhes uma vida amolentada e descrita aos saltos, na qual o Messias põe-se a falar num monólogo de XXXIV capítulos numerados à maneira de versículos, e nos quais o tarameleiro nos dá o modelo da sua estrambólica doutrina com este exemplo tomado por acaso ao capítulo X:

90 — Eu vos amo a todos, homens e ausentes eternos.

91 — Vi minha sombra pousar num pedaço de parede e de luz.

92 — Meus cabelos desordenados, a ponta do meu queixo e do meu ombro, em ziguezague preto sobre a pedra.

93 — Não sou senão isto: um pobre operário.

94 — Mas um operário que pensa ao mesmo tempo no labor e no castigo.

95 — Eu sou o operário dos operários.

96 — E eis agora ante meus olhos a construção da cidade e dos campos ao mesmo tempo, à noite, de dia no qual as estrelas estão ainda vestidas de azul. Como fez o grande Pastor de nossos antepassados, eu conduzirei o peso de todo este povo, e não direi: é muito pesado.

97 — Por causa daqueles que são fracos, é-se fraco, e por causa daqueles que têm fome, tem-se fome.

98 — A voz das vozes, o grito dos gritos.

99 — Só eu seguirei este mandamento.

100 — Não peço para segui-lo.

101 — Não peço o impossível.

Já se viu coisa mais dessaborida, parecendo bolachas de água e sal?

Tem-se a impressão de ouvir um homem doido, cujo fantasma, a caminhar pela sombra, vai qual judeu errante sem consciência de que nem o estão escutando, porque a gente, ouvindo-o, adormece.

*

Para despertar-nos da sonolência, veio Hegel, filósofo espiritualista do fim do século XVIII, com a sua *Vie de Jésus*, oferecer-nos uma deliciosa composição integral das passagens evangélicas, redigidas por outros ter-

mos rebuscados ao seu vocabulário germânico e vestidas com elegância e correção apreciáveis.

Diversamente de outros autores, Hegel absteve-se de comentários, limitando-se a fazer menos do que nós outros fazemos nas reuniões de estudo da Doutrina Espírita: desenvolver mais amplamente a mesma matéria sem a alterar nos seus fundamentos. Ele nem desenvolveu: conservou tudo, mantendo o mesmo alinhamento e seqüência.

*

Também Charles Dickens procedeu a trabalho idêntico, deixando no codicilo do seu testamento a cláusula de poderem seus filhos dar publicidade ao seu *A Vida de Nosso Senhor*, como denominou a inteira recomposição dos Evangelhos com palavras suas. Essa obra o *Jornal do Brasil* adquiriu por larga soma, e a inseriu nas suas primeiras páginas, há poucos anos.

*

Charles Francis Potter, na versão francesa *Les Fondateurs des Religions* da sua obra inglesa, apresenta-se enluvado a receber Jesus com as considerações a que faz jus o meigo Nazareno, no qual reconhece o maior gênio religioso da Humanidade. A sua vida pública foi muito curta, e é caso notável na história da religião que um ministério tão breve tenha exercido sobre o mundo impressão tão imensa de modo que, ao fim de três séculos, o Cristianismo venceu os credos rivais e se tornou a religião do império romano, conseguindo durante dezesseis

séculos tornar-se a religião dominante. Mais tarde — assim fecha o autor o capítulo relativo a Jesus — havemos de saudar nEle, não mais o ser divino, mas o homem superior que elevou ao mais alto ponto a arte de viver.

Todavia, lá vem sempre o mesmo erro de clarividência em considerar Jesus, não o Grande Sábio, o luminoso Mestre do Além, mas o hóspede no meio em que se debate a lamentável insciência dos habitantes da Terra, onde Ele tem necessidade de antecipadamente beber-lhes os parcos conhecimentos para poder então falar aos seus discípulos, parecendo que não é mais o Mestre dos mestres quem havia baixado ao mundo, mas um mísero ignorante acerca dos destinos religiosos da Humanidade. Daí — entende Potter — Jesus apreciar particularmente o segundo livro de Henoc no repetir alguns ensinamentos constantes desse patriarca, sem perceber que sob as inspirações do Mestre ou de algum ministro seu foi que Henoc traçou a sua obra, como sucedeu com todos quantos o antecederam.

*

Outro romancista, poeta, crítico, contista, teatrólogo e por fim metido a estudar, durante 25 anos, os textos evangélicos, apareceu com a sua bagagem trescalando a incenso, a querer convencer-nos de que Jesus é o próprio Deus em pessoa. Quem o diz é Edouard Dujardin.

No seu cartapácio publicado em 1927, *Le Dieu Jésus*, usa dos mais complicados sofismas e duma dialética atordoante, ao fim de cuja leitura é difícil saber onde o homem quer chegar. Apenas no seu balbucio percebe-se

que, ou Jesus nunca existiu, ou então é Deus, porque o Divino Mestre era incapaz de por si só legar-nos uma doutrina tão sólida como o Cristianismo. Somente Deus, vindo pessoalmente entre nós, teria prestígio para o realizar. E o Dujardin gastou 25 anos para descobrir isso.

*

Jesus-Cristo perante o século foi a tese esmerilhada pelo eruditíssimo padre francês Roselly de Lorgues com o objetivo de erguer o Catolicismo do abatimento em que havia entrado em França depois dos arremessos blasfematórios de Voltaire, Rousseau e mais tarde Diderot, d'Alembert, Condorcet, Helvécio, Holbach e aqueles dois primeiros nas páginas de *Enciclopédia*, havendo o notável escritor Roselly se afastado do dogmatismo romano para somente se ocupar em restaurar a religião do Cristo, restituindo-lhe o apogeu.

São do imortal Camilo C. Branco as seguintes considerações, pois é dele a primorosa versão da obra e os comentários:

"Roselly, grande na ciência, colecionando quantas experiências lhe aproveitavam, aduz as provas científicas da verdade cristã, fundando-as na astronomia, na cronologia, em todas as ciências naturais, no testemunho dos sábios e na universalidade da tradição. Na concordância dos livros santos e dos profetas, com a explicação precisa e desprevenida das ciências, firma ele o seu pedestal inabalável para a cruz, e, arvorando-a perante o século, aguarda que os fraudulentos depreciadores do

Cristianismo lhe arremessem, na primeira injúria, as suas razões de descrença e as provas desgraçadas do seu indiferentismo."

Realmente havia passado um vento de desprestígio e de revolta religiosa pela França no reinado de Luís XV, o *bien aimé*, talvez pelas suas loucas prodigalidades e desordenado fausto.

O povo, tomado de furor hagiômaco, arremessando indignado um crucifixo ao Sena, murmurava: "Vede como o vão levando as ondas. . . é passado o Cristianismo."

O ódio se transferia aos edifícios. A igreja Blois é violada. Despejam-se à força conventos e seminários em Perpignan, Metz, Nancy, Verdun e outras cidades. A igreja de S. Germain é destroçada e ali a plebe, enfronhada nas vestes sacerdotais, armada com os fragmentos do altar, dança macabramente no adro aos uivos infernais. Um armênio pelas ruas traz ao peito um cartaz com este letreiro: "Que coisa é um padre?" Não há cidade que seja poupada à destruição dos ídolos.

Só depois, na época da Revolução, Luís Bonaparte no tribunato e Mirabeau na oratória revolucionária pregavam a necessidade de Deus na França. "Confessemos à face do mundo — exclamava este — que Deus é tão necessário ao povo de França quanto o é a liberdade."

O tribunato e o corpo legislativo adotaram um projeto sobre a organização dos cultos, e no dia da Páscoa as igrejas se enchem de povo ao som de músicas, e perante os representantes da nação forma-se um ambiente de simpatia e respeito. E a calma voltou com o renascimento

do Catolicismo. Os mercadores do templo reabriram as suas tendas de comércio.

*

Eis um livro produzido por um autor de boa-fé, sem pruridos de pedantismo, transcrevendo fielmente o que os seus olhos de crente viram nos Evangelhos. Na tradução francesa de Emil Ludwig, autor alemão, o livro tem o título de *Le Fils de l'Homme*, e, como na maioria, não aceita o absurdo dogma da Divindade de Jesus.

Ludwig limita-se tão-somente a fazer uma exposição toda sua do que leu narrado pelos evangelistas, abstendo-se de introduzir qualquer idéia pessoal e referendando as noções superiores a respeito da individualidade do Mestre, que, na sua opinião, nunca poderia professar certas práticas dos essênios, ao contrário do que outros admitiram à revelia da verdade.

Como a seita — diz ele — se havia desenvolvido e desde as margens do mar Morto chegara até a Galiléia progredindo em silêncio e sem missionários, Jesus considerava atenciosamente esses homens porque punham em prática muitos dos seus pensamentos, mas não entrou no seu número, visto que adoravam o Sol, e isso vinha de encontro à lei e à idolatria. Nem dinheiro, nem armas, isso seria o menos, mas o pior é que admitiam sacrifícios sangrentos. E por que jejuavam mais do que permitia a lei? Por que desprezar o vinho, as festas, a música? Por que se isolarem e crerem em mistérios? Se amavam os homens, como fugir deles? Não, Ele não se poderia fa-

zer essênio, conquanto as suas idéias se aproximassem das deles.

Mais adiante repete que Jesus seguia provavelmente os essênios, mas não teve com eles contacto profundo, pois se Jesus passava durante muito tempo, anos sem dúvida, no jejum e na pobreza, não praticava nem a atividade, nem a comunidade da vida dos essênios.

E o seu livro, traçado com sinceridade, ao descrever o último grito de agonia do crucificado, termina com este lindo período:

"E esse grito termina uma vida que durante trinta anos não se expressou senão pela voz da doçura, da bondade e da consolação do amor, pela música, sem palavras, do coração."

Quão infinita é a gama da mentalidade humana! Uns vendo o Norte onde outros enxergam o Sul. Uns querendo que é o Sol que brilha à noite, outros teimando que é a Lua que luz de dia.

Mas felizmente nem todos confundem o dia com a noite.

*

Um literato português, Augusto de Lacerda, romancista e dramaturgo de legítimos recursos intelectuais, munido de copiosos documentos históricos e armado de profundos conhecimentos lingüísticos, teve o trabalho de harmonizar num bem elaborado enredo as principais figuras da História sagrada, Herodes, o Grande, Herodes

Tetrarca, Ântipas, Pilatos, Arquelau, Judas Gaulonita, Públius Varus, Madalena, Maria de Nazaré, Jesus, José, Pedro, Paulo e outros muitos, imaginando um formidável romance de 1.000 páginas in-4° com gravuras finas, à maneira de Gustave Doré, sob o título de *O Rabi da Galiléia*.

O que muito recomenda o singular esforço desse eminente escritor, é não só a habilidade de haver entrosado na sua história os figurantes da época de Jesus, conjugando as passagens com alguns dos acontecimentos onde eles se pudessem ajustar, mas especialmente o cabedal de que se serviu na parte romântica, bastante empolgante e admirável já como estilo e riqueza verbal, já no cuidado em não resvalar para a vulgaridade chaneza das expressões dialogais. Tudo é escrito com os requintes da verdadeira arte, e há trechos em que se lhe admira o esplendor das imagens e a elevação principesca dos torneios filosóficos.

Naturalmente há na composição dos tipos históricos, especialmente no de Jesus, grande divergência de caracteres, mas o intuito do emérito escritor foi o de apenas estampar num livro atraente os assuntos mais destacáveis das cenas representadas na era cristã, talvez como homenagem ao maior vulto da História.

Enquanto se lê o bonito romance, ninguém pensa nos desencontros do caminho seguido pelo autor, para somente admirar o seu largo engenho e capacidade de miraculosa imaginação.

*

Nesse gênero também muito antes se havia exercitado um dos melhores romancistas espanhóis Enrique Perez Escrich com o seu *Mártir do Calvário*, formosa obra em cinco tomos, que é um hino de amor, uma apoteose brilhante, um preito de adoração filial ao sedutor Espírito de Jesus, embora vendo-o, através do seu Catolicismo, como o próprio Deus encarnado entre nós. É, não obstante, talvez o maior monumento literário no gênero, como obediência e aproximação dos textos evangélicos.

A figura odiosa de Herodes, o Grande, bem como as dos seus parentes, é historiada com minúcias colhidas pelo autor em documentos antigos, contribuindo para um romance empolgante, bem urdido e de estilo pomposo.

*

Para finalizar — e já não é sem tempo — viremos as páginas de um dos mais afamados exegetas, o tão celebrado würtemberguense David Strauss, autor de uma *Vida de Jesus*, publicada na Alemanha, tendo o Prefácio a data de maio de 1835. Vou servir-me da tradução francesa, devida ao talento de Émile Littré, datada em 1853. Nesse idioma o trabalho de Strauss ocupa dois volumes de 762 e 772 páginas, respectivamente, verificando-se haver o exegeta sido imensamente prolixo e assimétrico no seu exame evangélico. Basta dizer que, acerca dos lugares onde o Mestre andou na sua pregação, o autor consome 24 páginas, sobre a genealogia daquele gasta outras 24, sobre as relações com João Batista 58, sobre a explicação mística aplicada ao Novo Testamento 68, no comparar a

doutrina de Jesus com a mitologia 24. Sobre todas as páginas alonga-se em considerações que nada elucidam nem edificam, de vez que Strauss se nos apresenta, não como um crente e admirador do Cristianismo, mas com manifestas tendências para livre-pensador, nalguns passos parecendo ateu.

Aqui vai o seu manifesto, tirado de um trecho do livro:

"A opinião geral teve interesse oposto, que se manifestou bem cedo entre os adversários judeus e pagãos do Cristianismo e que se baseou em explicar, conforme às leis da causalidade, a aparição de Jesus, isto é, explicá-la segundo aparições semelhantes, mais antigas e contemporâneas, e por conseguinte sublinhar *tudo de que Ele dependia e tudo quanto recebeu.*"

E aí temos Jesus sujeito a uma dependência no seu apostolado, tomando de empréstimo as suas obras e ensinamentos aos antepassados, que se apressaram na corrida para tomar-lhe a dianteira de Messias e poderem chamar-lhe mais tarde plagiário, embora muitas vezes houvessem metido os pés pelas mãos.

O batismo do Mestre não passou de um mito, assim como a sua origem não é para o autor um caso resolvido, tendendo para a idéia do nascimento fantástico. No Prefácio do livro, Strauss "não quer dizer que toda a história de Jesus deva ser considerada mitológica, mas que cada parte deve ser submetida ao exame da crítica a fim de que se saiba se ela não enfeixa nada de mitológico".

Em que condições exteriores viveu Jesus desde o tempo do seu nascimento até o momento em que começou o seu papel público? A ocupação com um ofício parece haver sido a do pai, e consumindo nesse inquérito cerebral doze páginas de pataratas inventivas, recorda a argúcia de Justino, que também houvera dado a esse problema grande importância e que decidiu que Jesus se ocupara do fabrico de charruas, cangas e pratos de balança.

Não podia escapar ao exame do estrábico examinador as divergências dos evangelistas, de que se ocupa em doze páginas, algumas para ele tão importantes, que, quem sabe se demoliriam toda a obra de Jesus?

Senão, vejamos a sua *transcendência*:

Mateus e Marcos dizem que Jesus convidou Pedro, André, Tiago e João a segui-lo, isso nas margens do mar da Galiléia, ao passo que João, afirma que o convite se deu nas margens do Jordão, quando o Mestre se dirigia para a Galiléia. Veja-se que tremenda dissemelhança num ensinamento que tinha por finalidade reformar a sociedade nas suas concepções religiosas! Como se compreende que os apóstolos se confundissem tão desastradamente? E não foi essa a maior nem a menor cinca dos narradores, visto como a respeito da moradia dos pais do Rabino há divergências e tão grandes, por sinal, que desaparecem a quem leia os Evangelhos, pois nessa obra apenas se diz repetidamente que Maria e José habitavam Nazaré (1). O que, porém, ultrapassa o inadmissível no

(1) Mateus, cap. II, v. 23; Lucas, cap. I, v. 26, cap. II, vv. 4 e 39.

desencontro histórico é quando em Mateus Jesus diz a Pedro e a André: "Vinde após mim" no mar da Galiléia, ao passo que em João, diz a Filipe: "Segue-me", embora o evangelista acrescente que também eram da Galiléia Pedro e André. (Mateus, cap. IV, v. 19 e João, capítulo I, v. 43.)

De modo que em Mateus Jesus diz: "Segui-me", ao passo que em João Ele disse: "Segue-me". Strauss não pode admitir que o Mestre não repetisse o convite parceladamente a cada qual dos convidados. Havia de ser de uma só vez.

E seus olhos continuam atacados de ambliopia, porque também há divergências no local da tentação; entretanto diz claramente Mateus: "Então (Jesus) foi levado pelo Espírito ao deserto" (cap. IV, v. 1). Marcos: "E logo o Espírito o lançou para o deserto" (cap. I, v. 12). Lucas: "Voltou Jesus ao Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto" (cap. IV, v. 1). Onde se fala aí no local do deserto? Ora, para quem tem olhos de ver, segundo a Revelação Espírita, o deserto é lá nos páramos do infinito, onde o Enviado foi repousar das fadigas em aturar o bicho-homem — esse selvagem teimoso que o renega ainda agora, e em cujo número segue como vanguardeiro o douto David Strauss.

A ressurreição de Jesus foi um estratagema de charlatão a serviço da História. Pelo exposto, o Messias não ressurgiu. Talvez ande por aí escondido, na opinião desse materialista de dura cerviz.

Porque é ainda tempo de referir que o irreverente exegeta se apresentou de avental e bisturi como um cirurgião de alma inflexível, disposto a escalpelar o Evangelho como a um moribundo emprestado, preconceituadamente convencido de nele encontrar esquírolas e postas de sangue coagulado a dissecar, úlceras e quistos a extirpar, em tudo lançando o fenol imunizador do contágio, fazendo votos para que o semicadáver não volvesse à vida, qual o do Lázaro de Betânia, esse fantasma evangélico que tão ousadamente exige sacrifícios contra as nossas comodidades e gozos, vindo-nos impor estupidamente e com impertinência uma diretriz diametralmente oposta àquela por onde seguimos, satisfeitos e descuidados, guardando avaramente a féria do dia, lembrando saudosamente o magnífico repasto, molhado com vinho Falerno, ruminando na melhor forma de melhorar o leito de penas e a parelha de ginetes da nossa carruagem.

Esse o prisma por onde viram todos o Código Divino. Se algum, não Strauss, que é frio como um túmulo, desfolhou as páginas do manancial de luz sentindo alvoroços da alma, esperanças duradouras e convicções acerca da verdadeira vida, não o deixou demonstrado nos seus estudos, nem o denunciou na última página das suas escavações, senão fugazmente.

No entanto, quanto trabalho de consulta, quanta preocupação de conhecer o que lhes estava velado, e que por isso mesmo, porque recuaram ao sacrifício que se lhes exigia, terão de sofrer as conseqüências, essas a que

o Mestre se referia ao dizer que muito se pediria àquele a quem muito fosse dado.

Mas, enquanto uma legião de homens dos chamados *espíritos fortes*, na pretensiosa denominação terrenal, encastelados na sua Torre de Marfim, vulnerável como a estátua do rei caldeu Nabucodonosor com os seus pés de barro, viveram e vivem a tecer com teias de aranha os seus arrazoados também frágeis, gerados no seu confuso espírito, outros de mais sólida e percuciente penetração, mais emancipados de prejuízos, mais acicatados pela dor, mais experimentados nos desenganos, medem a extensão da sua pobreza moral e, ajoelhando-se antes de pensar, ouvem a voz da consciência, auscultam os segredos do coração e timidamente e a medo ousam, só então, comunicar ao seu semelhante o que ouviram e sentiram dentro da sua alma pecaminosa acerca da Palavra do Mestre, da sua vida, da sua obra, das suas ordenações.

Não são privilegiados, nem predestinados, não o poderiam ser, porque Deus é justo. Nem melhores talvez sejam, senão somente mais ponderados, mais pacientes, menos sôfregos e irrefletidos.

A todos o Mestre observa do Alto dos céus, entre as nuvens, onde disse ir permanecer junto do Pai, e certamente padece ao ver quão imprecisamente ainda são compreendidas as suas exortações sobre o destino dos seus irmãos terrenos.

Não é uma surpresa o quadro desolador que se lhe oferece no presente, como nunca o foi o desvirtuamento

da sua Doutrina, havendo esse desvirtuamento contribuído muitíssimo para a corrupção do caráter social.

Essa ruína só é a do próprio homem, só a ele prejudica e o priva dos gozos dalma, daquela ventura interior que os ditosos e pobres de espírito, como bem-aventurados, usufruem.

Nova Babel onde todos falam e poucos se entendem, a Terra verá a torre esboroar-se a um simples sopro do Senhor. Então será o consórcio da inteligência e sobretudo do coração. As almas virão a ser irmãs, e nesse dia bendito, envergonhado do que espalhou de cizânia, o homem do futuro apanhará o trigo da Verdade, que ele tão mal soubera propiciar pela razão de não haver decifrado essa Esfinge da Gizé universal. E queimará no fogo da iniqüidade tudo quanto escreveu de iníquo, chorando o tempo malbaratado.

IDENTIDADE DE JESUS

Sabido que nem sempre as tradições asseguravam a origem real e humana dos mensageiros do Senhor, aos quais somente era lícito dar curso e obedecer, quando soou a hora de ministrar novos ensinamentos mais transcendentes e compatíveis com o largo progresso já conquistado pelos seus filhos, o Senhor entendeu na sua alta sabedoria de pôr termo às vacilações do calceta terreno com enviar-lhe um Missionário que de viva voz lhe falasse mais íntima e profundamente aos sentimentos. Esse delegado aliás já havia sido predito pelos profetas como sendo o Messias, o Cristo, segundo consta da Bíblia e que dispensa referências especiais, uma vez que são universalmente conhecidas.

Se a História nos dava o deus Zoroastro, sem lhe fixar a gênesis, se Manu era filho semi-humano de deuses, consoante a mitologia védica, se Vishnu, como já vimos, nascera de um peixe, se Brama viu a luz da vida gerado

do ovo por ele mesmo fabricado, os homens do futuro, mais perspicazes, temeriam ser logrados com o advento de alguém que não desse claro testemunho da sua origem, e foi assim que o novo Embaixador teve de escudar-se numa genealogia a fim de consolidar em base perpétua a sua individualidade, dando-se-lhe o caráter de homem. Ele mesmo se anunciava como Filho do homem, para frisar a diferença entre si e a Divindade.

Vem daí o escrúpulo do apóstolo Mateus minudenciando no começo do seu Evangelho as gerações de Jesus-Cristo, como sendo filho de David, até José, esposo de Maria, da qual era preciso *nascer* Jesus.

Esse nascimento, de que mais adiante tratarei, era o sinal da vinda positiva de um Enviado do Senhor, e, não obstante, os homens tanto viviam saturados de imaginações fantasiosas sobre aqueles que produziam prodígios, que, em face dos chamados milagres realizados por Jesus, ainda se sentiam de tal modo chocados, que perguntavam uns aos outros: "Porventura não é este Jesus o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos?" (João, cap. VI, v. 42.)

Depois dos seus raptos de eloqüência nas sinagogas, admiravam-se os seus ouvintes e diziam: "Donde lhe vem a este uma sabedoria como esta e tais maravilhas? Porventura não é este o filho do oficial carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria? E seus irmãos Tiago e José, Simão e Judas? E suas irmãs não vivem elas entre nós? Donde lhe vem logo a este todas estas coisas?" (Mateus, cap. XIII, vv. 54 a 56.)

Não se podia admitir o mistério e o milagre em mãos humanas.

Agora era toda uma população de Jerusalém quem assistia à vinda de um *homem, nascido de ventre materno*, desse ventre com que precisava atestar a sua individualidade, diversa das outras com que a fábula embalara a ingenuidade dos povos anteriores. E ali, montado no jumento, via todos lhe lançarem ramos de árvores à sua passagem e gritarem: "Hosana ao filho de David; bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!" E quando entrou em Jerusalém, alterou-se toda a cidade, dizendo: "Quem é este? E os povos diziam: Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia." (Mateus, cap. XXI, vv. 10 e 11.)

De muitas cidades, da Iduméia, de além do Jordão, de Tiro, de Sidônia, vieram em grande número ter com Ele, quando ouviram as coisas que fazia (Marcos, capítulo III, v. 8) e creram nele porque o ouviram e sabiam ser verdadeiramente o Salvador do mundo. (João, capítulo IV, v. 42.)

As prédicas, as curas, os prodígios de Fé realizados por Jesus em todas as cidades da Galiléia e cercanias, foram documentos indestrutíveis da sua individualidade característica entre nós para que jamais fosse suspeitada a sua origem verdadeira no mundo das realidades. E a sua odisséia até ao Calvário culminaria por lhe dar a fulguração da sua figura histórica. Mas ainda assim não faltou quem pusesse em dúvida a sua existência real. (1)

---

(1) Entre muitos, Vancoeur, Lalande e Dupuis, só dos franceses. Emilio Rossi, italiano, fora outros mentecaptos.

Porém, a sua existência real nos é atestada pelos evangelistas de maneira a provocar um estudo através do espírito, que não da letra, dessa letra de que têm vivido as religiões materializadas por sentimentos grosseiros, obscurecidas pelas seduções do que aqui perece e fica, que a traça e a ferrugem destroem.

A gênesis de Jesus nos é narrada por Lucas deste modo:

"Foi enviado por Deus o anjo Gabriel a uma cidade da Galiléia a uma virgem desposada com um varão que se chamava José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Entrando o anjo onde ela estava, disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; benta és tu entre as mulheres. Ela, como o ouviu, turbou-se do seu falar, e discorria pensativa que saudação seria essa. Então o anjo lhe disse: Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás no teu ventre e parirás um filho e pôr-lhe-ás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado Filho do Altíssimo e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David e reinará eternamente na casa de Jacó. E o seu reino não terá fim. Disse Maria ao anjo: Como se fará isso, pois eu não conheço varão? Respondendo o anjo, disse-lhe: O *Espírito Santo* (1) des-

---

(1) Nos tempos hebraicos, a locução **Espírito Santo** era uma expressão familiar aos hebreus, significando tanto a manifestação **pessoal** de Deus por um ato qualquer, como a inspiração divina, o próprio sopro de Deus.

Para exprimir que um homem era como que inspirado de Deus, dizia-se que estava cheio do Espírito Santo, que o Espírito Santo estava nele, ou que agia por um movimento do Espírito de Deus.

cerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Que aí tens tu Isabel, tua parenta, que até concebeu um filho na sua velhice, e este é o sexto mês da que se diz estéril. Porque a Deus nada é impossível." (Lucas, cap. I, vv. 26 a 37.)

O Espírito purificado, de que a Igreja aproveitou o Santo para formar a Santíssima Trindade, desceria sobre Maria e a virtude do Altíssimo a cobriria com a sua sombra. Isto era transcendente demais para a época e para as inteligências ainda apoucadas, tanto que José, como era natural, não podia compreender um fenômeno de tal natureza, por isso, diz o evangelista:

"E José seu esposo, como era justo, e não queria infamá-la (a Maria), resolveu deixá-la secretamente. Mas andando ele com isso no pensamento, eis que lhe aparece em sonhos um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria tua mulher, por-

---

Esta explicação de Roustaing vem dilucidar as seguintes passagens evangélicas: "E todo o que disser alguma palavra contra o Filho do homem, perdoar-se-lhe-á; porém o que a disser contra o Espírito Santo (Deus) não se lhe perdoará, nem neste mundo nem no outro" (Mateus, cap. XII, v. 32). "Na verdade vos digo que aos olhos dos homens perdoados lhes serão todos os pecados e as blasfêmias que proferirem; mas o que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca jamais terá perdão, mas será réu de eterno delito" (Marcos, cap. III, vv. 28 e 29). "E todo o que proferir uma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á dado perdão; mas àquele que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado." (Lucas, cap. XII, v. 10).

A seu turno, Lucas diz: "E desceu sobre Ele (Jesus) o Espírito Santo em forma corpórea, como uma pomba. E soou do céu uma voz que dizia: "Tu és aquele meu Filho especialmente amado, em quem tenho posto toda a minha complacência" (cap. III, v. 22). O mesmo se lê em Marcos: "E o Espírito Santo descia e pousava nEle em forma de pomba" (capítulo I, v. 10).

que *o que nela se gerou é obra do Espírito Santo*." (Mateus, cap. I, v. 20.)

Quem era esse Espírito Santo senão Deus?

Verifica-se aqui o fato singular de uma condensação fluídica, sob o poder dos Espíritos, a que o evangelista chama Espírito Santo e era natural que chamasse, de vez que não havia chegado o tempo de invocar o fenômeno das materializações, tão vulgarizadas em nossa época.

Tais revelações da ciência experimental a esse tempo viriam impedir o sigilo necessário para que a vinda de Jesus fosse posta em dúvida, tanto assim que na obra evangélica se acentua a preocupação de assinalar o Enviado como fruto carnal, quando continua o narrador a sua exposição dizendo:

"E subiu também José da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de David, que se chamava Belém, porque era da casa de David, para se alistar com sua esposa Maria, que estava pejada. E, estando ali, aconteceu completarem-se os dias em que havia de parir. E pariu a seu primogênito", etc. (Lucas, cap. II, vv. 4 a 7.)

Por seu turno, João relata que *o verbo se fez carne, e habitou entre nós*; e nós vimos a sua glória, glória como de filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade (cap. I, v. 14).

Estava cimentada a obra do Senhor. A existência de Jesus era um fato real e incontestável. Era filho do homem, do homem carne e osso como convinha, confor-

me poderiam compreendê-lo na ignorância primitiva, mas não hoje com os luminosos conhecimentos trazidos pelo Espiritismo.

Em Isaías, cap. XI, vv. 1 e 2, lê-se: "E sairá uma vara do tronco de Jessé e uma flor brotará da sua raiz. E descansará sobre ele o espírito do Senhor; espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade."

Informa-nos o professor da Sorbona, Charles Guignebert, que Tertuliano, o célebre doutor da igreja, considerado heresiarca, talvez pelas suas idéias liberais, escreveu, em *De carne Cristi*, 19, esta inspirada opinião: *Non ex sanguine, nec ex voluntate carnis, nec ex voluntate viri ex Deo natus est* (Não foi do sangue, nem da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus que Ele Jesus nasceu).

Essa opinião remonta à do famoso cartaginês, visto que antes já a emitiam Santo Inácio, Irineu e Justino.

Assim pois, Jesus, conforme a ignorância daquele tempo, era o filho do carpinteiro, um homem igual aos outros.

"Entretanto, o menino crescia e se fortificava, estando cheio de sabedoria, e a graça de Deus era com ele." (Lucas, cap. II, v. 40.)

Mas, o homem igual aos outros se volatizara. Eis o caso:

"E quando tinha doze anos, subiram eles (os pais) a Jerusalém, segundo o costume da festa da Páscoa. E aca-

bados os dias que ela durava, quando voltaram para casa, ficou o menino Jesus em Jerusalém, *sem que seus pais o advertissem*. E crendo que ele viria com os da comitiva, andaram caminho de um dia e o buscavam entre parentes e conhecidos. E como o não achassem, voltaram a Jerusalém em busca dele. E aconteceu que, *três dias depois* (reaparecendo) o acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. E todos os que o ouviam estavam pasmados da sua inteligência e das suas respostas. E, quando o viram, se admiraram. E sua mãe lhe disse: Filho, por que usaste assim conosco? Sabe que teu pai e eu te andamos buscando cheios de aflição." (Lucas, cap. II, vv. 42 a 48.)

Como compreender que Jesus desaparecesse a seus pais por três dias, sem admitir o fenômeno do desprendimento do Espírito por desnecessária a sua presença nessa ocasião? Como explicar o silêncio dos evangelistas sobre as atividades do Enviado até aos 30 anos, quando iniciou o seu apostolado de pregações e obras de edificação? E o seu desaparecimento durante quarenta dias no deserto?

Mistério é esse que só o futuro haveria de desvendar à face da Ciência, após a vinda do Consolador.

O vestígio da sua passagem entre nós como *homem* tinha de ser coerentemente confirmado pelo sepultamento do seu corpo na hora extrema. Um ser fabuloso não possuiria o mísero envoltório. São as mesmas personagens testemunhas da tragédia que no-la referem:

"E Jesus, tornando a dar outro grande brado, rendeu o Espírito. E eis que se rasgou o véu do templo em duas

partes de alto a baixo; e tremeu a terra (1), partiram-se as pedras, abriram-se as sepulturas, e *muitos corpos* (?) de santos, que eram mortos, ressurgiram. E saindo das sepulturas depois da ressurreição de Jesus, vieram à cidade santa e apareceram a muitos. Mas o centurião e os outros que com ele estavam de guarda a Jesus, tendo

---

(1) Sobre esse abalo da Natureza, ou tremor de terra, diz Orígenes que foi sentido fora da Judéia e arruinou muitas casas de Nicéia de Bitínia (Ásia menor). No livro II da sua **História Natural**, capítulo LXXXIV, diz Plínio que no tempo de Tibério, no qual tanto padeceu Jesus, houve um terremoto com cujo abalo dez cidades ficaram em ruínas na Ásia. Por sua vez o Cardeal Borônio nos **Anais Eclesiásticos** informa que, por causa do mesmo terremoto, em diferentes lugares do mundo se abriram e fenderam muitos montes. Os habitantes da Etrúria asseveram, seguindo uma tradição muito respeitada, que o monte de Albérnia se abriu, que o promontório de Caieta se fendeu, formando-se horrendos precipícios de ambos os lados.

Conta Plutarco que, transportando-se alguns romanos do Egito para a Itália e achando-se nas proximidades das linhas Eclinadas, ouviram uma voz que dizia, para o capitão do barco: "Quando estiveres junto da lagoa, grita e anuncia que morreu o Filho de Deus." E ao dizer estas palavras ouviu-se um grande clamor de muitos que fugiram daquele lugar.

Addison, célebre escritor inglês, conta que um viajante ateu, visitando em Jerusalém os lugares santos, procurou ridicularizá-los, mas chegando ao cimo do Gólgota e vendo as fendas das rochas, testemunhas silenciosas do abalo da terra sucedido no momento da morte do Cristo, caiu de joelhos, exclamando: "Começo a ser cristão. Estudei muito as matemáticas e a física, e tenho a certeza de que as fendas destas rochas não podem ser conseqüência de um acontecimento natural. Semelhante fenômeno teria com certeza separado as diversas camadas de que a massa se compõe, mas tê-lo-ia feito seguindo os veios que as distinguem e destruindo as suas ligações pelas partes mais débeis. Vejo, pois, de maneira clara e positiva que este sucesso é sem dúvida milagre, que nem a arte, nem a natureza eram capazes de produzir."

Sobre o partir-se dos rochedos, também nada puderam explicar Manndrell, Flemming e Shaw.

Na 20ª Olimpíada, que corresponde ao ano 33 da era cristã, refere Phlegon que houve um grande eclipse do Sol. Ora, a astronomia, tendo demonstrado que naquele ano não podia haver eclipse, deixou patente que a causa da escuridão no momento em que Jesus ressuscitou era sobrenatural.

presenciado o terremoto e os sucessos que aconteciam, tiveram grande medo e diziam: Na verdade este *homem* era Filho de Deus. Achavam-se também ali, vendo de longe, muitas mulheres que desde a Galiléia tinham seguido a Jesus, subministrando-lhe o necessário. Entre as quais estavam Maria Madalena e Maria mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu. E quando foi lá pela tarde, veio um homem rico de Arimatéia, por nome José, que também era discípulo de Jesus. Este chegou-se a Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou então que se lhe desse o corpo. Tomando, pois, o corpo, amortalhou-o José num asseado lençol e depositou-o no seu sepulcro, que ainda não tinha servido, o qual ele tinha aberto numa rocha. E tapou a boca do sepulcro com uma grande pedra que para ali revolveu, e retirou-se. Maria Madalena e a outra Maria estavam ali sentadas defronte do sepulcro. E no outro dia, que é o segundo ao parasceve, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus acudiram juntos à casa de Pilatos, dizendo: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, vivendo ainda, disse: Eu hei de ressurgir depois de três dias. Dá logo ordem que se guarde o sepulcro até ao terceiro dia para não suceder que venham seus discípulos e o furtem e digam à plebe: Ressurgiu dos mortos, e desta sorte virá o último embuste a ser pior que o primeiro. Pilatos lhes respondeu: Vós aí tendes guardas; ide, guardai-o como entenderdes. Eles, porém, retirando-se, trabalharam por ficar seguro o sepulcro, *selando a campa e pondo guardas*. Mas na tarde do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, vieram Maria Madalena e a outra Maria ver

o sepulcro. E eis que tinha havido um grande terremoto, porque um anjo do Senhor desceu do céu e, chegando, *revolveu a pedra, e estava sentado sobre ela.* E o seu aspecto era como um relâmpago e a sua vestidura como a neve. E de temor dele se assombraram os guardas e ficaram como mortos. Mas o anjo, falando primeiro, disse às mulheres: Vós outras não tenhais medo, porque sei que vindes buscar Jesus que foi crucificado. *Ele já aqui não está*, porque ressuscitou, como tinha dito; vinde e *vede o lugar onde o Senhor estava posto.* E ide logo e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou, e ei-lo aí vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis; olhai que eu vo-lo disse antes. E saindo logo do sepulcro com medo e ao mesmo tempo com grande gozo, foram correndo a dar a nova aos seus discípulos. *E eis que lhes saiu Jesus ao encontro*, dizendo: Deus vos salve. *E elas se chegaram a ele e se abraçaram com os seus pés* e o adoraram. Então lhes disse Jesus: Nada temais, ide e dai as novas a meus irmãos para que vão a Galiléia, *que lá me verão.* Ao tempo que elas iam, eis que vieram à cidade alguns guardas e noticiaram aos príncipes dos sacerdotes tudo o que havia sucedido. E tendo-se congregado com os anciãos, depois de tomarem conselho, *deram uma grande soma de dinheiro aos soldados, intimando-lhes esta ordem: Dizei que vieram de noite os discípulos e o levaram furtado, enquanto nós estávamos dormindo. E se chegar isto aos ouvidos do governador, nós lho faremos crer e atenderemos à vossa segurança.* Eles então, depois que receberam o dinheiro, o fizeram conforme as instruções que tinham. E esta voz, que se divulgou entre os judeus, dura até hoje. Partiram,

pois, os onze discípulos para Galiléia, para cima de um monte onde Jesus lhes havia ordenado que se achassem. *E, vendo-o*, o adoraram, ainda que alguns tivessem dúvida. E, chegando-se Jesus, lhes falou, dizendo: *Tem-se-me dado todo o poder no céu e na terra.* (Mateus, caps. XXVII e XXVIII, vv. 50 a 66 e 1 a 18.)

Outra aparição perfeitamente igual à da sua pessoa antes de crucificado é assim narrado por Lucas:

"E eis que no mesmo dia caminhavam dois deles (discípulos) para uma aldeia chamada Emaús, que estava em distância de Jerusalém sessenta estádios. E eles iam falando um com o outro em tudo o que se tinha passado. E sucedeu que, quando eles iam conversando e conferindo entre si, *chegou-se também o mesmo Jesus e ia com eles.* Mas os olhos dos dois estavam como fechados para o não conhecerem. E ele lhes disse: Que é isso que vós ides praticando e conferindo um com o outro, e por que estais tristes? E, respondendo um deles chamado Cléofas, lhe disse: Tu só és forasteiro em Jerusalém e não sabes o que aí se tem passado estes dias? Ele lhes disse: Quê? E responderam os dois: Sobre Jesus nazareno, que foi um varão profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo. E de que maneira os sumos-sacerdotes o entregaram a ser condenado à morte e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que ele fosse o que resgataria a Israel, e agora, sobre tudo isto, é já hoje o terceiro dia depois que sucederam estas coisas. É verdade também que certas mulheres das que conosco estavam nos espantaram, as quais na alvorada foram ao sepulcro. E, *não*

tendo achado o seu corpo, voltaram dizendo que elas também tinham tido uma visão de anjos, os quais dizem que ele vive. E alguns dos nossos foram ao sepulcro e acharam que era assim mesmo como tinham dito as mulheres, *mas a ele não acharam*. Então lhes disse Jesus: Ó estultos e tardos de coração para crerem em tudo o que anunciaram os profetas! Porventura não importava que o Cristo sofresse estas coisas e que assim entrasse na sua glória? E começando por Moisés, e discorrendo por todos os outros profetas, lhes explicava o que dele se achava dito em todas as Escrituras. E quando eles estavam perto da aldeia para onde caminhavam, fingiu então Jesus que ia para mais longe. Mas eles o constrangeram, dizendo: Fica em nossa companhia, porque é já tarde, e está o dia na sua declinação. E ele entrou com os dois. Mas o caso foi que, *estando assentado com eles à mesa, tomou o pão e o abençoou*, e, *tendo-o partido*, *lhos dava* (1). No mesmo tempo se lhes abriram os olhos e o reconheceram, mas ele *desapareceu-lhes* de diante dos olhos (2). E levantando-se na mesma hora, voltaram para Jerusalém e acharam juntos os onze e os que com eles estavam e que diziam: Na verdade que o Senhor ressuscitou e *apareceu a Simão*.

E os dois contaram também o que lhes havia acontecido no caminho e como conheceram Jesus ao partir do pão. E estando ainda falando nisto, *apresentou-se Jesus* no meio deles, dizendo-lhes: Paz seja convosco: *sou eu*,

---

(1) Fato perfeitamente idêntico ao da Ceia Pascal.
(2) Idem, idem, como quando na cruz.

não temais. Mas eles, achando-se perturbados e espantados, cuidavam que viam algum Espírito. E Jesus lhes disse: Por que estais vós turbados, e que pensamentos são esses que vos sobem aos corações? *Olhai para as minhas mãos e pés, porque sou eu mesmo; apalpai e vede* que um *Espírito não tem carne e ossos, como vós vedes que eu tenho*. E, dizendo isto, mostrou-lhes *as mãos e os pés*. Mas, não crendo eles ainda (1), e estando transportados de gosto, lhes disse: Tendes aqui alguma coisa que se coma? E eles lhe puseram diante uma posta de peixe e um favo de mel. *E tendo Jesus comido, tomando os sobejos, lhos deu*. (Cap. XXIV, vv. 13 a 43.)

O fenômeno da aparição tangível também é corroborado por João de modo irretorquível nesta passagem, depois que conta haver Jesus se apresentado aos apóstolos, exceto a Tomé:

"Porém, Tomé, um dos doze, que se chama Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. Disseram-lhe, pois, os outros discípulos: *Nós vimos o Senhor*, mas ele lhes disse: Eu se não vir nas suas mãos a abertura dos cravos e se não meter o meu dedo no lugar dos cravos e se não meter a minha mão no seu lado, não hei de crer. E oito dias depois, estando os seus discípulos outra vez dentro, e Tomé com eles, veio Jesus *às portas fechadas* e pôs-se em pé no meio deles e disse: Paz seja convosco. Logo disse a Tomé: Mete aqui o teu dedo e *vê as minhas mãos*; chega também a tua mão e mete-a no meu lado,

---

(1) Como ainda hoje não crêem na sua materialização.

e não sejas incrédulo, mas fiel. Respondeu Tomé, dizendo: Senhor meu e Deus meu. Disse-lhe Jesus: Tu creste, Tomé, *porque viste*; bem-aventurados os que não viram e creram. Outros muitos prodígios ainda fez também Jesus *em presença de seus discípulos*, que não foram escritos neste livro. (Cap. XX, vv. 24 a 30.)

Segue o mesmo evangelista a narrativa de nova aparição aos discípulos, na qual descreve uma pesca de cento e cinqüenta peixes, aí se repetindo, *mutatis mutandis*, o *milagre* da pesca maravilhosa, sendo nessa ocasião que o Salvador incumbe a Pedro o encargo de lhe apascentar as suas ovelhas.

São de Allan Kardec estas ponderações sobre o aparecimento do Mártir do Calvário:

"As aparições de Jesus depois da sua morte são narradas por todos os evangelistas com detalhes circunstanciados, que não permitem duvidar da lealdade do fato. Demais, elas se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito, e não apresentam nada de anômalo com os fenômenos do mesmo gênero, de que a história antiga e contemporânea nos oferece numerosos exemplos, sem excetuar mesmo a tangibilidade. (*A Gênese*, "Os milagres do Evangelho", 61.)

Essas aparições já não prejudicavam as convicções dos judeus e dos gentios sobre haver realmente Jesus convivido em pessoa com eles, e ficaram sendo um testemunho histórico do *homem*-Cristo, ou do Jesus-*homem*, que tinha de passar à posteridade como Enviado em missão terrena.

Por outro lado, começaria a se fazer o intercâmbio entre a terra e o céu de modo a não parecer menos histórica a possibilidade da manifestação dos Espíritos na hora em que teria de ser aberto o velário tenuíssimo que nos divide o mundo do Além.

Um mais expressivo testemunho da presença planetária de Jesus entre nós é a carta de Publius Lucius, procônsul da Galiléia e particular amigo de Pôncio Pilatos, dirigida ao Imperador romano Tibério, que governou entre o ano 14 e o 37, em resposta a uma interpelação feita no Senado, carta achada nos Anais Romanos e que é assim redigida:

"Aí vai a resposta que esperáveis com ansiedade: Surgiu há pouco tempo na Judéia um jovem de grande poder, chamado Jesus, cognominado pelo povo de *Grande profeta* e tratado pelos seus discípulos como *Filho de Deus*.

"Dele contam-se grandes prodígios: cura as enfermidades, dá saúde aos moribundos, e Jerusalém anda assombrada com a sua doutrina extraordinária.

"É homem alto e de aparência majestosa; sua expressão fisionômica é severa e doce ao mesmo tempo, inspirando amor e respeito a quem o vê. Seus cabelos da cor do vinho lhe descem pelos ombros repartidos ao meio, como usam os nazarenos. Sua fronte é lisa e altiva; a cútis límpida e rosada; a barba, da cor do cabelo, é abundante; tem olhos azuis, brilhantes e meigos; mãos finas e longas; braços encantadores. É grave, compassado e sóbrio quando fala. É temido quando repreende ou condena, e,

quando exorta ou instrui, sua palavra é doce e afável. Nunca o viram rir, mas muitos o viram chorar. Anda descalço e com a cabeça descoberta. Quem o vê, a distância, deprecia-o, mas na sua presença não há quem não se curve com respeito.

"Os que se lhe acercam, afirmam ter recebido dele grandes benefícios; alguns há que o acusam de ser um perigo para Vossa Majestade, porque proclama publicamente as leis que regem o Universo."

Como descrever mais lindamente a suave e imponente figura do soberano predicador da Judéia?

SUPREMACIA DE JESUS

Ninguém contesta os altos predicados do Criador reconhecendo-lhe Onipotência, Onisciência, Justiça, Bondade e Misericórdia.

Não cessando de criar, criou a Terra. Deve a Terra ser um planeta que, como os demais do seu sistema, haja atingido o grau de evolução até alcançar a escala de mundo de expiações, consoante a classificação do mestre Kardec no capítulo III de *O Evangelho segundo o Espiritismo.*

Desde a formação da sua nebulosa há de ter sido dirigido por prepostos do Supremo Arquiteto para o majestoso trabalho. Que foi Jesus quem tomou a direção do seu governo *no momento em que os povos estavam preparados* para as injunções morais da Lei, não o podemos duvidar, fiados na sua revelação exclamativa:

"Tu agora, Pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que eu tive *antes que houvesse mundo*.

Eu manifestei o teu nome aos homens que tu me deste do mundo." (João, cap. XVII, vv. 5 e 6.)

Para provar a sua antigüidade e a sua comunicação direta com o Criador, aqui transcrevo uma das mais interessantes passagens do evangelista João:

"Disseram-lhe os judeus: Agora é que conhecemos que estás possesso do demônio. Abraão morreu, e os profetas morreram e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará a morte. Acaso és tu maior do que nosso pai Abraão e do que os profetas, que também morreram? Quem te fazes tu ser? Respondeu Jesus: Se eu a mim mesmo glorifico, não é nada a minha glória: meu Pai é quem me glorifica, aquele que vós dizeis que é vosso Deus. E entretanto, vós não o tendes conhecido; mas eu conheço-o, e se disser que não o conheço serei como vós mentiroso. Mas eu conheço-o e guardo a sua palavra. Vosso pai Abraão desejou ansiosamente ver o meu dia: viu-o e ficou cheio de gozo. Disseram-lhe por isso os judeus: Tu ainda não tens cinqüenta anos, e viste a Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão fosse feito fui eu." (Cap. VIII, vv. 52 a 58.)

Noutra passagem, diz Ele:

"Eu, que sou a luz, vim ao mundo para que todo o que crê em mim não fique em trevas." (Cap. XII, v. 46.)

"O Filho do homem é aquele em quem o Pai pôs o seu selo." (Cap. VI, v. 27.)

"Agora é o juízo do mundo. Agora será lançado fora o *príncipe deste mundo.*" (Cap. XII, v. 31.)

Mestre Supremo, é Ele mesmo quem o divulga em mais de um passo:

"Mas vós não queirais ser chamados mestres; porque um só é o vosso mestre, e vós todos sois irmãos. . . Nem vos intituleis, mestres; porque um só é o *vosso mestre, o Cristo* (Mateus, cap. XXIII, vv. 8 e 10). "Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque o sou." (João, cap. XIII, v. 13.)

A sua supremacia se afirma nesta passagem:

"Eis aqui o meu servo, que eu escolhi, o meu amado, em quem a minha alma tem posto a sua complacência. Porei o meu Espírito sobre Ele, e Ele anunciará às gentes a justiça" (Mateus, cap. XII, v. 18). Era a confirmação de Isaías.

Depois de submetido à formalidade característica da época, que era o batismo, os céus se lhe abriram.

"E viu o Espírito de Deus que descia como pomba e que vinha sobre Ele. E eis uma voz dos céus que dizia: Este é o meu filho amado, no qual tenho posto a minha complacência." (Mateus, capítulo III, vv. 16 e 17.)

"E tu, Belém Efrata, tu és pequenina entre os milhares de Judá, mas de ti é que tem de sair aquele que há de reinar em Israel e cuja geração é *desde o princípio, desde os dias da eternidade.*" (Miquéias, cap. V, v. 2.)

E tanto era Jesus quem dirigia os povos em todos os tempos, que deixou transparecer na sua exclamação: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedre-

jas os que te são reenviados, *quantas vezes quis eu ajuntar teus filhos*, do modo que uma galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu o não quiseste." (Mateus, cap. XXIII, v. 37.)

No princípio da terra era o caos. Os elementos estavam confundidos. Pouco a pouco apareceram os seres viventes, apropriados ao estado do Globo, e que já existiam em gérmen. Esses elementos achavam-se em estado de fluido. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 43.)

Sobre a ação dos Espíritos nos fenômenos da Natureza, assim se exprimem os mensageiros da Terceira Revelação ao mestre Kardec:

"Deus não atua diretamente sobre a matéria; tem agentes dedicados em todos os graus da escala dos mundos." (Ob. cit. n.º 536.)

Perguntando qual a classe de Espíritos que desempenham os encargos, é respondido ao consulente:

"É conforme o papel mais ou menos material e inteligente que desempenham; uns ordenam, outros executam; os que executam coisas materiais são sempre de ordem inferior, entre os Espíritos como entre os homens." (Ob. cit. n.º 538.)

Provêm desses ensinos que tudo está regulado no Universo por leis sábias, às quais não é indiferente a intervenção dos seres errantes (1), e como corolário deve

---

(1) A maioria das vibrações do éter não nos afetam (informa um Espírito), se bem saibamos, por meio de instrumentos, que elas existem e sempre existiram. Será inconcebível haja outros seres capazes de sen-

haver um chefe de ascendência superior a dirigir a intensa maquinação das forças criadoras. Esse chefe teria a incumbência principal de trazer às gerações nascentes os primeiros lampejos da vida no sentido de a conduzir para a salvação da alma primitiva, desde que o Pai as houvera criado para alcançarem a perfeição, e não se compreende progresso sem os rudimentos morais da idéia religiosa. O gérmen da crença num Deus existe em estado latente na alma em início, e para o seu desabrochamento não pode o ser ainda selvático prescindir de um mentor. Esse mentor foi Jesus.

Os primeiros surtos da religião devem ter saído da influência daquele em quem o Pai tinha posto a sua complacência. Foi decerto Jesus quem embalou a Humanidade nos seus primeiros vagidos, embora ela não pudesse entendê-lo na sua insciência infantil. Daí a infantilidade com que nos apareceram os divulgadores a quem já me referi, e que, não obstante, foram inspirados por Jesus para que não periclitasse de todo a obra preciosa do Senhor que os antepassados viam sob nomes vários: Siva, Hórus, Vishnu, Aelohim, Ormuzd, Tabu, Tot, Alá, Zeus, Buda, Eli, Jeová, etc.

---

tir o que nenhuma sensação nos causa, ou estará a soma total da inteligência confinada no que chamamos humanidade? Não haverá inteligências capazes de apreciar as ondas do éter, abaixo ou acima dos limites da nossa restrita capacidade? A adoção desse critério certamente revela profunda ignorância. Sabemos que o homem de antanho apenas tinha aptidão para apreciar o que se achava imediatamente ao seu derredor e que olhava as estrelas como luzes fixadas no firmamento para seu gozo especial. Nos dias atuais, a mente humana pode arrojadamente compreender a grandeza e majestade do universo físico. O uni-

Todavia, não se pode negar a influência do Divino Mestre na obra esparsa através das idades, visto que nela se notam as noções renovadoras da alma primitiva, todas bordando conceitos de altíssimas virtudes, quais as expendidas por vários dos missionários de antanho, especialmente depois que Melquisedeque e Moisés abordaram os problemas da vida superior, conforme já se viu do que nos ensinou Imperator.

Apesar da sua pretensão a deuses, Brama e Buda legaram algumas lições que não deslustram a intervenção do Mentor essencial, e Confúcio, bem como mais tarde Maomé, foram mais passivos às inspirações do Cristo. Quem não vê em Akhenaton, contemporâneo dos faraós, fundador do Atonismo, um inspirado sublime quando eliminou as representações materiais das coisas da Terra, acabando com os deuses do simbolismo, as estátuas, as imagens e outras formas de adoração e culto? Esse faraó, Áton, adorava o deus Sol, e todavia decretou a suspensão da guerra, assim se justificando: "Todo aquele que fosse abençoado pelo Sol e envolvido em seus raios benéficos e divinos, não poderia odiar nem destruir." E no seu reinado acabaram as guerras. (1)

Donde viria a crença dos islamitas sobre ser Jesus o seu profeta? E se Jesus os assistiu após o seu advento, como negar a sua influência nos primeiros tempos sobre os iniciadores da moral evangélica?

---

verso do éter só poderá ser apreciado depois que aquele outro se ache devidamente compreendido. (**No Limiar do Eterno**, J. Arthur Findlay.)

(1) Esther Calderon, ob. cit.

Todos os livros de Confúcio, *Livro da Obediência Filial*, *A Grande Ciência*, *Livro da Invariabilidade dos Meios*, *Livro dos Entretenimentos Filosóficos*, bem assim o *Livro dos Vedas* e o *Alcorão* de Maomé e demais Códigos escritos, são incontestavelmente inspirados pelo Divino Mestre, conquanto influenciados pelas idéias dos reveladores, todos eles médiuns submetidos às concepções coetâneas, sacrificados por preconceitos e outros grilhões de ordem subjetiva, que adulteravam o pensamento inicial, de que já forneci explicações de Imperator linhas atrás.

Todos os profetas, de que a Bíblia faz menção, foram médiuns predestinados a servirem ao pensamento de Jesus, e assim é que os *Provérbios*, os *Paralipômenos*, os *Salmos*, os cinco livros do *Pentateuco*, o *Eclesiastes*, as *Tábuas da Lei*, os livros dos quatro profetas, Isaías, Jeremias, Daniel e Ezequiel não podem deixar de haver recebido o bafejo do Divino Mestre, bem como depois da sua partida, assistiria a Maomé e os albinenses, os cátaros, que condenavam a guerra. No Talmude de Jerusalém, como no Talmude da Babilônia, nos aforismos de Hilel, no livro de Henoc, nas máximas morais do poeta Publius Sirus, nas preleções de Sócrates e finalmente em todas as filosofias semelhantes ao que Jesus ensinou, quem pode duvidar que ali andou o seu dedo?

"Aquele que vinha mudar as crenças do mundo nada tinha que aprender com os homens e não era mais que obra sua própria. Era uma vergôntea vigorosa respirando o ar livre por todos os poros e não recebendo outro orvalho senão o rocio do céu." (Orsini)

Bossuet exclamara certa vez referindo-se ao Cristianismo: "Aí tendes a religião sempre uniforme, ou antes, *sempre a mesma desde o princípio do mundo.*" (1)

Isso a que chamamos religião cristã — disse Santo Agostinho — existia nos tempos antigos e nunca deixou de existir desde a origem do gênero humano até os dias em que Jesus-Cristo veio ao mundo.

Os próprios judeus se espantavam quando perguntavam: "Como sabe este letras não as tendo estudado?" (João, cap. VII, v. 15.) Por sua vez, Jesus declarou: "A minha doutrina não é minha, mas dAquele que me enviou." (João, cap. VII, v. 16.)

Em *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing se confirma a noção de haver sido Jesus o Governador deste planeta e *ipso facto* o diretor da sua religião. (*Passim.*)

Dizia Confúcio que, quando se comparam as palavras dos santos homens que pertencem às três religiões da China, dir-se-ia que elas saíram da mesma boca.

Um escritor francês, Alfred Poizat, diz muito bem no seu livro, *La vie et l'ouvre de Jésus*, que Jesus não veio fundar uma nova religião. Uma religião não se funda, porém se enriquece, se estende, se reforma, se completa. Mas é sempre julgada como sendo a primitiva, saída do primeiro casal humano.

Melhor diria: ensinada aos primeiros povos.

Quando Jesus disse que não vinha destruir a lei, mas completá-la, claro que deixava implicitamente en-

(1) Roselly de Lorgues — **Jesus-Cristo Perante o Século.**

tender que estava organizada em obediência aos desejos do Senhor, e nesse caso não fora obra feita à revelia dos missionários legisladores de todos os tempos.

Que houve uma só inteligência a dirigi-la é o que a mais rudimentar criatura concebe, a não julgar que Deus se descuidasse do principal objeto a regular e que deveria obedecer a um programa uniforme e homogêneo visando o mesmo intento reformador da alma em prova e evolução.

Por isso, tenho para mim que foi o Divino Mestre o Instrutor geral, o chefe da escola universal em todas as épocas.

Essa supremacia não se lhe pode negar.

Esse endeusado fundador das religiões da Índia e do Egito, que foi Rãma, cuja origem parece desconhecida, pois o livro sagrado dos persas, *Zend-Avesta*, apenas a ele se refere sob o nome de Yima, e Zoroastro diz ser o primeiro homem a quem falou Ormuzd, o Deus vivo, esse modelar legislador, que, segundo Fabre d'Olivet na sua *Histoire Philosophique du Genre Humain* e Edouard Schuré em *Les Grands Initiées*, dão como sendo Ram, mais adiante Rãma, era um jovem druida doce e grave, cujo espírito profundo se revoltava contra o culto sangüinário, e se afligia com os padecimentos da humanidade.

Com um parasita que nasce sobre os ramos das palmeiras, o visgo, e atendendo a uma aparição de uma entidade que lhe surgiu em sonhos aconselhando-o a servir-se daquele remédio, consegue produzir verdadeiros milagres, quais os fizera mais tarde o Cristo, tornando-se

querido entre os da Síntia, e que o julgavam um taumaturgo e um semideus.

Tornando-se chefe da seita, promoveu a união da família, a harmonia entre os revoltosos, a igualdade de vencedores e vencidos, a abolição de sacrifícios humanos e a da escravatura, e o respeito da mulher no lar. E, ao morrer, declara aos reis e enviados dos povos a quem revelara o fim da sua missão:

"Não quero o poder supremo que vós me ofereceis. Guardai as vossas coroas e observai a minha lei. A minha tarefa está finda. Retirar-me-ei para sempre com os meus iniciados para uma montanha do Airiana-Vaeia. De lá velarei por vós. Vigiai pelo fogo divino. (1)

Por fim, sentindo-se morrer, o grande iniciado ordena aos seus que ocultem a sua morte e que prossigam a sua obra, perpetuando-lhe a fraternidade.

Efetivamente, os povos da Índia creram durante séculos que Râma, envolto na sua tiara, vivia sempre na sua montanha santa.

Pode conceber-se que quem assim pensava não fosse dirigido por uma mentalidade divina ao serviço do Mestre, a quem mais tarde ficaríamos devendo a eclosão de leis tão liberais?

Na iniciação bramânica da Índia, Bhagavad-Gitâ legisla por este modo admiravelmente concorde com o espírito cristão, e que Sócrates e Platão não saberiam dizer melhor:

---

(1) Edouard Schuré — **Os Grandes Iniciados.**

"Tu trazes em ti mesmo um amigo que desconheces. Porque Deus reside no íntimo de cada ser, mas poucos sabem que o trazem lá.

"O homem que sacrifica os seus desejos e as suas obras ao Ser de que procedem os princípios de todas as coisas, e por quem o Universo foi formado, obtém por esse sacrifício a perfeição.

"Porque, aquele que encontra em si mesmo a sua felicidade, a sua alegria e em si mesmo a sua luz, identifica-se com Deus.

"Ora — sabei-o —, a alma que encontrou Deus, libertou-se do renascimento e da morte, da velhice e da dor, e bebe a água da imortalidade."

De quem vieram as inspirações para essa orientação cristã?

SOFRIMENTOS FÍSICOS

Pela necessidade de se entenderem na linguagem articulada, os homens criaram uma terminologia especial em cada povo, a fim de evitarem confusões de sentido para a emissão das suas idéias, e apesar dos inúmeros sinônimos e maneiras de expressão ainda resultam interpretações equívocas que deixam indecisos muitos casos considerados inexpressivos e contrários ao pensamento originário.

Em Espiritismo houve que se criar vocábulos apropriados às enunciações metafísicas, conforme se viu na obra do mestre Allan Kardec, que foi um dos mais abalizados pedagogos, e não obstante ele teve ocasiões de ouvir dos seres do Além a observação de que as nossas contendas nasciam da confusão da hermenêutica em coisas que não nos ferem os sentidos. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 28.)

O vocábulo "físico" é um adjetivo referente ao que é natural e corpóreo, quer dizer, tangível, bem como o

seu oposto o "moral" é relativo ao domínio da alma ou da inteligência, em oposição a físico ou material (1). Assim pois, se eu fico debaixo de um bloco de pedra, sofro fisicamente, mas se foi outrem que padeceu o desastre, sofro moralmente ao ver a infeliz vítima. Eis a diferença entre a dor física e a dor moral. Aquela é a do corpo, esta, a da alma.

Todavia, tem-se feito uma irrisória confusão nos sofrimentos de Jesus, atribuindo-os exclusivamente ao corpo, parecendo que os do seu Espírito nada representaram, apesar da sua incontestável superioridade entre nós.

Entretanto, Kardec afirma que o corpo é o instrumento da dor, da qual ele é, senão a causa primária, pelo menos a causa imediata. A alma tem a percepção dessa dor, percepção que é um efeito. A lembrança que a alma conserva dela pode ser muito penosa, mas não tem ação física. (*O Livro dos Espíritos*, n.° 257.)

Tais considerações se escudam no que disseram os Espíritos antes, por estas palavras:

"Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser; quando revestido de corpo material, essas percepções só lhe chegam por *intermédio dos órgãos*, mas no estado de liberdade deixam de estar localizadas." (Ob. cit. n.° 249.)

Logo após, a uma pergunta do mestre:

---

(1) Resumo das definições de Morais, Vieira e Cândido de Figueiredo.

"Quando um Espírito diz que sofre, qual a natureza desse sofrimento?

"*Angústias morais*, que o *torturam mais doloridamente* que os *sofrimentos físicos*." (Ob. cit. n.º 255.)

"Como é então que alguns Espíritos se queixam de frio ou de calor?

"É uma recordação do que sofreram em vida, *tão penosa* às vezes quanto a realidade." (Ob. cit. n.º 256.)

A rigor podemos asseverar que, para nós outros educados em espírito e verdade pela Nova Revelação, não há absolutamente sofrimento físico, uma vez que sabemos ser a nossa alma quem vem expiar na Terra as torturas infligidas ao nosso Espírito para o purificar, passando, porém, tais torturas através do corpo físico como instrumento mais grosseiro para receber em maior escala o flagício dos tormentos e ser naturalmente por seu intermédio que o castigo, ou antes, a reparação melhor aproveita. Deus soube o que fez.

Esse argumento é robustecido pelo ensinamento de que nos planetas adiantados o Espírito não traz um corpo tão grosseiro qual o nosso, e dessarte o padecimento não lhe aflige tão amarguradamente, continuando a sua natureza mais rarefeita até à desnecessária participação do órgão material, desde que não carece mais de purificação.

Por outras palavras, não há para esses o chamado sofrimento físico entre nós, como por igual não haverá mais sofrimento moral, de vez que o homem em nada

desvirtua o fim providencial para que foi criado, não atenta contra as leis soberanas do seu Criador.

A lição aqui estudada tem confirmação no fato de sabermos que o homem depois de morto não dá mais sinais de sofrimento, embora lhe seja aplicado qualquer toque, ou receba o cadáver alguma pancada contundente.

Se algum defunto foi encontrado revolvido no esquife, é que houvera sido enterrado ainda com vida. Foi a alma que se movimentou nas angústias da morte e quem sentiu o efeito do insucesso.

Por outro lado, a ciência oficial, nos casos de cirurgia, quando é preciso amputar um membro ou simplesmente operar uma incisão interna e cortar os tecidos orgânicos, como nos casos de laparotomia, aplica ao doente a anestesia por meio do clorofórmio, do éter ou de qualquer outro entorpecente com intuitos de adormecer o paciente ou imunizar a parte onde tem que operar, de modo que ele não sinta a dor física, então o Espírito, ou adormece ou, acordado, assiste de olhos abertos, e insensível, ao laceramento da lanceta ou da tesoura operatória.

Mas, tanto que cessam os efeitos da imunização local, volta o enfermo a experimentar as dores restantes, provenientes à reação dos golpes sofridos, constatando-se que tais dores objetivam exclusivamente a alma, sem o que não era necessária a aplicação do anestésico.

Essa emancipação das dores físicas foi apanágio de alguns vultos superiores de que a História nos dá conta, como Joana d'Arc, insensível às chamas da fogueira onde foi lançada pelos ingleses, aos quais fora vendida pelos

borgonheses como traidora na defesa do seu país, invadido por aqueles. Este só exemplo é bastante para documentar quanto pode tornar-se impassível à carne a alma evoluída e temente a Deus.

Li, no hagiológio, não me recordo o nome do Santo, um fato corroborante de que pode alguém tornar-se superior aos apelos da matéria e conseqüentemente aos sofrimentos. Parece que foi passado com Francisco de Paula.

Alguém, duvidando das suas virtudes, aquelas às quais o Salvador se referia quando disse sobre o adultério: "alguns há que já nascem castrados", quis experimentar a resistência viril com o virtuoso homem, e, para esse fim, armou-lhe um laço. Arranjou uma das mais belas mulheres, que se prestou a ficar inteiramente despida, sobre um leito dentro de um quarto, convidou o apóstolo a entrar no aposento e teve o prazer de ser atendido. Mas, o homem, compreendendo o ardil, mandou vir um ferro em brasa e, juntando-o ao braço, deixou que fumegasse, de modo a provar que era superior aos reclamos da matéria. (1)

Ouçamos agora o que nos dizem os mortos, diversamente.

---

(1) Em Boston, a 11 de dezembro de 1908, um maquinista por nome Frederico Foskeft, diante de experimentadores da Sociedade Americana de Estudos Psíquicos, conseguiu riscar alguns fósforos a cujas chamas chegava os dedos, sem que os queimassem, embora ficassem completamente denegridos. Depois, derramou um quarto de litro de álcool numa vasilha, acendeu-o e durante dez minutos banhou as mãos nas chamas ardentes, lavou os braços e o rosto e materialmente todo o seu corpo resplandeceu iluminado pelo álcool inflamado. (**O Espírita Mineiro**, outubro de 1909.)

"Meu corpo não mais me pertence, e no entanto eu *lhe sinto a algidez.*" (*O Céu e o Inferno*, 2.ª Parte, capítulo III — Hélène Michel.)

Por que *sofrer* ainda, quando o *corpo não mais sofre*? Por que existir sempre esta *dor horrenda*, esta angústia terrível? Será preciso irdes ao lugar em que jaz meu corpo a fim de implorar ao Onipotente que me *acalme* os *sofrimentos*? *Sofro!* oh! se *sofro!* Esperava que viésseis ao lugar em que meu Espírito parece preso ao seu invólucro, a fim de implorar ao Deus de misericórdia e bondade a calma dos meus *sofrimentos*. (Ob. cit., 2.ª Parte, cap. IV — Auguste Michel.)

Sucumbi no mar, e por muito tempo me esperavam. Não poder desligar-me do corpo, era para mim uma *terrível provação*. Eu era um pobre marinheiro e *há muito tempo que morri*. (Ob. cit., 2.ª Parte, cap. IV — Pascal Lavic.)

Estou num medonho abismo. Auxiliai-me... Oh, meu Deus, quem me tirará deste abismo? Quem socorrerá com mão piedosa o infeliz tragado pelas ondas?... Vejo o meu corpo, e o que há pouco sentia era apenas a lembrança da angustiosa separação... Tende piedade de mim, vós que conheceis o meu *sofrimento*; orai por mim, pois não quero mais *sentir* as lacerações da agonia, como tem acontecido desde a noite fatal... oh, o mar, o *frio*... vou ser *tragado* pelas ondas... Socorro. (Ob. cit., 2.ª Parte, cap. IV — Ferdinand Bertin.)

"Enganei-me. *Longe de extinguir o sofrimento, este recrudesce e se torna mais íntimo e profundo no espaço,*

onde não há noite nem sono e parece eterna a provação." (*O Suicídio*, edição de Frederico Fígner, Rio, 1933 — Comunicação do Dr. Raul Martins.)

"Os maiores martírios da terra são doces consolações em comparação com os terríveis sofrimentos de um suicida." (Ob. cit. — Comunicação de Antero de Quental.)

"Eu, que queria desertar da refrega, ia cair em pleno arraial inimigo, cheio de mutilações e de *sofrimentos horrorosos*. Quando supunha chegar para mim o descanso, a morte trouxe-me o martírio indizível da prolongação da vida, na sua manifestação *mais tormentosa. . . A sensação da dor física*, da hora extrema, se aferrava persistentemente ao meu cérebro. . . E no meu ser, que eu sentia uno, íntegro e perfeito, revoluteavam todas as *dores morais* que me haviam conduzido àquele ato de rematada loucura. Remorso do passado, de que supunha afastar-me e que, entretanto, continuava a *queimar-me com ferro candente. Todos esses tormentos* eram requintadamente aumentados com o fato absolutamente inconcebível de eu continuar a manter todos os sofrimentos, absolutamente todos." (Ob. cit. — Comunicação de Mousinho de Albuquerque.)

"Aceitem as dores, a cegueira, as deformações, as aberrações, o desespero, as perseguições, a desgraça, a fome, a desonra, a degradação, a ignomínia, a lama, tudo que de mau, de injusto, ou de rastejante em desprezo a terra lhes possa dar, que são ainda coisas excelentes em desiludida comparação ao que de melhor possam chegar

pelo caminho do suicídio." (Ob. cit. — Comunicação de Camilo Castelo Branco.)

Parecendo-me haver esgotado os argumentos para afirmar que ninguém sofre fisicamente, ou seja no corpo carnal, passemos a outro assunto que virá ao encontro do meu pensamento, qual é o de afirmar que Jesus não precisaria ter a chamada vida física para padecer o martírio do Calvário, e que é o cavalo de batalha dos inimigos do corpo fluídico.

Ou será que ainda se edite o estólido argumento de que Ele representaria o papel de embusteiro se não tivesse corpo de carne e osso, isto é: se não se tivesse submetido à podridão imunda da inoculação em um ventre materno?

Quanto somos pequenos e mesquinhos! Quão acanhadas e restritas as nossas percepções e ainda mais limitada a nossa acuidade penetrativa, de maneira a querermos julgar as qualidades e virtudes do primogênito de Deus, como se Ele fora medido pela mesma nossa bitola!

Não termos ainda compreendido que Jesus é uma individualidade transcendente, nada semelhante a nós — a nós gerados outro dia do limo da terra, com o umbigo do gorila, animalizados pelas paixões, castigados como indomáveis, sofrendo terrivelmente como o potro que precisa ser chicoteado, e no entanto queremos que Jesus também fosse imolado a dores e flagícios, que lhes doessem no corpo santificado, como reflexos e conseqüências brutalizadas, quais as que o nosso grosseiro arcabouço acusa sob o guante do castigo pela rebeldia às leis do Pai!

Não havermos percebido, por um alto vôo da imaginação, quão grande, infinito, inenarrável deve ser o Amor daquela alma de eleição, para colocar em linha paralela quão grande, infinita, inenarrável deve também ser a sua Piedade!

Vendo seus irmãos insultarem-no com impropérios, a Ele que os vinha salvar, ouvindo-lhes as calúnias e a delação a César, carregando a cruz, subindo o Calvário, abrindo os braços humildemente ao suplício da Cruz, bebendo o fel e o vinagre, recebendo os apodos no alto do madeiro, não era a sua alma não, que padecia. Era o corpo.

A alma, essa regozijava inatingível às infâmias que lhe dirigiam, indiferente aos suplícios da ingratidão, fechando os olhos ao escárnio de seus irmãos, alheia a tudo, não se incomodando com o desmoronar do seu esforço, desde que o corpo se encarregasse de ser o alvo, o único alvo do sofrimento.

Isso é o que pensam aqueles que ainda hoje não puderam alcançar que Jesus deve ter sofrido moralmente num só minuto tudo quanto nós outros havemos padecido desde o primeiro instante da nossa criação até agora e talvez o que tenhamos de padecer até quando a nossa maldade permitir cheguemos até Ele.

MATERIALIZAÇÕES

Parecerá supérfluo introduzir neste trabalho alguns fatos probantes da materialização de Espíritos e outros congêneres, mas ainda vem a tempo referir que não me propus escrever simplesmente para quem conhece os fenômenos de aparição de fantasmas, fartamente demonstrados em livros e revistas que correm mundo. Tenho que atender a confrades que se iniciam na Doutrina Espírita e que desejam conhecer a vida de Jesus e a sua essência, tão impugnada tem sido a teoria do seu corpo, incapaz de se apresentar fluidicamente aos homens, em contraste com o que Espíritos inferiores lograram realizar *sob as suas ordens*, uma vez que é o próprio Jesus o Consolador, o Espírito de Verdade a dirigir o movimento científico por todo o Globo.

São em número considerável os confrades que me têm honrado pessoalmente com a consulta sobre a natureza de Jesus, e que, todos, após a minha sucinta exposição, louvando-me na honestidade impoluta da Virgem

Maria e na incapacidade física de José, declararam-me sumariamente não carecerem de mais nenhuma demonstração para se certificarem do fato, perfeitamente justificado na própria ciência cósmica.

Eles eram dos tais, a quem Deus revela o que esconde aos sábios e entendidos. Eram humildes e despreocupados contra o ânimo preconcebido. Em lugar de consumirem tempo com argumentos e discussões vulneráveis e tendenciosas, preferiam volver novamente os olhos sobre as lições evangélicas, com que, somente, se pode tirar deles a trave do orgulho que os anuvia.

Ninguém, absolutamente ninguém poderá conhecer a Verdade senão nas páginas desse magnífico manancial de luz. Mas, não é tendo-o com ânimo preconceituado, que o mesmo é dizer ficar à disposição do Espírito das trevas, que haveremos de receber as inspirações dos nossos guias. Também eles nos abandonam à cegueira quando, em vez de nos apresentarmos como discípulos, trocamos o papel pretendendo ser os mestres. E Mestre é só Jesus. Busquemos nEle, no seu Evangelho, o raio de luz ilustrativa para a nossa apagada mentalidade, sem o que é malhar em ferro frio, como se diz familiarmente.

As materializações dos Espíritos vieram logo após o aparecimento das obras fundamentais do Espiritismo como que para prosseguir em demonstrações concretas o que estava por assim dizer circunscrito ao plano invisível.

Os Espíritos nos falavam sob o velário de um mundo estranho, escondido nas sombras do mistério. Houve quem os visse, os chamados médiuns videntes, mas

com a sua informação, por muito honestos que fossem, não se conformavam aqueles que se orientam à maneira de São Tomé. Tais manifestações orais pareciam-se com as cartas que alguém nos escreve de outras terras, mas que nem mesmo conhecemos pessoalmente. Menos que nelas, seria a nossa confiança nas epístolas do outro mundo.

Qual um exército que se movimenta sob as ordens de um General-de-Brigada, começou de surgir por toda parte da Europa considerável número de médiuns de efeitos físicos, de par, providencialmente, com os respectivos missionários encarregados da experimentação científica, a cargo de mentalidades tangidas pela curiosidade da investigação, senão especialmente dotadas de pendor e simpatia pelo insólito problema da Nova Revelação, a que chamavam o neo-espiritualismo.

O que aqui transcrevo é apenas a parte máxima do que foi verificado sobre materializações, de maneira a que o leitor, confrade ou não, possa verificar a possibilidade da aparição de seres já emigrados para a outra vida, mas aqui vindo para documentarem essa duplicidade de vida, a espiritual e uma outra, que, com ser também espiritual, pode parecer material, porque participa de condensação de matéria, para isso sendo-lhe mister a colaboração de um médium especializado.

Com tais Espíritos rudimentares dá-se o mesmo que com o aprendiz, que não pode operar sem a assistência do mestre, e este é quem lhe vai dirigindo a mão, ao passo que ele, mestre, trabalha sozinho.

Era assim que o Mestre Supremo trabalhava, aparecendo sem necessidade de médium, duplamente representado pela sua poderosa individualidade.

A lesma que se arrasta no limo empestado deste volutabro, onde acabara de fazer há pouco a sua ascensão o escorpião ou a mosca-varejeira, não percebe a razão por que Jesus também não anda de rastros.

Para a consecução de tamanha obra de investigação e fiscalização científica houve um singular movimento de interesse e sincero amor à verdade, levando muitos cultores da Física a construírem uma aparelhagem para os diversos casos, como o magnetoscópio, de Rutter; o pêndulo, de Briche; o biômetro, de Lucas; o galvanômetro, de Puyfontaine; o magnetômetro, de Fourlin e Baraduc; o cilindro, de Thoré; o estenômetro, de Joire; o aparelho elétrico, de Krall; o sensitivômetro, de Durville; o aparelho de Fayol e finalmente as moldagens em parafina devidas ao professor Denton. Também se criou a báscula para registrar a perda de peso do médium, d'Arsonval inventou o selenóide, Deprez, outro galvanômetro e provavelmente há mais instrumentos de defesa contra as fraudes.

O fenômeno mais impugnável, pela vantagem de sair da sala das experiências para veicular em toda parte aonde chegue a sua figura, é a fotografia dos Espíritos, a que chamaram fotografia transcendente por escapar aos processos técnicos em voga para a obtenção de chapas pelos profissionais da especialidade.

Poderia dar aqui uma relação de casos em que a fotografia teve papel de relevo nas experiências, assim como daria das moldagens de mãos, pés e partes outras de corpos materializados, objetivando impressionar e convencer os sábios encarregados de divulgar a parte especulativa da nossa doutrina. Mas, acho que o principal será relatar os mais proveitosos fatos de materialização de Espíritos, desde que é meu empenho provar à luz meridiana que houve uma legião de seres capazes de fazerem aquilo que antes Jesus o fizera, sem já agora nos escandalizar com novidade alguma, nem violentar as leis regedoras do fenômeno. Para o conhecimento mais detalhado daqueles fatos, convido o leitor a consultar a volumosa obra de Alexandre Aksakof — *Animismo e Espiritismo*.

O máximo vulgarizador do fenômeno foi o sábio inglês William Crookes, cujo renome na Ciência não teve similar nas experiências da Física.

Depois de tentativas, que deixo de enumerar para não ser fastidioso, diz o genial sábio ao relatar os seus trabalhos:

"Katie (o Espírito) nunca apareceu com tão grande perfeição. *Durante duas horas* passeou na sala *conversando* familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes *tomou-me o braço*, andando, e a impressão sentida por mim era a de uma *mulher viva* que se achava ao meu lado, e não de uma visitante do outro mundo. Pensando que eu não tinha um Espírito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão para tomá-la

nos meus braços a fim de poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizera recentemente de maneira sumária. Apoiando o ouvido sobre o peito de Katie, pude perceber as *pancadas do seu coração*, que eram menos aceleradas do que as da médium Florence Cook."

Passo por largo sobre as cautelas empregadas pelo experimentador no sentido de dar vigor ao seu trabalho, limitando-me a reeditar o que mais nos interessa, que é a confirmação de uma individualidade pensante, que age, fala, ingere e movimenta-se qual uma criatura de carne e osso.

"A fotografia — continua Crookes — é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Katie, quanto as próprias palavras o são para descrever o encanto das suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante da sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços tão móveis, ora velados pela tristeza, quando narrava algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente com toda a inocência de uma menina, quando reunia os meus filhos e os divertia contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia?"

Noutra passagem do seu Relatório, declara o insigne mestre: "Tenho à vista um *cacho da cabeleira* de Katie, por me haver ela permitido *cortá-lo* das suas tranças luxuriantes. Outra vez, pediu uma tesoura, *cortou pedaços dos cabelos e distribuiu com todos os presentes* uma gran-

de parte, deu alguns passos na sala comigo e *apertou as mãos de todos*. Sentando-se, *cortou pedaços de seu vestido e do véu*, fazendo-me presente deles.

"Vendo-lhe tão grandes buracos no vestido, perguntei-lhe se poderia restaurar o dano, assim como o tinha feito em outras ocasiões. Katie mostrou a *parte cortada* à claridade da luz, deu uma pancada em cima e *instantaneamente essa parte ficou tão completa e nítida como dantes*."

Estes fatos foram narrados na folha inglesa *Quartely Journal of Science*, de janeiro de 1874.

Por seu turno Alexandre Aksakof, Conselheiro de Estado do Imperador da Rússia, também fez experiências com a mesma médium que serviu a Crookes, obtendo o reaparecimento da mesma indiana Katie King, narrando os fatos em seu livro *Animismo e Espiritismo*, assim se constatando o fenômeno.

Depois é um grupo de sábios, entre eles Lombroso e Richet, a obterem a aparição de uma figura humana, que *tinha cabelos e barba, pele do rosto qual a de homem vivente, barba muito fina*. É W. P. Adshead na Inglaterra, com a médium Wood, obtendo o aparecimento de dois Espíritos, Meggie, uma mulher, e Benny, um homem, que deixaram o *modelo dos seus pés em parafina* e se retiraram *apertando as mãos dos assistentes*. É uma forma humana diante da Sra. Glyn, sob a ação do médium Eglinton. É em São Francisco da Califórnia, sob a interferência da médium Moore, a visita de alguns fantasmas, inclusive um sacerdote de relações da família. É em Pa-

ris a Sra. Corner, médium, provocando a aparição de Maria, que se apresentava de *vestido branco*. Vem decotada e traz os braços descobertos. Cochicha em francês correto e recebe uma caixa de jóias que o Sr. Côte lhe pede para dar a um dos assistentes.

E não se alegue que tudo isso se passou muito além dos limites da nossa terra, visto como também pudemos ser aquinhoados com uma parcela em Belém do Pará, onde se processaram fenômenos de materialização perfeitamente idênticos aos obtidos sob a mediunidade de Florence Cook.

Nessa capital, em casa do nosso confrade Eurípedes Prado e com o concurso da sua esposa D. Ana Prado, foi possível a materialização de um fantasma, a que deram o nome de João, por se haver manifestado pela primeira vez no dia 24 de junho de 1918.

O Espírito vestia calça e paletó, e depois de ir ao gabinete onde se encontrava encerrada a médium, e dele voltar, *apertou as mãos* das pessoas presentes à sessão e desmaterializou-se.

Um outro ser, a quem denominavam o marinheirinho, também se apresenta depois, vestindo calças brancas, blusa de cor, lenço ao pescoço, cinto apertado na blusa e sob ele um sabre. À cabeça o respectivo boné, que tirou respeitosamente.

Começa a brincar com uma senhorita presente, e *aperta-lhe ambas as mãos*, assim como as de outro visitante, mas com *tanta força* que este exclama: Tem *força, o rapaz!*

Em sessões posteriores estavam presentes dois dos nossos confrades bem conhecidos, Frederico Fígner e sua consorte, D. Ester Fígner, aos quais foi dada a ventura de ver materializar-se uma filha desencarnada havia três meses, a senhorita Raquel Fígner.

Na primeira experiência a jovem ressurgida apenas pôde tocar o rosto e a cabeça de sua mãe, mas depois de maiores exercícios, mais familiarizada com o ambiente, dava beijos nos pais, ouvindo-se os estalidos, e abraçava-os com efusão. Erguia o balde de parafina para moldar os pés e mãos, assim como fabricou catléias e outras flores para oferecer aos assistentes. (1)

Não findaria a relação dos casos se quisesse continuá-la. Terminarei por fatos estupendos, que não foram registrados em livro e que apenas constaram de revistas estrangeiras, entre elas *La Voz de la Verdad*, e a *Revista Internacional do Espiritualismo Científico*, publicada em Paris no ano de 1908 pelo nosso confrade Demétrio de Toledo.

Vale a pena dá-las na íntegra, porque já agora ficarão registradas num livro, de maneira a perpetuar-lhes a origem.

As experiências de efeitos físicos foram feitas no Centro Benjamin Franklin, na República de São José da Costa Rica, sob a direção do Dr. Alberto Brenes, pai da médium Ofélia Corrales.

---

(1) Nogueira de Faria — **O Trabalho dos Mortos.**

As manifestações obtinham-se sem que a médium caísse em transe, pois que a senhorita Ofélia, inteiramente acordada, observava os fenômenos com a maior curiosidade.

A primeira entidade que se apresentou e *continuou a dirigir os trabalhos*, foi um Espírito que disse chamar-se Miguel Ruiz, ser natural de Andaluzia, onde morrera havia cerca de 30 anos.

Se lhe auscultavam o coração, sentiam-no bater.

Ruiz era de gênio alegre e amigo do canto, da dança e da música. Certa vez, *dançando com uma jovem* do grupo, perguntou-lhe: "Não acha estranho o fato de não perceber o ruído dos meus pés? É que estou dançando no ar."

Em uma festa íntima em que o grupo festejava o seu padroeiro, Ruiz manifestou-se e, por insistência dos presentes, *bebeu um copo de vinho*, sendo o fato testemunhado por todos os convivas.

Mary Brown, uma americana, era outra personalidade que se materializava no grupo. O Dr. Brenes, membro da Academia espanhola, e assistente do grupo, dirigia-lhe a palavra em inglês e entre ambos se estabelecia franca intimidade. O doutor desejou possuir os cabelos de Mary, e esta prontamente *cortou uma mecha* e lha entregou. Tratava-se de um crespo castanho *em nada diferindo do cabelo natural.*

Além destes Espíritos, freqüentavam o grupo um espanhol D. Constantino Alvarado, que disse ter vivido

no México, um francês chamado Guilherme, um mineiro americano Harry, bom desenhista, que *fez o retrato* de Ruiz e o de Constantino, dois alemães, uma moça e um rapaz, que *escreveram* na sua língua materna, por fim Margon, menina francesa, e Cármen outra francesa amiga de canto.

Falando da sua existência passada, Mary disse ter sido escritora, e ditou alguns parágrafos em inglês, de elevação notável. Conseguia materializar-se muito bem, e consentia que os assistentes a tocassem e beijassem.

Certo dia, em pleno dia e plena luz, Cármen *cantou* acompanhada de um acordeão tocado por um menino, irmão da médium, que se achava ausente. A voz da cantora era clara, ouvindo-se como se descesse do ar.

Numa das sessões o diretor viu desfilarem cinco aparições ao mesmo tempo, diante dos assistentes, com estes *conversarem* e despedirem-se de cada um *no seu próprio idioma*.

Certa vez, estando o Espírito Guilherme no corpo da médium, levou o Dr. Brenes a um canto da sala e disse-lhe: O corpo em que estou, toque-o bem, é o da médium. O duplo da senhorita Ofélia, isto é, o seu corpo astral, está junto à porta, e o senhor pode percebê-lo, graças à luz que penetra pela fenda. Se o senhor ordenar que fale, falará. E de fato, o pai da médium deu a ordem indicada e por diversas vezes ouviu ao mesmo tempo a voz do duplo e a do Espírito, que estava momentaneamente incorporado ao da médium, corpo que o Dr. Brenes *mantinha nos braços*.

Logo após, o duplo da médium dirige-se a uma sala contígua onde se achava sua mãe, pergunta-lhe por um método inglês, consulta alguns livros e regressa à sala das sessões, onde estava Miguel, de posse do seu corpo, e põe-se a conversar com os assistentes. Então se estabelece um diálogo animador entre ambos, terminando por Miguel convidar o Espírito da médium Ofélia a reassumir o seu corpo. Em seguida, ouviu-se a moça, já empossada do seu corpo, descrever com toda a clarividência o que se passara.

Depois destes fenômenos inauditos os invisíveis deram um *concerto a quatro vozes*, com acompanhamento de piano, iluminada a sala por um clarão semelhante ao luar. Cantaram a *Marselhaise* e um hino em francês, *au bon Dieu*, composto por eles mesmos.

Noutra sessão, achavam-se presentes os três irmãozinhos da médium: Flora, Berta e Miguel, quando Ruiz propôs fazer-se um transporte.

Trancaram-se as portas da sala, assim como as de uma casinha próxima, à qual deveriam ser transportadas as crianças. Silêncio profundo. Cinco minutos depois, ouviam-se pancadas na casinha. Acendidas as lâmpadas, verificou-se que os meninos haviam desaparecido.

Abertas as portas, enviou-se uma comissão à casinha próxima, onde, abertas as portas, estavam as crianças enfileiradas a rirem. Contaram então que tinham sido conduzidas uma a uma. A comissão resolveu que o fenômeno se repetisse em ordem inversa. Trancou de novo as crianças e voltou à sala das sessões, solicitando a Miguel

Ruiz novo transporte. O Espírito pediu muita concentração e deu a ordem: "Que venham os meninos!" Imediatamente respondeu um deles:

"Aqui estamos."

Iluminada a sala, verificou-se que ali estavam os três filhos do Dr. Brenes enfileirados, havendo sido desta vez transportados conjuntamente.

A sessão de 18 de julho começou pela execução da *Marselhaise* ao piano e com acompanhamento de *vozes de homens e mulheres* formando um coro.

Mary apresentou-se materializada, cantou acompanhada do seu duplo e declarou que ia fazer com que qualquer pessoa transmitisse um ditado automaticamente. Então, colocou a mão sobre o ombro de um assistente, que não era médium, e este, às escuras, escreveu com letra firme:

Espiritismo, ciencia bendecida
Que de gloria y progreso un mundo encierra,
Más victorias alcanza ella en la vida
Que el estalido del canon que aterra.

Em carta de 20 de novembro de 1908, do Dr. Alberto Brenes ao Cônsul da Espanha em Baltimore, foram narrados estes fenômenos verdadeiramente espantosos:

"Propositalmente houvéramos deixado Ofélia fora da sala das reuniões, no pátio da casa, e trancou-se a porta. Procuramos assim fazer que o seu duplo se desprendesse,

e isso o conseguimos em poucos minutos, pois que, com Ofélia, o fenômeno se produz facilmente, sob a influência da música e do canto. No duplo notava-se bem a voz e a aparência exterior de Ofélia, porém o fantasma estava vestido de maneira diversa do corpo físico da médium. Ordenou-se ao duplo que levasse um lenço à médium e que trouxesse um pente convexo que esta tinha nos cabelos. E imediatamente foi a ordem executada, devendo o duplo atravessar para isso a porta ou a parede juntamente com os objetos indicados.

"Enquanto o duplo estava conversando com as pessoas que se achavam na sala, da parte de fora, a médium dava pancadas na porta e falava como previamente se lhe havia dito que fizesse, para que se notasse a sua presença fora de casa. Era curiosíssimo o duplo exclamar para si mesmo: Espere, Ofélia!

"Quando havia decorrido um certo tempo, observei ao duplo que era oportuno mandar vir Ofélia. O duplo então ordenou com força: "Que venha Ofélia!" e esta incontinenti se apresentou acordada.

"Esta segunda personalidade, a que chamamos duplo, discorria com maior lucidez e maior presteza do que a médium, achando-se sempre pronta para dar as explicações que se lhe pediam com relação aos fenômenos nos quais intervinha.

"Conseguiu-se também que se operasse o transporte da médium desde que um de nós o ordenasse com energia. Então a médium desaparecia à vista do observador,

fora do lugar onde se encontrava, para surgir no ponto a que era chamada." (1)

Eis aqui uma comunicação de Mary sobre a música e a vida moral:

"A música e o canto não existem no mundo espiritual, ou pelo menos, não existem com a forma que na Terra têm essas manifestações do sentimento, pois que, carecendo-se, como se carece, de em estado concreto e de órgãos para a produção da voz, é impossível produzir ou emitir sons de espécie alguma. Mas há gozos intelectuais e morais muito mais puros e intensos do que quantos é dado sentir ou imaginar na Terra.

"Igualmente o sofrimento moral, os terrores e angústias que nos atormentam são superiores aos padecimentos terrestres.

"Para nós outros, a existência de Deus é uma verdade axiomática. Deus não pode ser percebido como o

---

(1) A teoria corrente no campo das materializações, referente a se utilizarem os Espíritos do **ectoplasma** ou **teleplasma** do médium, isto é, a captarem no seu organismo os fluidos com que recompõem a sua imagem tangível, deixa-nos perturbados diante da grandiosidade excepcional, da poderosa capacidade orgânica dessa menina de 18 anos, que distribuía elementos abundantes a tantas entidades que simultaneamente se apresentavam sem lhe dar lugar a descanso nem refazimento de energias vitais. É verdade que já conhecíamos o singular caso da desmaterialização parcial do corpo do médium a que foi sujeitada a notável italiana Eusápia Paladino, mas em Ofélia Corrales não só nunca se deu desmaterialização, como a sua colaboração nos insólitos fenômenos que produziu com o seu concurso era por assim dizer igual ao das demais pessoas presentes às experiências, acompanhando-os com a mesma curiosidade como se nada dependesse dela e ali estivesse apenas para observar.

Os anais do Espiritismo Científico-Experimental ainda não haviam até então registrado fenômenos de tanta relevância e inimagináveis como esses de Costa Rica.

homem percebe as várias formas do universo físico. Os raios, que da sua essência se desprendem, chegam aos seres racionais, produzindo neles diversos efeitos, segundo a condição de cada um. Assim, fazem que, no criminoso, brote o arrependimento, no ser abjeto, o desejo de reabilitação, no justo, as tendências generosas e os gozos celestes.

"Os homens que ocupam um lugar intermediário entre o bem e o mal (que são a maioria e em infinita variedade) não sofrerão, ao morrer, os terríveis padecimentos morais que esperam os criminosos; mas não conhecerão também os deliciosos gozos que deleitam a alma de um Francisco de Assis."

Analisando-se a poderosa facilidade com que a médium Ofélia por assim dizer *brincava* com o seu Espírito, como se brincasse com uma boneca, como duvidar que o poderoso Mestre que foi Jesus-Cristo se movimentasse espiritualmente durante a sua permanência visível entre nós?

Nem se diga que esse estado lhe seria difícil durante os três anos do seu apostolado, uma vez que Katie King, como se viu, ficava durante duas horas ao serviço das experiências de William Crookes. Cairia no ridículo quem contestasse a Jesus a capacidade para produzir em três anos o que uma entidade inferior o faz em duas horas, quando se sabe que o tempo nada é na extensão da sua medida.

E aqui terminarei as demonstrações sobre as possibilidades de poderem os Espíritos desencarnados se apre-

sentarem visíveis e palpáveis, tão claramente quais se fossem vivos, corroborando a incontestável noção de que Jesus nada de novo fez que realizar com a sua soberania o que entidades falidas e pecaminosas o fizeram, como vassalos que foram de mais altas influências mentoras.

NATUREZA DE JESUS

Com a meditação de um estudo feito há quarenta anos, quero abordar a questão mais transcendente deste livro referindo-me à natureza orgânica do Divino Mestre, pelo momento ainda por alguns não compreendida através de leis psíquicas, inatingíveis às cogitações da mentalidade precária do homem amordaçado ao rigorismo do plano material em que se arrasta amarrado aos grilhões do pecado.

Procedendo daquele mesmo barro vil com que simbolicamente foi argamassado o primeiro habitante da Terra, e não podendo afastar do pensamento a densa nuvem que o envolve e lhe parece uma porção de matéria, em tudo vendo aquela mesma essência de que foi constituído, não aceitando explicação alguma que lhe contrarie as suas únicas percepções, sempre sob a opacidade da massa bruta — o homem refuga a idéia de que alguém pudesse participar da vida planetária sem obedecer às mesmas leis biológicas, que regulam o nascimento de

todos os seres desde o homem civilizado, até o hotentote e o mais repugnante batráquio.

Verificou-se pela revelação evangélica que Jesus nascera de uma virgem, que não havia conhecido varão. Leu-se que José era já pela idade alcançada inapto para as funções genésicas. Pelas demonstrações experimentais do Espiritismo, obtiveram-se as provas mais insofismáveis da materialização de Espíritos, e quando se chegava por meio dessa honesta e moralizadora solução a saber que Jesus houvera tomado a forma tangível de um corpo para com esse instrumento realizar o sacrifício da sua alma, somente da alma, afligida pelas ingratidões dos fariseus, há quem exija da pureza imácula do seu Espírito a torpe imposição de o envolver na matéria, de o misturar à sordidez do coito, tal qual se opera com o criminoso violador das leis divinas e com o irracional enfurnado nas brenhas inóspitas.

A Igreja Romana salvou-o do opróbrio julgando-o o próprio Deus nascido por obra e graça do Espírito Santo, assim como na Reforma de Lutero não se buliu com o dogma acomodatício.

O Espiritismo, logicamente dando ao Criador a magnificência da sua individualidade, restituiu a Jesus o papel que lhe havia sido retirado, o de Enviado ou Messias, mas não o nivela à natureza comum em homenagem à castidade corporal da Virgem Maria e à honra do valetudinário esposo.

Se por antecipada solução alguns homens porfiam em manter o seu ponto de vista, contrário à majestade

do maior Espírito descido à Terra, não é isso motivo para que Jesus deixe de haver sido um Espírito Perfeito, isento da aproximação sexual, nem que a Rosa Mística de Nazaré não derrame o perfume da sua alma impoluta (1), nem José continue limpo do infamante labéu de acobertador de um adultério.

Quem endosse doutrina contrária, não o faz de má-fé, por teimosia ou espírito de contradição. Apenas não pôde ou não quis abdicar do primeiro raciocínio. Ficou satisfeito com o que as suas idéias abortaram prematuramente. Não se pode exigir da natureza que dê saltos, nem que o homem mude rapidamente de pensar como quem muda de camisa. A luz há de iluminar a todos, ou Deus não seria justo.

Tratando-se de médiuns — e todos nós o somos — disse Imperátor: "O homem deve ficar completamente emancipado das idéias preconcebidas? De modo algum. Não é assim que operamos, pois apagando tudo, aventurar-nos-íamos a deixar o cérebro vazio e teríamos destruído sem poder criar. Tomamos as opiniões já existentes, mas esforçamo-nos por influenciá-las e apropriá-las à verdade." (*Ensinos Espiritualistas*, de W. Stainton Moses, 3.ª edição, 1959, FEB.)

É para os que estão chegando que estas linhas são dirigidas.

---

(1) Santo Ambrósio escreveu: Maria — tronco liso e radiante em que nunca será encontrado o nó do pecado original, nem a sombra do pecado venial.

Muitos dos jovens estudantes do Espiritismo não tiveram quem lhe pusesse diante dos olhos a documentação do problema da natureza de Jesus. Foram às centenas os que se dirigiram ao autor deste trabalho, pedindo-lhe esclarecimentos para a controvertida questão. Expostos os argumentos sem que periclitasse a honestidade dos pais *espirituais* de Jesus, ninguém deixou de aceitar sem repulsa as mesmas razões psicocientíficas com que esgotarei aqui o magno assunto.

Talvez mesmo que alguns dos que militam e se rojam pelo caminho onde tudo é carne, essa carne tão cobiçada pelos corvos, resolvam *espiritualizar-se* para verem o Redentor irradiando durante o seu apostolado, como após a sua libertação do singelo invólucro tangível.

O de que se faz mister, o que se impõe à inteligência, é a abominação da matéria para solver o caso, pois que a matéria é mero instrumento de necessidade para o homem carne, para o homem vicioso, para o homem claudicador, para o homem blasfemo — e Jesus não foi nada disso, porque era Perfeito, porque era Puro, porque não estava mais sujeito a leis materiais.

Para raciocinar através da matéria não valeria a pena adotar uma doutrina, que tem por base o Espírito. Seria preferível e de menor responsabilidade ficar no Materialismo. Assim ao menos não seria infamado o nome de Jesus nem o dos seus pais adotivos.

Depois do que foi exposto nos Evangelhos sobre a incontestável superioridade moral de Jesus e de haver

Ele dito: "Eu e o Pai somos a mesma coisa" (1), parecerá impertinência insistir em dizer que, tendo o Enviado Celeste atingido o máximo da escala da perfeição, ficara *ipso facto* emancipado de voltar à Terra a fim de realizar, por meio da reencarnação, aquilo que somente é exigível dos seres que continuam nas devesas da imperfeição.

É do mestre Kardec as seguintes considerações referentes aos Espíritos puros, segundo a divisão por ele habilmente organizada após as instruções recebidas do Alto no tocante às situações em que se encontram os prisioneiros deste globo:

"PRIMEIRA CLASSE — Espíritos puros: Caracteres Gerais — *Nenhuma influência da matéria sobre o Espírito*. Superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos das outras ordens.

"PRIMEIRA CLASSE — Classe única: Percorreram todos os graus da escala e *despojaram-se de todas as impurezas da matéria*. Tendo alcançado a perfeição de que é suscetível a criatura, *já não estão sujeitos a provas nem a expiações*, e, *livres da reencarnação* em corpos perecíveis, vivem da vida eterna no seio de Deus.

"Gozam duma ventura inalterável, porque não mais estão sujeitos às NECESSIDADES E VICISSITUDES DA VIDA MATERIAL. *São os mensageiros e os ministros de Deus*, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal. Imperam sobre todos os Espíritos que lhes são infe-

---

(1) João, cap. X, v. 30.

riores. São conhecidos às vezes por anjos, arcanjos ou serafins." (*O Livro dos Espíritos*, n.ºˢ 112 e 113.)

Logo adiante respondem os Espíritos ao mesmo consulente, confirmando-lhe o que ficou dito por ele mesmo:

"P. — Como é que a alma que não atingiu a perfeição durante a vida corporal, pode acabar de purificar-se?

R. — *Sujeitando-se à prova de nova existência.* (Ob. cit., n.º 166.)

"P. — Qual o fim da reencarnação?

R. — A *Expiação*, o melhoramento progressivo da humanidade; sem isso, onde estaria a justiça?" (Ob. cit., n.º 167.)

Edificado por estas instruções, o codificador do Espiritismo, em sua obra *A Gênese*, confirma a lição dizendo:

"A encarnação não é normalmente uma punição para o Espírito, como alguns o supuseram, mas uma condição *inerente à inferioridade do Espírito e um meio de progredir.*" (Cap. XI, n.º 26.)

É também do mestre esta única verdade:

"A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual pela atividade obrigatória do trabalho; ao progresso moral pela necessidade recíproca dos homens entre si." (*O Céu e o Inferno*, 1.ª Parte, cap. III, n.º 8.)

Isto posto, chega-se à conclusão de que Jesus não poderia ficar sujeito a uma *prova* nem muito menos a

uma *expiação*, sob pena de periclitar a justiça do Criador, forçando-o a uma penalidade, a um sacrifício de que Ele não era merecedor, nem havia provocado. Do que resulta que o Divino Mestre, para descer a esta abafeira, fê-lo sem necessidade de se revestir de um envoltório carnal, no sentido em que conhecemos essa mortalha, mas simplesmente atraindo, com os seus poderes magnéticos, condensando-os, os fluidos dispersos no éter, os *ions*, conforme a Ciência os classifica atualmente, de maneira a se tornar visível e palpável, como após a sua Ressurreição o fez perante seus discípulos e a Tomé, testemunhando a possibilidade de *viver materialmente*, independente do invólucro de carne e osso.

Quando o mestre perguntou:

"O envoltório semimaterial do Espírito afeta formas determinadas e suscetíveis de serem percebidas?" Responderam-lhe:

"Sim; a *forma que o Espírito quer*, e é assim que o vedes às vezes em sonhos ou no estado de vigília, podendo tornar-se visível e *palpável*." (*O Livro dos Espíritos*, n.º 95.)

É ainda do mestre Kardec no capítulo "Manifestações Visuais", n.º 16 das *Obras Póstumas*, as seguintes judiciosas considerações:

"Por sua natureza, e no estado normal, o perispírito é invisível e por este lado se confunde com uma multidão de fluidos, que sabemos existirem, conquanto não possamos vê-los; entretanto, ele pode, como certos fluidos, sofrer modificações que o tornem *perceptível à vista*, quer

seja por uma espécie de condensação, quer por uma alteração na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um *corpo sólido e tangível*, sem deixar a propriedade de voltar instantaneamente ao seu primitivo estado etéreo e invisível."

Era o que Jesus realizava nas suas repetidas voltas após a sua desmaterialização completa, logo depois do sacrifício a que se impusera a prol da salvação de seus irmãos, aparecendo durante algum tempo *visível e tangível*, como o reconhece Kardec no período transcrito.

Eis aqui outro ensino proveniente do plano invisível:

"*Jesus revestira um corpo análogo aos dos mundos superiores, não obstante mais material pela combinação dos fluidos ambientes. Esse corpo tinha, portanto, as mesmas propriedades, os mesmos meios de vida e nutrição que os corpos dos Espíritos superiores.*

"*As necessidades e precisões da vida e da nutrição materiais, a que estão sujeitos os vossos corpos materiais, humanos, desaparecem quando o Espírito purificado se submete à encarnação,* ou, para bem dizer, à *incorporação fluídica nos mundos superiores* (1). Então as necessidades e os meios de vida e nutrição correspondem ao centro em que o Espírito se acha, revestido como é de um *corpo de natureza perispirítica*. Tal corpo haure os elementos de vida e nutrição nos fluidos ambientes que lhes são próprios e necessários, os quais assimila e que lhes bastam ao sus-

---

(1) O mesmo que Kardec disse quanto à Primeira Classe de Espíritos, em **O Livro dos Espíritos**.

tento dos seus princípios constituintes. *Essa assimilação se opera em virtude de leis que ainda não podeis conhecer nem compreender.*"

Foi um absurdo o que aqui está transcrito de Roustaing? Não, porque é de Kardec o seguinte: "*Habituados, como estamos, a julgar as coisas pelo nosso pequeno mundo, julgamos que a natureza só podia e devia atuar sobre os outros mundos segundo as regras e condições estabelecidas neste planeta. Ora, é justamente nesse ponto que devemos reformar o nosso juízo.*" (*A Gênese*, "Uranografia Geral", trecho de uma série de ditados obtidos na Sociedade Espírita de Paris, em 1862 e 1863, assinados por Galileu.)

Agora fale Santo Agostinho, um dos instrutores do mestre do Espiritismo:

"A qualificação de mundos inferiores e de mundos superiores é mais relativa que absoluta.

"Entre os graus inferiores e os mais elevados há inúmeras escalas, sendo difícil reconhecer no meio dos Espíritos puros, já desmaterializados e resplendentes de glória, aqueles que animaram os primitivos seres, tal como no homem adulto é penoso descobrir o embrião.

"Nos mundos chegados a um grau superior, as condições da vida moral e material são muito outras, tal como na Terra. *A forma do corpo é sempre, como em toda parte, a humana*, mas *embelezada, aperfeiçoada* e SOBRETUDO *purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre, e não está, por conseguinte, sujeito nem às ne-*

cessidades, nem às moléstias ou estragos gerados pelo predomínio da matéria. Os sentidos, mais sutis, têm percepções que aí são abafados pela grosseria dos órgãos. A leveza específica dos corpos torna a locomoção rápida e fácil. (1)

"Em vez de se arrastar penosamente sobre o solo, o homem desliza por assim dizer à superfície, ou paira na atmosfera, sem outro esforço além do da sua vontade, *à maneira como se representam os anjos, ou como os antepassados figuravam os manes nos Campos Elíseos.* Os homens conservam à sua vontade os traços das migrações passadas e aparecem aos seus amigos tais como eram conhecidos, mas iluminados de uma luz divina, transfigurados por impressões interiores, sempre elevadas. Em lugar de pálidos semblantes, devastados pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida irradiam com esse fulgor que os pintores traduzem pelo nimbo, ou auréola dos santos." (*O Evangelho segundo o Espiritismo.*)

E a surpreendente mensagem de Santo Agostinho prossegue nesse diapasão a demonstrar clarividentemente que, se Espíritos naturalmente muitíssimo inferiores a Jesus, gozam de tais predicados, ao entrarem em planetas superiores, o mais Alto expoente da vida no Além poderia demonstrar entre nós um desses modelos da natureza, sem violação das leis cósmicas, as mesmíssimas reguladoras nesses planos.

---

(1) Vem daí a explicação porque Jesus andava sobre a água com o corpo espiritual.

A confirmação literal destes conceitos, formulados dentro do ensino dos Espíritos superiores, foi cabalmente expedida pelo insigne mestre da Doutrina em uma passagem das *Obras Póstumas*, nesta síntese:

"Os Espíritos superiores têm figura bela, nobre e serena. Os mais inferiores têm alguma coisa de feroz e bestial, e algumas vezes ainda trazem os sinais dos crimes e castigos que sofreram."

"O Espírito que quer ou pode aparecer, reveste algumas vezes forma mais clara. *Toma as aparências de um corpo sólido a ponto de produzir perfeita ilusão, fazendo crer que é um ser corpóreo.*" ("Manifestações Visuais", n.os 18 e 19.)

Se qualquer Espírito, como o de Katie King, Ester, Miguel Ruiz, Mary, de que já me ocupei linhas atrás para documentar os fatos, pode realizar à vontade o fenômeno da aparição tangível, com um corpo perfeitamente idêntico ao que tiveram em vida, como recusar ao mais perfeito Espírito descido à Terra a faculdade de fazê-lo, dotado como incontestavelmente o era, de poderes mais vastos, de conhecimentos mais profundos e transcendentes, vedados a outros seres em virtude da sua imensa inferioridade nos domínios da perfeição?

Ele, de quem disseram os Espíritos ser o tipo mais perfeito que Deus nos deu, ao responderem à seguinte consulta de Kardec:

P. — Qual o tipo mais perfeito que Deus tem dado ao homem para lhe servir de guia e modelo?

R. — Vede-o em Jesus. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 625.)

Ele, repito, teria naturalmente o sumo poder de atrair, com singular mestria, os fluidos condensadores dispersos no ambiente onde operava, ou mais provavelmente buscando-os em atmosfera distante (de vez que a nossa é impura e lhe era imprópria), os átomos rarefeitos com que estabeleceria o envoltório anexo ao seu perispírito quintessenciado, e dessarte dar-nos, como deu, a impressão objetiva da sua forma corpórea pelas razões expostas pelo próprio mestre linhas atrás.

Pois que — diz o bem orientado confrade M. Quintão, em seu opúsculo *O Cristo de Deus*, a páginas 23 — "se há mundos em que a arquigonia é um fato, segundo nos dizem os Espíritos, mundos onde a co-materialidade se faz por meio de atração psíquica ou fluídica, por que duvidar que um Cristo, um discípulo da Escola Universal, conhecedor — aqui é bem o caso da qualificação — do Pensamento Divino, possa revestir uma indumentária apropriada ao plano que visita, fora de leis conhecidas dos íncolas desse plano, mas dentro das leis universais?"

"Conhece o homem todas as leis universais? — continua o erudito confrade — conhecerá mesmo todas as leis do que ele chama enfaticamente — a Natureza?"

Responda por nós uma das mais eminentes personalidades que, do invisível, nos enriqueceram com excelentes lições — Imperator, ao qual já me tenho referido com a veneração de que é digno este instrutor:

"A encarnação de um Espírito sublime com o fim de regenerar a Humanidade, não se limita a um só exemplo. O auxílio que a Humanidade obtém por esses salvadores particulares, é o de que ela tem necessidade no momento em que aparecem. Essas encarnações especiais, *sobre as quais sereis mais tarde melhor instruídos, diferem até um certo ponto das dos outros homens.* Os corpos dos homens pertencem a todos os guias, uns grosseiros e sensuais, outros purificados e etéreos. *O corpo humano de Jesus era de natureza mais etérea, mais perfeita. Jesus tinha sido preparado durante trinta anos de retiro para os três anos de trabalho ativo que Ele devia realizar.*" (*Ensinos Espiritualistas*, págs. 339 e 340.) Para os "três anos", entenda-se.

Esta noção, por assim dizer inédita, não parece estar em desacordo com o que nos dão os inspiradores de Allan Kardec, assim como não choca a razão de quem está sem ânimo preconcebido contra a forma imaterial de Jesus, quero dizer: sem a desnecessária forma grosseira do corpo gerado da aproximação dos sexos.

São ainda de Kardec estes conceitos sobre os fluidos e as suas modalidades, por enquanto desconhecidas:

"A qualificação de fluidos espirituais não é rigorosamente exata, pois que, em definitiva, o fluido é sempre matéria mais ou menos quintessenciada. Nada é realmente espiritual senão a alma ou princípio inteligente. São assim designados por comparação, e em virtude, sobretudo, da sua afinidade com o Espírito; pode, por isso.

dizer-se que é matéria do mundo espiritual, os chamados fluidos espirituais.

"De resto, *quem conhece a constituição íntima da matéria tangível? Talvez não seja ela composta senão para os nossos sentidos*; e o que o prova é a facilidade com que ela é atravessada pelos fluidos espirituais e pelos Espíritos, a quem não apresenta mais obstáculos do que, à luz, apresentam os corpos transparentes.

"A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico universal etéreo, deve poder, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gás impalpável. *A solidificação da matéria não é na realidade senão um estado transitório do fluido universal, que pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessem de existir.* (O grifo aqui é do escritor.)

"Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazê-lo supor. *Não possuímos ainda senão as primeiras balizas do mundo espiritual, mas o futuro reserva-nos, sem dúvida, o conhecimento de novas leis, que nos permitirão compreender aquilo que ainda é para nós um mistério.* (*A Gênese*, cap. XIV, n.os 5 e 6.)

Compreende-se que neste estudo o mestre referia-se mais especialmente à condensação dos fluidos nas manifestações da matéria posta ao serviço de objetos tangíveis,

mas seria inadmissível que os Espíritos tivessem o poder de produzir a materialização de um objeto e não tivessem o dom de empregá-la na sua própria pessoa quando quisessem tornar-se visíveis e palpáveis. Seria uma ofensa ao mestre, como a qualquer pessoa dotada de bom senso, supor que os casos fossem diversos, e para ambos não regulasse a mesma lei, apenas com as adaptações ao perispírito.

Vamos buscar, sempre que possível, na própria literatura do missionário da codificação espírita os argumentos de que é mister para verificar a legítima corporeidade de Jesus. Acha ele nada impossível o desaparecimento do corpo fluídico do Divino Mestre, assim expendendo, honestamente, a sua mais que autorizada opinião:

"O desaparecimento do corpo de Jesus depois da sua morte foi objeto de numerosos comentários; ele é atestado nos quatro Evangelhos pela narração das mulheres que se apresentaram no sepulcro ao terceiro dia e não o encontraram aí. Uns viram nesse desaparecimento um fato maravilhoso, outros supuseram-no um roubo clandestino. Segundo outra opinião, Jesus não se revestiu de um corpo carnal, porém somente de um corpo fluídico; não fora, durante a sua vida, senão uma aparição tangível, espécie de agênere. O seu nascimento, morte e todos os atos materiais de sua vida, não passaram de uma aparência. É assim — diz-se — que o seu corpo, voltando ao estado fluídico, pôde desaparecer do sepulcro, e foi com esse corpo que ele se apresentou depois da morte.

"Sem dúvida, fato semelhante *não é radicalmente impossível, segundo o que se sabe hoje sobre as propriedades dos fluidos*, mas seria pelo menos inteiramente excepcional e em oposição formal ao caráter dos agêneres (1). A questão está, pois, em saber-se se tal hipótese é admissível, se é confirmada ou contrariada pelos fatos." (*A Gênese*, cap. XV, n.º 64.)

Entra o mestre logo depois a discutir a diferença notada entre os fatos da vida de Jesus e a sua encarnação, que ele mesmo acha *um mistério*, parecendo-lhe inequívocos os caracteres da corporeidade, para ele diversos de quando o Mestre se libertou. Acha que as propriedades inerentes à matéria diferem da dos fluidos etéreos e oferece argumentos que me parecem em contradição com o que antes expendera quando se referiu ao nosso desconhecimento sobre as leis regentes desses mesmos fluidos. (*A Gênese*, cap. XIV, n.º 6.)

Pouco antes também ele perguntava: "Quem conhece a constituição da matéria tangível? Talvez não seja

---

(1) Não sei a que bordão se arrimou o mestre para notar diferença formal entre o caráter dos agêneres e Jesus. Agêneres se denominam os fantasmas vaporosos de fugitiva aparição, porém o de Katie King demorou durante duas horas nas experiências de William Crookes; os de Mary, Miguel, Constantino e Guilherme dançaram por algum tempo com as pessoas presentes às sessões, em Costa Rica, e nas experiências do confrade Eurípedes Prado as aparições obrigavam os trabalhos a se prolongarem até tarde da noite. Só Jesus é que não podia permanecer durante três anos mantendo-se visível, sem levar em conta que, durante as noites, certamente, enquanto os discípulos repousavam, Ele dava a vida, para reassumi-la, tão logo retornasse a se encontrar com aqueles? No entanto, esse mandamento houvera recebido do Pai, afirmou Ele pela boca de João.

ela *composta senão para os nossos sentidos*" — o que está em antagonismo com o que escreveu depois.

Também nas *Obras Póstumas*, assim se exprime Kardec:

"O que devia ser humano em Jesus era o corpo, a parte material, e, sob este ponto de vista, compreende-se que ele tenha *sofrido como homem*. O que devia ser divino nele era a alma, o Espírito, o pensamento, em uma palavra, a parte espiritual do seu ser. Se Ele sentia e *sofria como homem*, devia falar e pensar como Deus." ("Estudo sobre a natureza do Cristo", item V — Dupla natureza de Jesus.)

Aqui não houve coerência do mestre com o que em outro passo manifestou sobre ser a *alma que sofre, não o corpo do homem*. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 257.) E os Espíritos já lhe haviam isso ensinado no n.º 249 da mesma obra.

Assim, verificamos haver o mestre perdido aquela linha de admirável critério e harmonia doutrinal com que nos oferece o mais soberbo modelo de bom senso em toda a sua obra. Mas, se até Homero cochilou... *Quandoque bonus dormitat Homerus...*

Isso porém, felizmente, não implica a sua condenação ao que depois foi largamente constatado nas materializações dos Espíritos e nas experiências de gabinete, acerca das quais o próprio sucessor de Kardec na *Revue Spirite*, Sr. Leymarie, assim se exprimiu em outubro de 1883 em relação às elucidações trazidas por J.-B. Roustaing em *Os Quatro Evangelhos*:

"Os discípulos de Allan Kardec, sem nada prejulgar a tal respeito, deixando a cada um o cuidado de apreciar, *estão, não obstante, convencidos* de que esse lógico e emérito mestre *saberia tirar proveito mais racional, mais avançado* da Revelação que lhe foi especialmente feita, se tivesse tido à mão as experiências decisivas dos sábios de todas as ordens, tais como Wallace, Zoëllner, Crookes, com Katie King, e outros médiuns, que lhes forneceriam provas da materialização quase instantânea de Espíritos.

"Allan Kardec não possuía então, para essa demonstração, senão bases inteiramente *hipotéticas*, não se tendo produzido ainda fenômenos de materialização e tangibilidade sob os aspectos que a Ciência tem logrado abranger depois da morte material do mestre."

Vem a propósito neste passo a referência especial à obra de Roustaing — *Os Quatro Evangelhos*, explicados em Espírito e Verdade pelos mesmos Apóstolos, e dos quais já extraí alguns trechos linhas atrás. Trata-se de um longo e exaustivo trabalho de inspiração e exposição doutrinária, obtido em França por meio da faculdade mediúnica da Sra. Collignon, sob a direção do advogado Jean-Baptiste Roustaing, que naturalmente, por extensivo e seqüente período, reuniu os subsídios de completa explanação das narrativas dos quatro evangelistas, o inteligente cuidado metódico de englobar os versículos dos diversos autores para dar-lhes idêntica interpretação mais conforme, porém, com o *espírito do pensamento inicial*, que não à maneira segundo a escolástica, escravizada às

idéias materiais, concebia os atos e fatos que se conjugam com a vida exercida por Jesus no plano espiritual. (1)

Esse esforço almejava esclarecer o homem moderno, libertado do dogmatismo reinante, sobre as idéias preconceituadas e do seu mesmo atraso mental e moral, prejuízos com que deturpou e até aviltou o legítimo sen-

---

(1) A um confrade que o consultou sobre o mérito desta obra, assim respondeu o saudoso Bezerra de Menezes pela **Gazeta de Notícias** de 22 de abril de 1897:

"Allan Kardec, Espírito preposto por Jesus para reunir em um corpo de doutrina ensinos confiados, pelo mesmo Jesus, ao Espírito de Verdade, constituído por uma legião de Altíssimos Espíritos, só apanhou o que estes deram, e estes só deram o que era compatível com a compreensão atual do homem terreno.

"Mas, o homem não cessa de desenvolver a sua faculdade compreensiva, e os principais fundamentos da Revelação Espírita, compreendidos nas obras fundamentais de Allan Kardec, tendem constantemente a se alargar em extensão e compreensão, como ele mesmo veio alargar os princípios fundamentais do ensino ou Revelação messiânica, tal como esta veio alargar os da Revelação moisaica.

"A Allan Kardec sobrevivem outros missionários da verdade eterna que, sem destruir a obra feita, porque esta é firmada na lei e a lei é imutável, darão mais luz para mais largo conhecimento das faces mais obscuras daquela verdade.

"Eis aí que já apareceu Roustaing, o mais moderno missionário da lei, que em muitos pontos vai além de Allan Kardec, porque é inspirado como este, mas teve por missão dizer o que este não o podia, em razão do atraso da humanidade.

"Não divergem no que é essencial, mas sim nos modos de compreender a verdade, porque esta, sendo absoluta, nos aparece sob mil fases relativas ao nosso grau de adiantamento intelectual e moral, que um não pode dispensar o outro, como as asas de um pássaro não se podem dispensar, para o fim de ele se elevar às alturas.

"Roustaing confirma o que ensina Allan Kardec, porém adianta mais que este, pela razão que já foi exposta acima.

"É, pois, um livro precioso e sagrado o de Roustaing; mas o autor, não possuindo, como homem, a vantagem que faz sobressair o trabalho de Kardec, na clareza e concisão, torna-o bem pouco acessível às inteligências de certo grau para baixo.

"Seria obra de meritório valor dar à sua exposição de princípios relevantíssimos a concisão e a clareza que sobram no mestre e que lhe faltam sensivelmente."

tido do pensamento de Jesus, e que deu lugar e ainda dá aos cismas da Igreja, do Protestantismo e infelizmente entre nós a um injustificado dissídio de opiniões, defensável apenas por uma suposta antilogia entre a palavra do codificador da Doutrina Espírita e os emissários do Alto junto a Roustaing — antilogia no entanto inexistente pelo que acabei de me esforçar em destruir com as citações e explanações de textos históricos e legados escritos, que representam no caso uma extensa e fecunda sementeira.

Restava, para aceitação incondicional destas novas revelações a concordância universal de que sempre e justificadamente fazia questão fechada o mestre Kardec, antes de incorporar algum ensino insólito, indemonstrável nos casos generalizados; mas quem se apresentou a Roustaing foram — diziam-lhe — os mesmos quatro autores dos Evangelhos. Ora, tudo quanto nesses ditados, embora isolados, foram confirmados, em nada colide com o que antes houvera Kardec recebido sob a inspiração de Sócrates, Platão, Santo Agostinho, São Luís, Erasto e outros luminares do mundo invisível e visto como é do próprio codificador a norma e a lição de que a árvore má não pode dar bom fruto, com isso abroquelado ao que também Jesus ensinara, tem-se como corolário que o livro de Roustaing pode ser considerado verdadeiro repositório da mais perfeita moral evangélica — doce fruto apropriado a alimentar simultaneamente o espírito e o coração.

Assim o entendeu Kardec quando escreveu na *Revue Spirite* em 1861 que na obra daquele trabalhador

não via nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do perispírito, em outra passagem achando que ela em nada era contrária no ponto de vista moral.

Todavia — e é doloroso verificar-se — há uma decisiva guerra travada mais do plano invisível, pelo Espírito das trevas, do que propriamente entre os encarnados, que, esquecidos da vigilância e da oração, aconselhadas pelo Divino Mestre, se deixam passivamente subjugar à escravização da sua consciência, repelindo, sem mais exame, um postulado incontestável, qual é o da corporeidade fluídica de Jesus e da sua aparição em Espírito materializado, sem o que cometeríamos a grave ofensa, senão a blasfêmia de o desmentir quando disse que "entre os *nascidos de mulher* não se levantara outro maior do que João Batista, mas o que era menor no reino dos céus era maior do que ele". (Mateus, cap. XI, v. 11.)

Mas não é somente essa a blasfêmia, é também um insulto à virgindade de Maria, à sua castidade e pureza impoluta, uma vez que entre nós outros é por assim dizer dogmática a convicção da sua pulcritude, da sua honestidade e da sua congênita emancipação da luxúria, como de todas as coisas materiais.

Como conciliar esse conceito difamador com a gestação em seu ventre de *bendita entre as mulheres*, concebendo um corpo que obedecesse rigorosamente às leis biológicas da fecundação, leis iguais às que regem a vida anatômica do caraíba ou do hotentote? Como gerar um filho sem o imprescritível contacto carnal, se José era

valetudinário, inapto para obedecer às reclamações do sexo viril e aos chamados direitos maritais? (1) Como, se ele mesmo abafando as angústias da alma afligida e oprimindo no seio a vergonha e o escândalo em ver a sua honesta esposa oferecer-lhe um fruto que se denunciava no ventre intumescido, resolveu, para não a difamar, deixá-la secretamente, e o faria se não fora o anjo em sonhos desviar-lhe o pensamento com a revelação de que o que se operara na mulher era obra do Espírito Santo? Como, se diz Mateus: "E José não conheceu sua mulher"? (Cap. I, v. 25.)

É fora de dúvida que nem todos estão em condições de penetrar qualquer ensinamento superior com a mesma inteligência e acuidade, senão vejamos o que nos dizem do Alto sobre a deficiência da nossa linguagem, que é sem contestação o nível da nossa incapacidade mental:

"A vossa linguagem é muito incompleta para exprimir o que está fora do vosso alcance; tornou-se, pois, necessário recorrer a comparações, e são essas imagens e figuras o que haveis tomado pela realidade; à medida, porém, que o homem se esclarece, o seu pensamento compreende as coisas que a linguagem não pode exprimir." (*O Livro dos Espíritos*, n.º 966.)

---

(1) S. Jerônimo (Eusebius Hieronymus) a quem se deve a tradução latina da Bíblia, chamada **Vulgata**, considerou que José era não só um velho decrépito, mas até devotado a uma virgindade constante, não tendo tido nunca relações conjugais, para assim corresponder ao ideal de pureza exigido àquele que devia ser o companheiro da mãe de Jesus. (**História Eclesiástica.**)

Eis o mesmo problema esclarecido e confirmado por Imperator:

"Só podemos conviver em união íntima com um Espírito no mesmo nosso nível mental e progressivo. Na verdade, qualquer outra união *ser-nos-ia impossível.*" (*Ensinos Espiritualistas*, pág. 100.)

E logo adiante:

"Já falamos das leis de progresso e de associações — leis que são imutáveis. O que hoje vos parece bom, rejeitareis com o corpo. O vosso estado atual pinta os vossos intuitos de uma cor particular. Somos obrigados a nos servir de alegorias e a empregar a vossa fraseologia para explicar muitas coisas; por isso não vos deveis apoiar muito sobre a *significação literal* das palavras que empregamos para descrever o que, existindo apenas para nós, acha o seu contraste nesse mundo, excede aos vossos conhecimentos presentes e, em linguagem terrestre, só pode ser descrito aproximadamente." (Ob. cit., pág. 101.)

Outra variante do mesmo problema:

"Os Espíritos que se comunicam são forçados a empregar os materiais fornecidos pela inteligência do médium a quem eles preparam para que sirvam aos seus desígnios, apagando erros, inspirando novas exposições sobre a verdade. A pureza da comunicação depende da passividade do médium e das condições nas quais a comunicação é dada." (Ob. cit., pág. 127.)

Está ao alcance de qualquer pessoa rudimentarmente instruída a deficiência das nossas faculdades para pe-

netrar os sutis arcanos das coisas imponderáveis, incógnitas, invisíveis a que se convencionou chamar mistérios. Os próprios nossos míseros cinco sentidos por vezes nos atraiçoam, e é com essa bagagem exígua que temos que nos haver para as viagens pelo infinito do mistério.

Acresce que a brutalidade da matéria nos embaraça e atrofia na inquietação pelos vôos através do que lá vai pelos horizontes infinitos de um mundo apenas idealizado pela imaginação criadora, escravizada à fantasia e à materialização daquilo mesmo que talvez não passe de vaporosas ondulações da vida exterior.

Vem daí a razão por que o esclarecido Espírito de Imperator incide nos esclarecimentos do assunto por estes termos:

"Comunicando ao vosso plano mental idéias que lhe parecem inconcebíveis, somos obrigados a empregar expressões tomadas à vossa ordem de pensamento. Cometemos freqüentemente faltas aplicando mal os termos que são às vezes deficientes para exprimir o que queremos dizer." (Ob. cit., pág. 130.)

Seja agora o próprio Mestre Divino quem nos fale com a sua autoridade suprema — motivo por que deixei para encerrar o torneio este ensinamento contido no Evangelho de João:

"Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer, mas vós *não as podeis suportar agora.*" (Cap. XVI, v. 12.)

Noutras passagens acrescentava que falava por parábolas para não ser entendido, parecendo que o muito

falar poderia degenerar em confusão, quiçá em embaraço ao seu programa de ação.

Por aqui se pode prejulgar da teimosia em se querer descobrir aquilo que nunca esteve na organização do Divino Mestre, ora julgando-o um produto vil da gestação fisiológica, ora atribuindo a Maria Santíssima o vilipendioso papel de messalina, com forçá-la a fecundar e dar à luz um filho que não fora obra de seu esposo, parecendo implicitamente que a Virgem claudicou dos seus deveres e faliu como as mais desprezíveis barregãs, dessarte incidindo no apedrejamento da lei moisaica. (1)

Ela, sublime na sua generosidade, há de perdoar aos seus gratuitos insultadores, parodiando o que o amado Filho proferiu do alto da cruz: "Perdoa-lhes, Pai, porque eles não sabem o que dizem."

No que ensinou Imperator se depreende que, se a inteligência do médium não está trabalhada para o recebimento de mensagens claras, em falta de material no cérebro por enquanto inculto do homem bisonho, também por igual a inteligência de quem lê, pensa, escreve e discute não pode receber com clarividência as inspirações do seu guia, e assim nunca pode estar seguro de opinar

(1) Se um homem dormir com a mulher de outro, morrerão ambos, isto é, o adúltero e a adúltera. Se um homem se tiver desposado, com uma virgem moça e achando-a alguém na cidade e a deflorar, trarás um e outro à porta daquela cidade e serão apedrejados, a moça porque não gritou, estando na cidade; o homem porque abusou da noiva de seu próximo. (**Deuteronômio**, cap. XXII, vv. 23 e 24.)

O bastardo, isto é, o que nasceu de mulher pública, não entrará na congregação do Senhor até à décima geração. (**Deuteronômio**, cap. XXIII, v. 2.)

em definitivo sobre pontos acerca dos quais convém o maior e mais aprofundado exame, nunca confiando no que se lhe afigura ser a última expressão da verdade, até ao ponto em que ela lhe entra pela estreita porta do seu tugúrio.

"Aprendereis mais tarde — continua Imperator — que a revelação nunca cessa, e é progressiva, sem horas nem limites. Não pertence a nenhum povo nem a pessoa alguma. Deus se revela gradualmente à Humanidade." (Ob. cit., pág. 118.)

Noutra passagem da sua importante obra, Imperator usa de uma rude franqueza que, longe de nos magoar, deve ser recebida como um leal testemunho da nossa inferioridade diante dos mestres invisíveis. Assim se pronuncia o eminente instrutor:

"Só podemos ser ouvidos por pequeno número de homens mais adiantados em conhecimentos. A pretensiosa ignorância tem-se insurgido sempre contra o progresso, na persuasão de que os seus conhecimentos velhos e antiquados são suficientes. A mesma horda assaltou Jesus." (Ob. cit., pág. 140.)

Paulo é porventura mais decisivo na desenvoltura do palavreado, dizendo de rijo aos coríntios:

"Mas o *homem animal* não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus, porque lhe parecem uma estultícia, e não as pode entender, porquanto elas se ponderam *espiritualmente*." (1.ª Epístola aos Coríntios, capítulo II, v. 14).

Vem a talho de foice outra referência, que é a seguinte:

Quando depois da morte de Jesus, vieram os príncipes dos sacerdotes e os fariseus dizendo a Pilatos: "Senhor, lembramo-nos de que aquele *embusteiro*, vivendo ainda, disse: Eu hei de ressurgir depois de três dias. Dá logo ordem que se guarde o sepulcro até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos e o furtem e digam à plebe: Ressurgiu dos mortos; e desta sorte virá o último *embuste* a ser pior do que o primeiro." (Mateus, cap. XXVII, vv. 63 e 64.)

Ora, não tem faltado quem já dissesse que, se Jesus não teve um corpo para *sofrer*, seria um embusteiro, renovando-se entre nós o número dos sacerdotes e fariseus da sua época. E o que é para lamentar e nos deixar confusos e entristecidos pela incoerência é encontrar a mesma investida partida daquele que afirmara não ser o corpo, mas sim a alma quem sofria. Parece incrível serem de Kardec as seguintes considerações:

"Em conseqüência das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e dores físicas, que se repercutem no corpo sensitivo ou Espírito. *Não é o corpo que sofre: é o Espírito que recebe a repercussão das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Em um corpo privado de Espírito a sensação é absolutamente nula: pela mesma razão o Espírito que não tem corpo material não pode sentir os sofrimentos resultantes da alteração da matéria:* (até aqui muito bem; agora o desvio do mesmo

raciocínio). Donde é preciso igualmente concluir que, se Jesus *sofreu materialmente* (?), como não se pode duvidar (?), é porque ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de qualquer outra pessoa (!).

"Se Jesus estivesse durante a sua vida nas condições dos seres fluídicos, não teria *sentido a dor*, *nem nenhuma das necessidades corporais*; supor que assim foi, é tirar-lhe todo o mérito de vida de *privações e sofrimentos* que escolheu como exemplo de resignação. Se tudo nele só era aparente, todos os atos da sua vida, o anúncio reiterado da sua morte, a cena do Jardim das Oliveiras, a súplica a Deus para afastar de seus lábios o cálice, a sua paixão, tudo até ao seu último grito no momento de entregar o Espírito, não teria passado de um vão simulacro para enganar *quanto à sua natureza* e fazer crer, no sacrifício ilusório da sua vida, uma simples comédia indigna de qualquer homem de bem e com mais razão de um ser tão superior. Em uma palavra, Ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais são as conseqüências que não são admissíveis, porque isso seria rebaixá-lo moralmente em vez de elevá-lo.

"Esta idéia sobre a natureza do corpo de Jesus não é nova. No quarto século Apolinário, de Laodicéia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que Jesus não tivesse tomado um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que descera do céu no seio da santa virgem e não nascera dela; que por essa forma Jesus não havia nascido nem sofrido, e que só morrera em *aparência*. Os apolinaristas

foram anatematizados no concílio de Alexandria em 360, no de Roma em 371 e no de Constantinopla em 381." (1)

"Os *Docetas*, seita numerosa dos gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos, tinham a mesma crença." (*A Gênese*, cap. XV, vv. 65 a 67.)

Aproveito o caso em apreço para incluir aqui a opinião dos Franciscanos, que em 1870 afirmavam ser Jesus produto do *Espírito Santo* (sem a santidade nada a Igreja reconhece), na ocasião em que foi promulgado o dogma da imaculada Conceição, por influência do Papa Pio IX.

Nos conceitos acima, transcritos de *A Gênese*, onde o mestre Kardec externou a sua opinião sobre o papel de Jesus como homem carnal é que assentam os adversários do corpo fluídico a sua adesão aos postulados do codificador e neles se abroquelam para aceitar passivamente o que disse por sua conta o comentador à revelia dos seus instrutores, em cujo número figurava o elevado Espírito S. Luís, seu principal guia e orientador nos casos excepcionais. Teria o ex-Rei de França liberdade para o contestar se fosse invocada a sua intervenção no assunto? Por que não o consultou Kardec? Ou por que, não obstante, o referido guia deixou de intervir para que se não consumasse aquela profunda incoerência, que resulta das considerações do mestre e que qualquer estudante descobre nas linhas atrás?

Ninguém saberá respondê-lo com segurança. A incongruência ficou e se perpetua até nova rajada de luz,

---

(1) Basta a excomunhão de Roma para provar que estavam com a razão.

quando o mesmo Jesus, o prejudicado moral, assim o entender.

Porque, depois de haver dito o mestre: "*Não é o corpo que sofre*", parecendo-nos que era então a alma (a não julgar que se referisse ao perispírito — o que seria absurdo), no mesmíssimo artigo passa a dizer: "Se Jesus estivesse durante a vida nas condições dos seres fluídicos, não *teria sentido dor*, nem nenhuma das *necessidades corporais*."

Dor onde? Quais necessidades? A fome? A sede? A coberta contra o frio?

Entende o mestre que o contrário seria tirar-lhe o mérito da vida de *privações e sofrimentos*, que escolheu. Não me parece que Jesus padecesse privações e muito menos sofrimentos, porque nunca se queixou deles, nem os seus discípulos o mencionam. Nem que *escolhesse* essa vida, mas que lhe fosse cometida pelo Senhor em missão gloriosa, de vez que Ele não encontraria privações — o que equivaleria a sacrifício — e não houve sacrifício em quem viera decidido a dar a vida em holocausto pela felicidade de seus irmãos. A vingar essa opinião, as privações, o sacrifício pelo bem comum deixariam de ser nobres virtudes para serem um sacrifício.

Todos os demais atos de agonia moral feriram-lhe a alma generosa e sensível, isso sim, mas nunca o deslustraram nem lhe diminuíram o valor, o mérito e a grandeza da alma, que só essa é imortal, somente sobre ela caem as bênçãos do Senhor, e não sobre o corpo.

Quando Jesus regressou ao mundo das realidades e defrontou o Pai, certo não o ouviu perguntar-lhe: "Filho, que fizeste do teu corpo? que glórias o cobriram?" Mas indagou: "Que angústias morais empanaram o teu Espírito, que proveito obteve a tua alma alanceada? Padeceste resignado as ingratidões de teus irmãos?"

Assim pois, Jesus nunca nos enganou, como se depreende do que ficou dito, e se nos enganasse, não enganaria Aquele que o enviou, assim como também não nos salvaria, e isso era o essencial ao seu papel de Enviado e de Salvador.

Outra questão é a de conciliar a encarnação de Jesus, naturalmente no ventre da Virgem Maria (ou não foi gerado nela? em caso contrário, como foi?), e o período da perturbação a que ficam indistintamente sujeitas as almas que se vêem reencarnar e que só depois do nascimento começam a adquirir o instinto da vida, sem nenhuma consciência da sua posição no cenário da existência planetária. Ficaria Jesus submetido ao império da mesma lei, ou teve a excepcional clarividência para saber desde logo o que nós apenas sabemos depois de alguns anos de crescimento? Mesmo na hipótese da perturbação (ou não a teria dentro do ventre materno?), com quem ficaria o encargo de governar o planeta, desde que se diz ser Ele o seu governador? Teria Ele confiado a outrem a incumbência, como se passa entre nós quando nos afastamos do nosso negócio e entregamos as funções ao primeiro caixeiro?

Veja-se a que irrisória ilação chegamos quando pretendemos à viva força retirar da natureza do máximo

Apóstolo a principal qualidade que o engrandece e nobilita, qual a de não se nivelar ao homem ainda escravo da matéria, homem bestial, assim descrito por Kardec em *A Gênese*:

"No ponto de vista corporal e puramente anatômico, o homem pertence à classe dos mamíferos, da qual apenas difere pela forma exterior. No mais, tem a mesma composição química que todos os animais, os mesmos órgãos, as mesmas funções e modos de nutrição, respiração, secreção e reprodução, e pela morte o corpo se decompõe como o de tudo quanto vive. Não há na sua carne, no seu sangue, nos seus ossos um átomo diferente daqueles que se acham nos corpos dos animais. Como estes, ao morrer, restitui à terra o oxigênio, o hidrogênio, o carbono, o azoto, que se achavam combinados para o formar, e vão por novas combinações constituir novos corpos minerais, vegetais e animais."

Dessa argamassa foi feito Jesus, como querem alguns.

Venha-nos em socorro o Padre Alta, eminente professor da Sorbona, que assim traduziu do grego as Epístolas de Paulo e delas colheu estes ensinamentos:

"O homem Jesus não é senão uma manifestação desse Cristo que nele se fez carne (humanizou-se) *unindo-se de modo transcendente ao corpo*, à alma e ao espírito desse homem, *único entre todos os homens*, e quando Paulo diz: Cristo, com ou sem o artigo, como João diz *Logos*, o *Verbo*, seu pensamento, através do visível, vê o invisível e em Jesus adora este Primogênito divino, *an-*

terior a toda criatura e superior a todas as criaturas, mesmo as mais elevadas, que são sua obra, dele Cristo de Deus.

"Paulo, que se tornou cristão, por ter visto Jesus em Espírito e dEle ter recebido a Revelação, diz que Jesus, o Cristo, é a imagem da *Substância de Deus*, o Primogênito de Deus (o texto grego diz: a imagem de Deus invisível e o primeiro concebido de toda a criação) — o que não quer dizer que "este primeiro concebido" *seja idêntico fisiologicamente ao homem terrestre*.

"O Filho Primogênito de Deus, que nos céus superiores foi *criado antes da projeção do Cosmos*, é o Cristo, cabeça de vida de todos os Espíritos e que na Terra, no momento favorável, encarnou-se no homem Cristo para reconduzir novamente ao conhecimento e ao amor espiritual os Espíritos caídos ou engendrados na vida animal.

"O Filho Primogênito de Deus é preexistente ao homem Jesus."

Que iluminado Padre este, que assim nos exalta belamente a transcendente e original figura do Enviado Celeste, apontando a sua excelsa individualidade de maneira a fazer que nos envergonhemos de quem vê Jesus pelos óculos torvos da matéria!

A matéria, o corpo carnal. . .

Talvez ninguém reparasse num *milagre* inédito nos tempos correntes, e é que ninguém sabe onde Jesus mandava fazer a sua túnica inconsútil (sem costura) (João,

cap. XIX, v. 23), desafiando a habilidade dos nossos costureiros, incapazes de fazer nada que não seja emendado, cerzido, tendo ourelas e apanhados para esconder os fios sobressalentes e as suturas, ao passo que durante três anos Ele se arranja com o mesmo manto, sem o renovar, sem o mandar à lavadeira (1), com as mesmas alpercatas, sem chapéu, sem nada que o acobertasse contra as intempéries, sem leito nem casa para se abrigar, dizendo que "as raposas tinham covas e as aves tinham ninhos, mas o Filho do homem não tinha onde repousar a cabeça". (Mateus, cap. VIII, v. 20.)

Para acudir às necessidades e prover às privações, toda a gente dispõe de salários ou recursos em depósito, ao passo que o Divino Mestre nunca se soube onde buscar os elementos essenciais à sua manutenção, produzindo o milagre de multiplicar o efeito de cinco pães e dois peixes para saciar a fome de cinco mil pessoas, transformando em vinho a água no jantar das bodas de Caná, conseguindo, sem nenhum expediente aviltante, a posse de um jumento por ocasião de ir a Jerusalém, vindo ao seu encontro o animal desejado (2); não pagando passagem nas barcas em que se transportava de um a ou-

---

(1) Conforme a lei romana de **Conis damnatorium**, a **Pannicularia**, isto é, as vestes das vítimas pertenciam aos algozes, logo após a execução (**Digesto**, XXVII, v. 6). Vem daí a azáfama dos algozes de Jesus em disputarem aos pedaços a túnica do crucificado, já que nada mais possuía.

(2) Ide a Betânia, e, logo que entrardes nela, achareis um asninho preso em que ainda não montou homem algum. Soltai-o e trazei-mo. E se alguém vos perguntar o que fazeis, dizei-lhe que o Senhor tem necessidade dele, e logo o deixará vir. (Marcos, cap. XI, vv. 2 e 3.)

tro ponto aonde o levavam as suas predicações; obtendo de modo singular a sala onde se realizou a ceia pascal (1); viajando em longas jornadas sem que ninguém saiba como poderia Ele realizar tais excursões sem a moeda que tinha a efígie de César e que só lhe serviu uma única vez para confundir os herodianos (2); e de uma feita em que, estando em Cafarnaum, interpelando-o os discípulos sobre o pagamento do tributo das duas dracmas, o Mestre mandou a Pedro que fosse ao mar, lançasse o anzol e, do primeiro peixe que subisse, tirasse da boca um estáter para que pagasse o imposto por Ele e o dito pescador. (3)

De alimento prescindia, parecendo incrível que um homem de carne e osso não cuidasse de atender à lei da renovação dos átomos componentes dos tecidos fisiológicos, que a Ciência, tendo à frente Claude Bernard, exige de todos em prol da energia do sangue e dos nervos.

---

(1) Tanto que vós entrardes na cidade, sair-vos-á ao encontro um certo homem, que levará uma bilha de água. Ide seguindo-o até à casa em que entrar. E direis ao pai de família da casa, que o Mestre lhe manda perguntar onde está o aposento que lhe dá para nele comer a páscoa com seus discípulos. E ele vos mostrará uma grande sala toda ornada. (Lucas, cap. XXII, vv. 10 a 12.)

(2) É-nos permitido dar o tributo a César, ou não? Mostrai-me cá o dinheiro. De quem é a imagem e a inscrição? De César. Então pagai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. (Lucas, cap. XX, vv. 22 a 25.)

(3) E tendo vindo a Cafarnaum chegaram-se a Pedro os que cobravam o tributo das dracmas e disseram-lhe: Vosso Mestre não paga as duas dracmas? Ele lhes respondeu: paga. Vai ao mar e lança o anzol, e o primeiro peixe que subir toma-o. E abrindo-lhe a boca, acharás dentro um estáter. Tira-o, e dá-lhe por mim e por ti. (Mateus, cap. XVII, vv. 23 a 26.)

Entretanto, uma vez, quando a samaritana chamava os seus conterrâneos para ver o homem que lhe adivinhara os episódios mais íntimos da vida, a perguntar se seria Ele o Cristo, os seus discípulos o rogavam, dizendo:

Mestre, come. Mas Ele lhes respondeu: Eu para comer tenho um manjar que vós não sabeis. Pelo que diziam os discípulos uns para os outros: Será acaso que alguém lhe trouxesse de comer? Disse-lhes Jesus: A minha comida é fazer eu a vontade dAquele que me enviou, para cumprir a sua obra." (João, cap. IV, vv. 31 a 34.)

Como poderia um *homem* assim, *igual aos outros*, *viver* sem outro *maná* e sem que ninguém lhe tomasse contas e embargasse os passos, a não se admitir que só um ser *aparentemente de carne e osso* dispensaria o alimento, a casa, as vestimentas, os móveis e tudo quanto constitui necessidade doméstica para o homem, desde o civilizado até o selvagem, que inventou e fez ele mesmo as penas e tangas com que se enfeita e todos os artefatos de sua utilidade?

Quer-se mais clara demonstração da semelhança perfeita entre a sua vida durante a peregrinação terrena e a outra ao reaparecer aos discípulos, quando disse: *Vede que um Espírito não tem carne e osso* — e que já citei?

Que carne e que ossos eram esses senão materializações perfeitas e possíveis por meio de fluidos condensados, fazendo parte integrante da ciência cósmica universal, que o Divino Mestre, mais que ninguém, tinha o poder de manusear com proficiência?

E se o podia fazer depois da Ressurreição, como perder ou esquecer o processo antes de se mergulhar nas sombrias estradas que o haviam de conduzir ao Gólgota?

Ainda uma vez repito as palavras de Imperator: "O vosso espírito não está bastante cultivado para examinar com cuidado judicioso a evidência moral." (Ob. cit., pág. 222.)

Vão dizer que é o meu quem não está cultivado, mas uma consolação me resta, e é a de exaltar, e não vilipendiar a respeitável figura de Jesus.

Se nisso pecar, estou pronto para a expiação e mais tarde exclamarei: "Bendito sejas, Jesus, porque te amei muito, e foi por defender-te que pequei, julgando servir-te melhor."

Nessa ocasião consola-me a idéia de ter ao meu lado, também genuflexos, os meus venerados mestres Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Ewerton Quadros, Geminiano Brazil, Pedro Richard, Viana de Carvalho, dos quais recebi as lições aqui expostas e aos quais não sou digno de desatar as correias dos seus sapatos.

Nada convém desprezar, como argumento convincente, para justificar a improcedência de um corpo, que deveria ter o peso específico normal, se não fosse meramente composto de matéria rarefeita, ou seja, etérea.

Preciso convencer os meus leitores, senão do meu ponto de vista, ao menos da minha sinceridade e do honesto desejo de lhes ir ao encontro fraternal para permutar idéias redentoras, capazes de nos tornarem felizes na

pesquisa da verdade, não da Verdade com V maiúsculo, que disse Imperator desconhecê-la, mas da porção relativa, compatível com a nossa penúria mental. (1)

Vimos, pelo que ensinaram os evangelistas, haver Jesus andado sobre as águas. O fenômeno nos é assim narrado por Mateus:

"Na quarta vigília da noite, veio Jesus ter com eles (os discípulos) andando sobre o mar. E quando o viram sobre o mar, se turbaram dizendo: É *um fantasma.* E de medo começaram a gritar. Mas Jesus lhes falou imediatamente, dizendo: Tende confiança: sou eu. E respondendo, Pedro lhe disse: Senhor, se és tu, manda-me que vá até onde tu estás, por cima das águas. E Ele lhe disse. Vem. E descendo Pedro da barca, ia caminhando sobre a água para chegar a Jesus. Vendo, porém, que o vento era rijo, temeu; e quando ia submergindo, gritou, dizendo: Senhor, põe-me a salvo. E no mesmo ponto Jesus, estendendo a mão, o tomou por ele e lhe disse: Homem de pouca fé, por que duvidaste?" (Cap. XIV, vv. 25 a 31.)

O fato é perfeitamente explicável, sem contrariar a lei de Arquimedes, que é a da queda dos corpos, e se os apóstolos desconheciam que Jesus não tinha o peso maior do que a perna do sábio de Siracusa quando tomara banho e exclamara: Eureca! ao descobrir que um corpo sólido pode boiar, desde que se combine a sua pesagem, também desconheciam a natureza do Mestre, nem per-

(1) "Não pretendemos revelar-vos a verdade absoluta, pois nós mesmos ainda aspiramos a atingi-la." (Ob. cit., pág. 200.)

cebiam como Ele manobrava as forças cósmicas, afigurando-se-lhes um fantasma. Nada lhe custou andar sobre as águas, sem necessidade de uma bóia flutuante, mas apenas dispondo da sua leveza específica de Espírito animado por meios sutis. O mesmo sucesso não era possível obter Pedro, e se o Salvador atendeu à sua súplica foi para lhe dar um novo ensino qual esse de o interpelar pela sua falta de Fé. Não fora a lição, e o Mestre bem pudera, com o seu poder soberano, suster Pedro sobre as águas. Era só querê-lo, mas não convinha, porque, ao demais, seria um precedente perigoso, talvez prejudicial, desde que escapava à lei natural do equilíbrio, que a Ele não convinha antecipar.

Há uma passagem em João que nos convence dessa dupla natureza, que pode à vontade movimentar-se em qualquer sentido, dispondo dos elementos cósmicos, passagem assim descrita:

"Meu Pai me ama, porque eu ponho a minha vida para outra vez a assumir. Ninguém a tira de mim: mas eu de mim mesmo a ponho e *tenho o poder de a pôr*, e *tenho o poder de a reassumir*: este mandamento recebi de meu Pai." (Cap. X, vv. 17 e 18.)

É verdade que os judeus, quando assim o ouviram falar, disseram que Ele estava possesso do demônio e perdera o juízo. No entanto, outros mais razoáveis os contestaram, afirmando que tal não lhes parecia, de vez que Jesus não podia estar possesso do demônio, pois que o demônio não podia abrir os olhos dos cegos.

Admirável paralelo, que se ajusta como uma luva aos bisonhos interpretadores das coisas superiores, que têm os olhos cegos e que, não obstante, pretendem conduzir a outros cegos.

Não pode ser desprezado o fenômeno da transfiguração de Jesus no Monte Tabor, assim descrito por Mateus:

"E seis dias depois toma Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e os leva à parte, a um alto monte. E transfigurou-se diante deles. *E o seu rosto ficou fulgurante como o Sol e as suas vestiduras se fizeram brancas como a neve*. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias falando com ele." (Cap. XVII, vv. 1 a 3.)

"Estando Ele ainda falando, eis que uma lúcida nuvem os cobriu. E eis que saiu uma voz que dizia: Este é aquele meu querido Filho em quem tenho posto toda a minha complacência: ouvi-o. E, ouvindo isto, os discípulos caíram de bruços e tiveram medo. Porém, Jesus se chegou a eles e tocou-os, dizendo: Levantai-vos e não temais. Eles então, levantando os olhos, não viram mais do que tão-somente a Jesus. E quando eles desciam do monte, pôs-lhes Jesus preceito, dizendo: Não digais a pessoa alguma o que vistes, enquanto o Filho do homem não ressurgir dos mortos." (Idem, vv. 5 a 9.)

Quem não vê neste fenômeno o abandono das vestes com que se apresentava o Divino Mestre, *pondo a vida para depois a reassumir*, conforme as suas próprias expressões, quando falou a João? Não foi um seu desprendimen-

to essa transfiguração, que o deixa com o rosto refulgente qual o sol e as vestimentas brancas como a neve, tanto mais espirituais para que entrasse logo em contacto com Moisés e Elias, Espíritos viventes do plano invisível?

Se não foi uma transformação libertadora dos fluidos que o tornavam humanizado, por que ordenar aos apóstolos que nada dissessem a ninguém e que mal faria isso, se não fora o cuidado, sempre revelado, em guardar sigilo sobre a sua natureza, para que nunca se suspeitasse da sua individualidade terrena, conforme o que já historiei linhas atrás?

Em todas essas passagens não se vê senão coerência de propósitos.

Essa transfiguração é perfeitissimamente igual ao seu reaparecimento aos apóstolos após a Ressurreição, o abandono das vestes absolutamente idêntico, não há contestar.

Disse Kardec que a transfiguração pode achar razão nas propriedades do fluido perispiritual, achando entretanto o fato bastante comum, que, em conseqüência do irradiamento fluídico, pode modificar a aparência de um indivíduo. (*A Gênese*, cap. XV, n.º 44.)

Não me parece comum o fenômeno, como se antolhava ao mestre, pois os narradores não viram onde ficou o *duplo*, tanto assim que tiveram medo do caso fantástico. Daí, Jesus tê-los mandado levantar-se dizendo que não tivessem temor.

Nos desprendimentos, e não transfigurações, de que reza a História, quais os de Santo Antônio e Afonso de

Liguori (1), o corpo não foi dissolvido, desmaterializado, porém, ficou inanimado noutro local onde estavam os protagonistas do fenômeno. Não devemos confundir o desdobramento, que o mestre tão inteligente definiu, com a transfiguração, que é a rigor a forma astral de uma outra individualidade completamente diversa daquela representada em antes do fato. Havendo, no entanto, Kardec se ocupado largamente do assunto no capítulo de *O Livro dos Médiuns*, que trata das transfigurações (cap. VII, n.º 122), aí se nota a profunda divergência entre os casos a que ele chama comuns e o do Messias, absolutamente insólito e originalíssimo.

Mais um argumento:

A todas as pessoas habituadas a verem crucificações pareceram totalmente insuficientes as poucas horas em que Jesus esteve suspenso na cruz para soltar o último suspiro, segundo conta Renan, e Heródoto cita muitos casos de crucificados, desprendidos a tempo, recuperarem a vida por meio de reagentes enérgicos.

Orígenes julgou que fora um milagre a tão rápida morte de Jesus, e em Marcos, cap. XV, v. 44, se lê que Pilatos se admirou de que o crucificado morresse tão precocemente.

Por seu turno, Flavius Jeronymus (*Vita*, 75) nos conta que, dirigindo-se Títus César com Cerélia e mil cavaleiros a um lugar chamado Tekós, para examinar se

(1) Ver os desdobramentos de Emilia Sagée e Baldwin de Birmingham. (**Animismo e Espiritismo**, Aksakof, página 543.)

ele era próprio a uma fortificação, viu, ao regressar, vários prisioneiros crucificados. Reconhecendo-o três deles com os quais tinha havido relações, afligiu-se e, chorando, fez Títus conhecedor do seu desgosto, motivo por que aquele deu logo ordem para que os retirassem da cruz e lhes prodigalizassem os cuidados possíveis. Dois deles morreram apesar do tratamento, mas o terceiro sobreviveu.

Não transparece assim, do rápido desprendimento de Jesus antes do tempo natural, a desnecessidade que o Mestre tinha de ali permanecer suspenso na cruz, e por isso deixou alar-se o seu Espírito sem mais demora?

Para finalizar, mais uma teoria do codificador do Espiritismo:

"A superioridade de Jesus sobre os homens não estava nas qualidades particulares do seu corpo, mas na do seu Espírito, que dominava a matéria de maneira absoluta, e na do seu perispírito tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrenos." (*A Gênese*, capítulo XV, n.º 2.)

Desta vez o mestre, felizmente esquecido do que já houvera dito em contrário, confessa a realidade do corpo fluídico de Jesus de modo exuberantemente claro.

É fútil e indefensável o argumento de que houve para Jesus uma exceção à Lei, violada no intuito de poder o Enviado do Pai atender à sua augusta missão para coabitar materialmente entre nós. Mas essa razão infantil, além de rebaixar a justiça e onipotência de Deus, julgando-o capaz de uma ab-rogação da Lei geral e na-

turalmente universal, como se o Senhor não tivesse capacidade para tudo realizar sem diminuição da sua Sabedoria e presciência — nivela-o a qualquer medíocre construtor, incapaz de fazer senão obra de remendo.

Os Espíritos disseram que Deus nunca obra por capricho. (*O Livro dos Espíritos*, n.º 1.003.)

Não foi o Grande Arquiteto quem fez os fluidos? E de que se compõe a carcaça humana senão de fluidos condensados? E a que ficaria reduzida a geração espontânea, tão conhecida da Ciência e naturalmente daqueles que supõem o Pai capaz de torcer a sua lei só por atender às implicâncias e teimosias de seus filhos, como são a rigor as caturrices dos meninos rebeldes?

Quando Jesus disse que a Deus nada era impossível, não podia referir-se a transgressões da Lei, pois as leis divinas naturalmente são estáveis e não se alteram e modificam como as nossas constituições e códigos feitos pelo homem insipiente e nunca sabendo o que quer e o que faz. Deus, na sua alta Sabedoria, tudo estabeleceu desde o começo da criação, uma vez que possui a capacidade da presciência.

Para Deus nada é impossível, porque, sem sair do circuito das suas leis, há sempre modos e meios de satisfazer o andamento dos fenômenos evolutivos, para boa harmonia na ordem do Universo.

Submeter-se o mais elevado Espírito a uma tortura com o só objetivo de ser amável ao mundo, desde que podia evitar essa tortura sem postergação das leis natu-

rais, seria, isso sim, uma postergação, uma vez que ia infringir a lei da reencarnação de que se achava imune.

Para desafiar e enfrentar as misérias terrenas bastava-lhe ser visto e ouvido. O mais era supérfluo ao seu ministério. As injúrias quem ouviria era o Espírito, não o corpo. A crucificação seria do corpo, mas que lhe importava a Ele, quando a alma era quem assistia ao trucidamento de um pedaço de matéria perecível, que logo se transformaria e voltaria à massa cósmica?

Não lhe crucificaram o corpo, mas, sim, a alma. Sobre ela é que os fariseus e escribas dirigiam os seus ódios.

Antes de perder a oportunidade, lamento uma lacuna do mestre Kardec e era a de se pronunciar sobre a mais palpitante questão, ladeada em outros pontos, mas abandonada na sua raiz, que seria manifestar o seu modo de ver quanto ao nascimento de Jesus, que ele considerou um mistério. Em nenhuma das suas passagens nos patenteia o mestre a sua opinião sobre a geração do Filho de Maria, parecendo louvar-se meramente no que lhe foi ensinado nos Evangelhos.

Arguto e meticuloso esmerilhador de todos os problemas até aos seus mais íntimos detalhes, não lhe teria escapado à clarividente visão o nascimento do Messias, sem a violação da virgindade de Maria, de que parece nunca suspeitou. Tudo lhe ofereceu ensejo para ventilar, e a sua obra de investigação e comentário é um dos maiores monumentos na literatura filosófica, de exemplo de atividade, de esforço e desinteresse, sem esquecer a

original capacidade de argúcia e alto critério, escrúpulo e sinceridade, respeito à verdade, veneração ao Deus, que para ele era muito mais sábio, mais justo, mais onisciente do que lho haviam mostrado as antigas religiões, e que Kardec teve o desassombro de afagar, mesmo rompendo com os preconceitos, com a sociedade, com os seus colegas em sabedoria, que nesse ponto ele o era dos mais insignes entre os que assim se qualificavam, e até da família, que proibiu a publicação das suas obras em França, por um acórdão do Tribunal de Justiça.

Entretanto, Jesus nascera por obra e graça do Espírito Santo, diziam os Evangelhos, mas ninguém melhor que o codificador da Nova Revelação sabia decifrar aquele apêndice ao Espírito, isto é, aquele *Santo*, uma vez que foi quem melhor entrou em contacto com Espíritos, e nos ensinou a interpretação dos *Santos*, que afinal de contas vinham a ser nada menos que os Espíritos puros, ou sejam aqueles de quem Maria ia receber a visita.

Ora, conceber por obra do Espírito. . . puro, é ser *trabalhada* por algum dos mais capazes, envolvida em seus fluidos, sujeitada a uma operação invisível, submetida a um processo de materialização tal qual outros se processaram, embora de natureza dissemelhante, como o aparecimento de peixes e pães, sob as ordens de Jesus; e se objetos inanimados podem ser vistos, também podem sê-lo os Espíritos, conforme Kardec descreve no capítulo de *O Livro dos Médiuns*, subordinado ao título: "Do laboratório do mundo invisível". Mas, quem faz o mais, faz o menos. Quem tira, pode repor. Quem muda o fluido em

uma caixa de rapé, pode mudar a caixa de rapé em outra matéria tangível, por exemplo um corpo animado por essa mesma porção de átomos, tirados do Cosmos, pela simples vontade, ativada pelo pensamento, consoante o mestre fartamente elucidou.

Apenas, para a condensação do perispírito da criança que havia de aparecer a Maria sem que ela se apercebesse do fenômeno, certo Jesus não confiou o encargo a outrem que não Ele mesmo, uma vez que é noção do ensinamento espírita serem os próprios Espíritos que se encarnam quem apropriam os fluidos com que se há de constituir o seu organismo.

Espírito perfeito, não podendo nem devendo absolutamente mais sujeitar-se a uma provação (que provação é nascer do ventre de mulher) e somente quando carecendo de ainda realizar alguns restos, mesmo insignificantes de progresso, ao Messias bastava aparentar a sua descida com aqueles mesmos fluidos de que não só é constituído o corpo humano com o corpo materializado à maneira como logo depois se apresentou aos seus discípulos. Qual a diferença? Qual a desvantagem? Para Ele não se fazia mister outro veículo, uma vez que, de qualquer forma, poderia *viver* no meio a que era chamada a sua missão, sem periclitar a sua obra, o seu esforço, a boa-vontade do seu magnânimo coração.

Esta análise escapou ao exame do preclaro missionário da Terceira Revelação, e é pena. Que soberbas páginas ele nos legaria com aquela tão admirável argumentação e incomparável clareza, que foi uma das raríssimas

qualidades na dialética das suas exposições, e que o colocam indiscutivelmente acima dos vários argumentadores filosóficos de todos os tempos.

Ao contrário, deixou-nos aquelas duas vacilantes páginas já transcritas e que vieram perturbar muitos dos seus discípulos, dando-nos Jesus como um ser carnal, sujeito a vicissitudes, embora em outras muitas passagens dissesse o contrário.

Daí, a ojeriza contra o autor de *Os Quatro Evangelhos*, que por causa da barreira oposta pelo fundador da Doutrina Espírita encontrou aqui, e especialmente no seu país de origem, a mais decidida hostilidade, e por isso mesmo nem lá estudam Roustaing, pela simples razão de que não imprimem sistematicamente a sua obra. Ela está no índex, mas a razão é outra.

Já disseram — e Ismael o confirmou — o Brasil é a Terra Prometida, a Pátria dos Evangelhos, o seio de Abraão.

O assunto merece capítulo à parte.

A TERRA DA PROMISSÃO (1)

Tudo em nossa terra nos demonstra grandeza, proporções, abundância.

Clima temperado, sem os rigores da canícula do Senegal nem os gelos da Sibéria, aqui não se morre de frio e poucas vezes de insolação.

Fertilidade de solo, onde medra desde o cedro à guaxima, desde a aroeira à tifácea, do roble à imbaúba, do cardo ao lírio, da camélia à cananga do Japão, em nosso hemisfério todos os rebentos da natureza se aclimatam para uma prodigiosa e excepcional germinação.

Frutos e flores de países frígidos ou cálidos, aqui não esperam a volta da primavera para reflorirem nem frutificarem, enquanto que pelas campinas européias se verifica a estagnação do produto, estiolado pela geada,

---

(1) Os dados estatísticos, históricos e geográficos são os da época em que este volume foi escrito, há cerca de meio século, o que o leitor certamente não deixará de levar em conta. (**Nota da Editora — FEB —, em 1979.**)

deixando as árvores despidas de folhas, apenas com o esqueleto dos galhos a suspirarem pelo abandono das aves, que nelas construíam os seus ninhos e do passeante que sob a sua copa buscava abrigar-se dos raios do Sol.

Menor não é a excelência e abundância, igual à variedade, dos nossos frutos sem concorrentes nos países estrangeiros, frutos dispersos pelas regiões dos quatro pontos latitudinais, muitos desconhecidos dos habitantes de outras zonas, que nunca viajaram pela vastidão da própria terra brasileira, e que só os conhecem por tradição oral ou escrita, especialmente produzidos nas regiões do Norte.

As terras da Europa só produzem avaramente a uva, o figo, a maçã, a pêra, a ameixa, a cereja, a amêndoa, o morango, o melão, o damasco, parece-me que nada mais. Nós temos, além de todas essas frutas, o abacaxi, a manga, o abacate, a fruta-de-conde, o sapoti, o caqui, a banana e a laranja, que, só essas, bastam para maravilhar o sabor de quem se delicia com a sua doçura. Mas, há uma centena de outras de não menor riqueza, quais são o coco-da-baía, o caju, a anona, a jaca, a melancia, a goiaba e o marmelo, além de uma variedade cujos nomes nem mesmo todos sabem, oriundas do Norte. como já referi.

Nem os Jardins Suspensos da Babilônia, considerados uma das sete maravilhas do mundo, ostentam na sua magnificência o esplendor e beleza desse quadro policromo e olente de centenares de rosas, desde o vermelho da safira e a pretidão da Príncipe Negro, até o branco de

alabastro, desafiando, no seu encanto e majestade, a contemplação estática dos olhos admirativos dos amantes do belo nativo, assim como a cobiça voluptuosa das borboletas multicores, que sobre elas volitam e beijam com o ósculo da solidariedade na manifestação gloriosa da vida, e de caminho colhem-lhes do pólen o cibo para a sua mantença. Isso para só reportar-me às rosas, sem que outras mil espécies de flores galhardas e odorosas umas, outras substituindo o perfume pela beleza estética, pela graça da constituição e pelos cambiantes do colorido, não sejam menos dignas de ser exaltadas como rebentos da natureza, que viessem à luz da vida, como um cartão de visita, atestar-nos a graça do Senhor.

Se a nossa flora é exuberante e assídua em nos deixar o perfume espalhado na atmosfera, como um cântico vibrante ressoando de Norte a Sul, a fauna não menos multíplice se nos aparece surpreendente em variedades e tipos, famílias e ramificações quais não podem produzir ao mesmo tempo os mares e as florestas da Europa, da Ásia e da África.

Só no rio Amazonas vivem cardumes de peixes numa variedade calculada em oitenta famílias, entre as quais há alguns monstros que fornecem carne equivalente à de um touro.

Terra roxa, terra calcária, terra pedregosa, terra barrenta, terra ferruginosa, tudo ela produz: o arroz, o milho, o trigo, o café, o algodão, o fumo, a seringueira, a maniçoba, a batata, o feijão, o cacau, o mate, a cana-de-açúcar, enfim, para com tudo o que se lhe deita, a

terra é mãe fecunda e amorosa, nunca recusando o filho que lhe pede amor e vida.

Nenhum país possui nas camadas subterrâneas tão grande e riquíssima quantidade de jazidas de toda a ordem, em mármore, ouro, prata, cobre, platina, ferro, granito, manganês, diamante, estanho, chumbo, mercúrio, hulha, malacacheta, cristal de rocha e uma infinita variedade de pedras preciosas.

Também são em grande número as fontes de águas minerais, em algumas das quais a hidrologia encontrou a radioatividade em pasmosa proporção de percentagem.

Afirmou-se já que temos petróleo, talvez mesmo outras riquezas no subsolo em terrenos silvestres do Norte, ainda não explorados, nas regiões habitadas pelos índios.

O nosso território é assombroso pela extensão e fertilidade, e aproximado pela navegação quer fluvial, quer em largos mares desde o Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Pará, conforme já o decantava o nosso máximo poeta.

Ao passo que todo o hemisfério da Europa, com os seus 22 países e 16 divisões políticas, quais sardinhas em latas, possui uma área total de onze milhões e cinqüenta e três mil quilômetros quadrados (11.053.000) e a América Meridional, com as suas 17 Repúblicas, tem uma superfície de nove milhões, duzentos e noventa e um mil quilômetros quadrados (9.291.000), o Brasil tem a extensão de oito milhões, quatrocentos e oitenta e seis mil quilômetros quadrados (8.486.000) ou seja quase

85% do território europeu e mais de 91% sobre o da América Meridional.

Há vulcões terríveis na Europa, na Ásia e na Oceania, e na América são notáveis os do Alasca, México, Equador, Peru e Chile. No Brasil nem um só existe, mas por ventura nossa temos 14 rios navegáveis, quase todos desde o Amazonas até o Jacuí.

É assombrosa a variedade de plantas medicinais, de folhagens e arbustos que proliferam em todas as regiões, havendo no Jardim Botânico cerca de sessenta palmeiras de diversos tipos.

Espetáculo verdadeiramente deslumbrante é a ascensão ao Corcovado, à Tijuca, ao Pão de Açúcar, às serras de Petrópolis, de Teresópolis e de Friburgo, e a entrada da nossa lindíssima baía constitui o encanto dos estrangeiros arribados, provocando já o justificado título de Cidade Maravilhosa à nossa incomparável Capital.

As montanhas que se elevam em todo o continente são a maravilha de forasteiros e turistas. A nossa água, tão límpida e pura, vinda das nascentes montanhosas, não tem igual nas terras baixas e niveladas de muitos países, onde ela parece nascida de piscinas, por ter o gosto de água salobra.

E se juntarmos a essa prodigiosa manifestação da natureza, a raça brasília, descendente da portuguesa, mesclada ao indígena e ao africano, donde saiu o mulato, o caboclo e o mameluco, não devemos esquecer a corrente imigratória que para aqui afluiu desde o francês civilizado até o congo africano. E de toda essa *caldeirada* tem-

perou-se a família brasileira, agora já não sabendo de que raça é, tão mesclado lhe vem o sangue gerador.

Pode dizer-se que somos uma raça universal, porque aqui se conjugam todos os prejuízos, mas em muito maior proporção todas as vantagens de cada povo isolado.

Aqui não se briga senão como as crianças traquinas entre si, não existe o ódio feroz de barreiras, tão pernicioso aos povos de além-mar, e estamos assistindo dolorosamente à mais encarniçada irritação de ânimos no momento que passa, entre os nossos irmãos em Cristo, desvairados pela cobiça e outras causas todas de ordem mundana, que tanto interessam as nações do hemisfério oposto.

Grande tem sido o número dos acordos pacíficos que se hão ajustado entre nós por motivo de limites contestados pelas nações que se julgavam prejudicadas, atestando-se a nossa cordura e os sentimentos de ordem e paz com que buscamos estabelecer o pacto de união entre os povos das nossas fronteiras. Mais de uma vez, foi invocada a intervenção arbitral do nosso chanceler em conflitos idênticos nos países estrangeiros, sendo isso uma prova do nosso já proverbial espírito de pacificação.

A tendência religiosa por lá é uma utopia, uma convenção de acordos entre a vida pública e a particular, um jogo de interesses tão manifestamente verificados pelo que faz o principal representante da religião romana.

Se a miséria é grande por lá, não menor é o egoísmo. É preciso conhecer de perto, estar em contacto com o povo do estrangeiro, para verificar *de visu* a muralha que nos divide, quer em sentimentos, quer em atitudes de generosidade.

Abordei o ponto nevrálgico do meu problema. Queria perguntar se tudo isso é obra do acaso, ou se obedece a um Determinismo Providencial. Certo que sim.

Apropinquavam-se os tempos preditos pelos profetas para a reforma moral da Humanidade. Cada trabalhador seria destacado para a sua oficina, cada lavrador para a sua seara.

O Autor da Criação, o Centralizador do Amor via seus filhos como ovelhas tresmalhadas, sem pastor e sem faro para seguir a meta da perfeição.

Veio o Consolador quando já a seara estava trabalhada, o edifício com os seus alicerces assentados, as sementes germinando, a hora da colheita já determinada.

E foi então que aqui Ismael arvorou o seu estandarte, aqui na Terra de Santa Cruz, onde haviam fincado pela primeira vez a mesma cruz trazida por Pedro Álvares Cabral.

Viu-se depois como o Consolador deu preferência à nossa terra a fim de nela fazer que emigrassem todos quantos tinham o coração preparado para as investidas do sentimento cristão na sua pureza primitiva, e não faltaram poucos ao banquete espiritual. Hoje somos legião, ou discípulos de Jesus, os que sabem ler e compreender o seu Evangelho.

Aqui se levantaram já asilos, abrigos para pobres, templos onde a Caridade é um fato, e em nenhum povo a faculdade curadora provocou tantas maravilhas, quais as que fizera Jesus, deixando a ciência perturbada e diminuída no seu conceito.

Enquanto isso, o estrangeiro, onde as fortunas dos Cresos vêm obliterando a razão, contenta-se a fazer doutrina quase que por desporto. Fazem investigações durante 60 anos (como Richet) ou 500 vezes (como Paul Gibier), experiências de efeitos físicos, materializações, fotografias, moldagens, mas. . . nada de institutos de caridade, nada de desembolsar um *sol*, um *cêntimo*, um *pence*, um *centavo*, uma *peseta*.

País de uma democracia manifestada em leis absolutamente liberais, em que cada qual tem o seu quinhão equivalente, nunca no Brasil foi negado ao estrangeiro o direito de aqui estabelecer a sua tenda de comércio, a sua oficina de trabalho, o seu hectare de terra para o seu plantio, sem que lhe fossem tributados maiores impostos nem exigidas outras medidas de preferência, como se dá em algumas cidades européias em que não só o bairrismo como a falta de trabalho impõem rigorosas leis para o afastamento da concorrência alheia aos seus naturais.

No Brasil o alemão invadiu o Sul e ali se entregou afanosamente à cultura, o italiano espalhou-se pelo território, especialmente em S. Paulo, e movimentou a indústria, o português, com uma atividade sem-par e a honestidade que lhe é uma das suas melhores características, irradiou a sua capacidade de trabalho, desde o tempo dos reinóis, por toda parte multiplicando e dividindo as suas aptidões ecléticas no comércio, na lavoura, na indústria e nas artes. O sírio preferiu a nossa terra por lhe constar a fertilidade nos ganhos, e nas demais terras do velho continente ninguém deixou de vir experimentar a nossa vida nacional, uma vez que as energias por lá es-

tavam gastas, o solo todo ocupado com a lavoura, a praça toda invadida por tendas de comércio, oficinas de artífices, casas de importação e exportação, determinando a superabundância, e nas fábricas a superprodução.

Quer na nossa própria vida particular, quer na vida pública social e política, não tem sido menor o interesse do estrangeiro em intervir, ajudar, superintender, colaborar com patriótico esforço e dedicação, qual o teria na sua pátria de origem, e desse consórcio de esforços tem nascido o nosso progresso. Essa intervenção justifica-se logicamente no fato do seu cruzamento com a mulher brasileira, da qual nasceram filhos do país, que teriam, uns e outros, de ter quem lhes defendesse os seus direitos pátrios.

Desejando intensificar o progresso da nossa terra, empreenderam o trabalho da inversão de capitais estrangeiros para o desenvolvimento das nossas indústrias, graças à confiança depositada em nosso futuro.

Mas, como é psicologicamente natural, desse consórcio de vida nacional, desse conúbio de educação, dessa convivência tropical onde a mulher possui uma sensibilidade mais delicada, uma doçura e timidez congênitas nas deliberações, um carinho mais terno pelos filhos e, de par, uma afeição mais sentida pelo esposo, nasceu a ternura, a bondade, o desinteresse do estrangeiro, que em nada regateia a sua fecunda colaboração nas nossas obras de benemerência. E eis aí por que se levantaram no Brasil, especialmente na Capital Federal, os maiores monumentos atestadores das nossas preferências pelo que é de utilidade pública e em favor dos pobres, dos enfermos, dos

cegos, dos desamparados, dos que já atingiram o ocaso da vida.

São às centenas as nossas casas de Caridade, e agora mesmo se ergue esse Abrigo do Redentor, para onde vão convergir todos os mendicantes das ruas, a atestar a nossa grandeza dalma.

Repito que esta é a Terra da Promissão para onde emigram desde já os filhos de Israel.

Disse Jesus: "Muitos virão do Oriente e do Ocidente e que se sentarão à mesa com Abraão, Isaac e Jacó." (Mateus, cap. VIII, v. 11.)

Aqui ficarão eles até que o Senhor lhes lance a sua bênção e possivelmente sobre nós desça a Jerusalém ataviada para receber o esposo, ou sejam aqueles que não negaram a Cristo, consoante a predição do iluminado profeta de Patmos. (Apocalipse, cap. XXI, v. 2.) Deus o queira, e assim sejamos dignos e perseverantes, conforme aconselhou Jesus, para sermos salvos.

E aí temos nós a razão por que *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing não encontraram obstáculos em aqui assentar a sua divulgação, desde que acharam o coração dos brasileiros e daqueles que o são pelo dito coração abertos às sugestões dos enviados do Alto, obedientes à voz do Consolador, o Embaixador de Jesus na Terra.

Esse livro é ao demais um novo brado a que se juntou outro em que foram reunidas inúmeras mensagens tomadas no grupo que, sob a égide de Ismael, tem funcionado desde longos anos na Federação Espírita Brasileira, as quais tomaram o título de *Elucidações Evangé-*

licas e têm como responsáveis nomes de confrades que devem merecer a nossa veneração pelo cunho de rara sinceridade com que se reuniam, ora sob a presidência do veterano e respeitável Apóstolo que se chamou Bezerra de Menezes, ora sucessivamente por outros, inclusive um trabalhador da última hora, que não fez outra coisa enquanto viveu senão consagrar-se de corpo e alma à nossa doutrina — o Dr. Antônio Luiz Sayão, que foi quem coligiu os ditados do livro aludido e promoveu a sua publicação. Reconhecendo-lhe o alto mérito, a Federação deliberou mandar fazer nova edição da primeira por inteiramente esgotada.

Assim, pois, já verifiquei que enquanto só no Brasil *O Evangelho segundo o Espiritismo* tem uma tiragem de dez mil exemplares de cada vez, vendendo-se cerca de cinco mil por ano, em França a saída da obra é muito inferior à nossa (fato por mim observado pessoalmente), não havendo nenhum editor na Bélgica nem na Suíça, onde se fala o mesmo idioma. Não sei qual a aceitação da obra moralizadora em outros países, mas palpita-me que será muito menor o interesse, visto como a *Revue Spirite*, de Paris, anunciava o ano passado a 54.ª edição ou milheiro daquele livro, ao passo que em nossa terra não deve ser inferior a 120.000 o número de exemplares vendidos até agora. (Escaparam ao registro as primitivas edições.) (1)

Dadas estas circunstâncias, que valor teria o Evangelho explicado a Roustaing, se lá estava o de Kardec,

(1) Isto em 1937.

e ele havia desmerecido o outro, por duas vezes entendendo de dizer que Jesus devia ter um corpo como toda a gente, muito embora em muitas outras reconhecesse a possibilidade da materialização fluídica, de cuja composição permanece o mistério?

Demais, releva salientar que o francês é imensamente cioso do que é seu, não quer, não compra, não aceita nada dos outros quando tem ali. Haja vista no açúcar. Não importa a cana, que é muito mais barata, para manipular a beterraba. Não importa o álcool; fá-lo também de beterraba. Não importa a gasolina; fabrica-a de um qualquer produto equivalente. (1)

Por isso, *boicotou* o Roustaing, essa é a verdade, que precisa ficar aqui consignada em bem da legitimidade e valor do livro condenado pelos editores franceses. Não o publicando e não o vendendo, claro que cairia no olvido, pois é muitíssimo possível que outra fosse a sua sorte, se o livro referido tivesse propaganda, embora pouca, pelo motivo já apontado: o egoísmo, a indiferença, a pouca Caridade européia (aqui convém envolver todos os povos da América do Norte). Sim, que a obra é toda consagrada a exaltar os sentimentos de bondade, paciência, resignação, tolerância, etc., e isso lá se pode admitir em gente que se esconde quando lhe bate à porta um pobre, apesar de ser ali o viveiro dos milionários?

Quando foi que veio do outro lado qualquer donativo em ocasiões de calamidade em nossa terra? E quan-

---

(1) O autor certamente quis referir-se ao xisto betuminoso.

tas vezes o nosso cobre tem emigrado quando lá acontece o desastre?

Vem isto a pêlo para afirmar que só aqui se pode assimilar o Evangelho, porque, para isso, se requer seja lido com os olhos do coração. Os do outro lado, estão fixos na bolsa e no estômago.

Aqui a nossa bolsa está furada.

Assim, pois, as *Elucidações Evangélicas* sancionam o que se disse em *Os Quatro Evangelhos.*

Por meio deles se deu a concordância justamente requerida por Kardec.

Que mais exigir?

Jesus disse, ao amaldiçoar a figueira seca: "Nunca mais nasça fruto algum de ti", referindo-se às coisas improdutivas, tanto quanto aos homens inúteis. Também se referiu à semente caída em boa terra na parábola de Mateus, cujos grãos renderiam cento por um. (Capítulo XVIII, v. 8.)

Há no Livro da Vida uma advertência de João Batista, que Mateus nos transmitiu por este teor:

"Já o machado está posto à raiz das árvores. Toda árvore que não dá bom fruto será cortada e lançada ao fogo." (Cap. III, v. 10.)

Este aviso foi referendado pelo Divino Mestre e confirmado pelo mesmo evangelista nesta passagem:

"Toda planta que meu Pai celestial não plantou, será arrancada pela raiz." (Cap. XV, v. 13.)

Como admitir que Ismael não tivesse lançado ao fogo, ou arrancado a raiz plantada pelos predecessores e os continuadores dos espiritistas brasileiros, incontestavelmente representados por Bezerra, a quem não se pode negar o título de Missionário do Consolador em nossa pátria?

Ora, a Federação foi fundada há mais de cinqüenta anos, em 1884, e teve por presidente e orientador principal a esse mesmo Bezerra, nos fins do último século.

Homem de raras qualidades, tipo modelar do verdadeiro cristão e exemplo vivo entre os seus pares, ele, devido à sua grande elevação espiritual, aceitou a doutrina do corpo fluídico de Jesus, sem nenhuma relutância, e porque do Alto o Espírito de Ismael, que se anunciara como guia do Espiritismo no Brasil, confirmava esse postulado e avivava os ensinos sempre em obediência à maneira como Jesus, sem sacrifício da sua missão, nascera e vivera dentro de uma lei natural.

Desencarnado o velho Apóstolo, a quem chamam o Allan Kardec brasileiro, e que é invocado em todos os rincões desta terra, tais os vestígios de nobreza com que é reconhecido, e de tal modo honrara a cadeira que ocupou, muitos foram os seus discípulos, que jamais poderão encontrar melhor mestre, nem se confiarem a qualquer outro pela simples razão de não haver quem o substitua. A sua opinião, como a de Kardec em França, ficou sendo entre nós conservada com respeitosa unção.

A sua elevação moral devia ter-lhe dado entrada às sugestões dos Espíritos instrutores, e daí o vivo interesse

de todos os referidos seus discípulos em meditar sumamente os ensinos evangélicos para dali colherem as sutilezas e os clarões de algo de profundo escondido na essência espiritual da Revelação cristã.

Isso, porém, não fazem hoje os modernos estudantes, porque não tiveram a glória de conviver com o mestre brasileiro. Entraram pela porta do Espiritismo, e já daí a nada querem saber de que barro era amassado o corpo de Jesus. O que deveriam deixar para o fim, querem logo no princípio. Invertem o papel, e daí nunca mais cederem, nem à mão de Deus padre. E é pena, porque há inúmeros confrades possuidores de mérito real, seja como inteligência, seja como indiscutível dedicação, que ficaram contaminados do erro. Já agora é difícil, mas não impossível, a sua apostasia à concepção racional.

Valerá a pena entrar em considerações junto deles para que reparem no fato de existir a Federação por tão largo período de tempo, arregimentando para mais de um milhar de Associações do território, realizando Congressos, a que acodem quase todos os núcleos adesos, publicando a mais bem feita revista, sem que a *figueira secasse*?

Porque, embora as obras perniciosas — e são às centenas as que hão medrado — tenham permanecido sem embaraços dos vigilantes do plano espiritual, seria um contra-senso admitir que, em obra da qual depende a ascensão da sociedade pela escada de Jacó, os encarregados da missão de amparar os defensores do ideal cristão permanecessem de braços cruzados, impotentes para um movimento de energia na destruição das coisas causa-

doras de estacionamento, quando os tempos são chegados, segundo os diários avisos provindos nas inúmeras comunicações do Além.

Certo, haverá cem, duzentos idealistas, que sei eu? todos que compõem a família espírita capazes de se julgarem com mais habilidade, critério, talento para fazer obra melhor do que na referida instituição têm feito os que se acham à sua frente. Isso é um dos fracos do bicho-homem: supor-se capaz de endireitar a sombra da vara torta. Tudo quanto os outros fazem, está malfeito. Ele fá-lo-ia perfeito, até mesmo consertaria os erros de Deus. Não se está vendo quanto o homem se rebela contra as suas desditas, achando que até Deus não é justo? Pensais que os espiritistas se conformam, se resignam com o que de *mau lhes* sobrevém? Ora, irritam-se como os outros pecadores.

Por isso, o carro do progresso anda freado.

Oh! o personalismo, a vaidade, o pensamento de que se está acima dos outros na competência, no modo de ver, no acerto em produzir mais e melhor. . .

Vêm daí as divisões, as discórdias, atestando a nossa profunda incoerência quando andamos a pregar uma fraternidade de que não damos testemunho exemplar, verberando uma vaidade, de que o veneno corre-nos nas veias, exaltando uma união inexistente, desde que os agrupamentos se distanciam pelas competições.

E não se haver percebido que, sendo o Brasil a pátria dos Evangelhos, portanto aqui que paira o Consolador, temos que Jesus foi para estas plagas que conver-

giu mais particularmente os seus olhares e está observando as nossas atitudes incompatíveis com os seus santos intuitos.

Vou estabelecer um paralelo:

A porção de obras de caráter científico foi confiada aos sábios experimentadores de outras plagas, até porque não os encontraríamos aqui, ao passo que, por ventura nossa, aprouve ao Senhor conceder-nos a melhor fatia — a feição moral da doutrina.

A Ciência não abala mais que a inteligência, provocando longos debates, pondo em dúvida a capacidade dos investigadores. (Ochorowicz chegou a desafiar para um duelo um colega que pusera em dúvida a sua palavra de sábio.) As exortações morais abalam especialmente o coração, despertam-nos a sensibilidade, abrem as janelas da alma para a entrada do oxigênio do amor em todas as suas modalidades. Essa, a principal reforma que nos coube na divisão, em benefício do nosso ascenso pela estrada do progresso.

Por isso, pouco se tem feito em outros países, onde parece que não existem edifícios próprios para as associações locais, a não ser em Paris, onde permanece o legado de Allan Kardec.

A União Espírita Francesa (*Union Spirite Française*) está situada na rua Copernic n.° 8, ao lado do Boulevard des Batignolles, nos Campos Elíseos. O edifício próprio compõe-se de três andares. Embaixo um saguão de entrada, onde se acha o que ali chamam o museu. Alguns

desenhos mediúnicos, pregados nas paredes, bastaram para a ornamentação do pavimento. À direita uma grande sala onde foi estabelecida a livraria, dirigida por uma senhora vendedora. Ao fundo a tipografia onde se imprime a *Revue Spirite* e as edições dos livros doutrinários, que poucas vezes são encontrados em outras das muitas livrarias da Capital por serem indesejáveis. No primeiro andar, uma sala de mais ou menos 480 metros quadrados para as conferências, ao lado outra sala menor em que funciona a oficina de costuras a cargo de benévolas senhoras, que se preocupam em consertar roupas para os desamparados. Na parte superior o gabinete do Presidente e diretor da revista. Uns oito empregados, se tanto, para todo o serviço.

Sobre o fruto de tanto labor, deparo casualmente com um número da *Revue Spirite*, o de abril de 1934, de onde transcrevo a *Activité de l'Union Spirite Française, durant l'année de 1933*, em Relatório do seu vice-Presidente à Assembléia Geral.

Leiam-se as aflições de que se queixa o Diretor da União:

"Quando, há pouco menos de um ano, em abril de 1933, eu vos submeti, Sr. Presidente, minhas senhoras e senhores, o meu Relatório sobre a atividade da União Espírita Francesa, no decurso do ano precedente, tive horas de grave preocupação, e em junho, quando então havia tudo tentado para salvar por meus únicos recursos a Casa dos Espíritas, acabei por verificar que, malgrado os meus esforços e as dificuldades surgidas, não

podíamos fazer face aos compromissos e obrigações a que estava submetida a nossa organização. Herdeiro de um grande ideal, eu me encontrava na impossibilidade de prosseguir, em sua plenitude, a missão que me foi conferida, em conseqüência das insuperáveis dificuldades materiais."

E aí está a que extremo chegou a casa deixada pelo mestre Kardec, desde 1858.

A imprensa entrou em crise há muitos anos. *Les Annales des Sciences psychiques*, de Richet e Cosme de Vesme, *La Tribune Psychique*, *La vie d'Outre Tombe*, *La Aureole de la Conscience*, *Revue Scientifique et Morale du Spiritisme*, esta fundada por Gabriel Delanne, desapareceram, não encontrando outras substitutas — isso para só falar dos periódicos franceses.

Vejamos deste lado o que se tem feito.

Já ponderei que a Federação foi fundada há mais de 50 anos.

O seu Patrimônio orça por 1.315:000$000, constituído pelos dois prédios de três andares da Avenida Passos, diversos haveres, doações, mobiliário e Capital de 390:000$000 representado pelo estoque de livros doutrinários e outros de permuta mercantil entre os correspondentes compradores.

A Assistência aos Necessitados distribui medicamentos e receitas gratuitas a mais de 600 mil pessoas anualmente, não esquecendo a larga soma de benefícios concedidos quer em moeda corrente, quer em espécie à pobreza, especialmente na data natalícia do Redentor.

Para manutenção dos seus múltiplos serviços sociais e de assistência possui cerca de trinta auxiliares efetivos.

Mantém um gabinete dentário, um ambulatório para pequenas operações, uma botica de medicamentos, que são distribuídos a mais de quinhentas pessoas diariamente.

A sua livraria editora vem produzindo a propaganda de todas as obras de Kardec, Léon Denis, Bozzano, e tudo quanto se pode considerar elemento de vulgarização e que representa uma atividade ininterrupta, mas a que felizmente correspondem todos os confrades desta Capital, como do interior, prestigiando o labor dos dirigentes da nossa máxima instituição.

Nestes últimos cinco anos imprimiu 466.000 livros, no valor de 360:000$000. (1)

O vastíssimo salão da Federação já é escasso para as reuniões solenes, e ainda há pouco houve mais de mil pessoas que não puderam ingressar nele por estar literalmente cheio de uma assistência que desejava conhecer de perto o mais extraordinário médium psicográfico aparecido na Terra, e do qual nos vêm do Alto exortações edificantes em vigor estilístico quanto na energia dos conceitos morais.

O que eu quero apontar não é a cifra monetária que representa semelhante trabalho, senão os resultados provenientes dele, de vez que infelizmente nada se pode

(1) Isto, em 1936. Veja-se, para 1950, o "Reformador" de 1950, de páginas 215 a 223. (**Nota da Editora.**)

conseguir em qualquer manifestação de atividades terrenas sem o vil metal. Consideremo-nos ditosos quando ele escoa para um mealheiro onde a traça não penetra.

Essa é a semente lançada em boa terra, segundo a parábola.

Colaborando nessa grande obra cristã, existem cerca de dez asilos espíritas, só em nossa Capital, todos com sede própria, obtida com a generosidade dos corações abalados pelas exortações dos Espíritos, em cujos institutos se educam criancinhas órfãs, amparam-se velhinhas sem arrimo e ministra-se o pão do espírito às almas florescentes e às que em breve terão de deixar o arcabouço que lhes pesa.

Só um desses asilos, o Abrigo Teresa de Jesus, possui um Patrimônio de 1.931:000$000 (1), atestando o influxo que indiscutivelmente o Brasil recebe do Alto sobre esta geração, que se diria a caravana dos filhos de Israel em nova migração redentora.

Tais energias não podiam deixar de se estenderem pelos Estados do Brasil com o aparecimento de Associações poderosas pelo número e pela produção, algumas logrando haver construído a sua sede própria, obedecendo a um programa uniforme, como convém, não estivesse Ismael vigilante para que não ficasse a sua obra à mercê de oscilações, que lhes perturbariam a finalidade.

Essa vigilância, a que não ficaria esquecida a necessidade da irradiação, veio traduzir-se pelo admirável

(1) Balancete de 20 de setembro de 1936.

fenômeno de surgirem nos mais obscuros e remotos rincões do interior modestos apóstolos das mesmas idéias, em considerável número, todos tangidos de ardentes desejos pelo estudo da Nova Revelação e da sua prática, sendo interessante que, sem que ninguém ali lhes viesse chamar a atenção para o fenômeno espírita, como que a palavra da Verdade lhes vinha do céu, e então vereis surgirem os médiuns, os curadores, os entusiasmos e porventura uma alegria nova, um renascimento de alma, um alvoroço misterioso pelo surgimento desses abençoados Espíritos, que lhes vieram trazer, no silêncio dos seus campos, no isolamento dos seus lares, aquela palavra de paz, de que tinham conhecimento apenas por tradição, legado de seus avós nas horas do serão e da prece em família.

Por aí se vê a abundância da oferta do Senhor aos nossos lares, à nossa família, ao vazio que se fizera em nosso coração quando a desesperação era um tormento a matar-nos o desejo de viver, apavorando-nos o futuro incerto.

Tem-se como revelação que à nossa terra caberá a hegemonia no mundo inteiro, e nada o impede pelas razões antes apontadas quando aludi à fertilidade e extensão do nosso território. Aqui cabe toda a população da Europa, e mais que fosse. Que venham todos, e serão recebidos de braços abertos.

Sim, que cabem todos, e se os arranha-céus continuam, caberá o mundo inteiro.

Do livro *A Derrocada das Civilizações* publicado em 1934 pelo Sr. Sana-Khan, transcrevo o seguinte, interessante comunicado atribuído a Victor Hugo:

"Haverá no século XX uma nação extraordinária. Esta nação será grandiosa — o que não obstará a que seja livre.

"Será ilustre, rica, pensante, pacífica e cordial para o resto da humanidade. Terá a gravidade de uma irmã mais velha, posto que seja a nação mais nova.

"Eis aqui qual será a nação de que falamos. Esta nação terá por Capital o Rio de Janeiro, mas não se chamará Brasil, chamar-se-á América do Sul, no século XX, e, nos seguintes, mais transfigurada, chamar-se-á Humanidade."

Vou finalizar lembrando aos meus irmãos em Cristo o que o convertido de Damasco escreveu na sua 1.ª Epístola aos coríntios, cap. XV, vv. 51 a 54:

"Eis aqui vos digo um mistério: Todos certamente ressuscitaremos, mas nem todos seremos mudados. Num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta, porque uma trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós outros seremos mudados. Porque importa que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade e que este corpo mortal se revista da imortalidade. E quando este corpo mortal se revestir da imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória."

Para essa vitória é preciso que nos lembremos de que o Consolador aqui está e de que, pairando sobre ele,

se acha Jesus, a quem se pode aplicar o título de maior Consolador.

Decoremos também este salutar aviso do Divino Mestre pela boca de Lucas:

"Velai sobre vós para que não suceda que os vossos corações se façam pesados com as demasias do comer e do beber e com os cuidados desta vida, e para que aquele dia vos não apanhe de repente. Porque ele, assim como um laço, prenderá todos os que habitam sobre a face da Terra. Vigiai, orando em todo o tempo, a fim de que vos façais dignos de evitar todos estes males que têm de suceder, e de vos apresentardes com confiança diante do Filho do homem." (Cap. XXI, vv. 34 a 36.)

Outrora, enquanto as cegonhas e os pelicanos pousavam sobre a torre Antônia da Cidade Santa, ou sobre os minaretes juntos às muralhas de Jericó, a caravana de peregrinos, sopesando o dorso dos camelos em marcha para Cesaréia de Filipe, ou para a Iduméia, vergastada pelo simum do deserto, conferia entre si acerca das maravilhas que o Grande Profeta da Galiléia produzia como nem mesmo Simão, o mago, o conseguira.

Em próxima era os mesmos caravaneiros renascidos irão congraçados quais aqueles *cruzados* cristãos da Idade Média em marcha para a Palestina, a fim de livrar dos seus inimigos o túmulo do Cristo. Com a diferença, porém, que então não iremos defender o túmulo, mas o berço arrumado no estábulo, onde os vagidos do menino Jesus corresponderiam sincronicamente nessa hora às lágrimas de júbilo com que, nesta estação primaveril de

luz e de sol renovador, beijamos as suas sagradas plantas, esses pés que salpicaram de sangue as calcinantes estradas desde Betânia a Corazaim para nos indicarem o caminho da Justiça e do Amor.

Sursum corda!

Se assim nos conduzirmos, a nossa vida irá seguindo passo a passo a luminosa estrada por Ele perlustrada, e viremos a ter uma vida qual a Vida de Jesus.

NATUREZA FLUÍDICA DO CORPO DE JESUS

Supondes que Jesus, ao descer sobre a Terra,
Se envolvesse em matéria igual à em que se encerra
O vosso corpo? Não! isso é inadmissível.
Pois viver entre nós assim fora impossível.
Era sua matéria o fluido imponderável;
Do corpo, a natureza era leve e mutável,
E, para se tornar entre nós aparente,
Ele, que ocupa Além um lugar eminente,
Teve de lançar mão de meios inauditos,
Cujo segredo está lá nos céus infinitos.

Não suponhais também que, por ser diferente
Do vosso o corpo seu, a agonia pungente
Não lhe fosse infernal, nem a morte. A amargura
Tanto nalma é maior quanto mais ela é pura
E menos material, porque, dos sofrimentos,
O efeito é menos cruel, maiores os tormentos.
E aí está por que Jesus, de uma só vez, sofria
Mais do que todos vós uma intensa agonia.
Seja Ele abençoado e Deus lhe dê a glória!
Nunca seu nome seja esquecido na História!
Para tanto penar era mister no mundo
Que n'Ele fosse o Amor eternal e profundo.
Bendito amigo que és de toda a Humanidade,

Oh! Cristo amado, em quem o farol da Verdade
Resplende em toda a parte apontando as estradas
Por onde hão de passar as almas adiantadas
Para alcançar do Pai o poder e o direito
À gratidão de todo o Universo perfeito!
Amados querubins, que no espaço ilimitado
Tendes sofrido, assim quanto heis nos estimado;
Que nunca vos canseis de guiar-nos generosos
E tão esforçadamente aos píncaros gloriosos
Que já haveis atingido, ó Espíritos nobres!
Recebei dos que são vossos irmãos mais pobres
A mais terna impressão, a mais santa e solene
Da nossa gratidão, que é profunda e perene.

Victor Hugo

(Do Livro **Verités Éternelles** — Tradução de Antônio Lima.)

OBRAS LIDAS E CONSULTADAS

A. Leterre — *Hiláritas e Jesus e sua doutrina.*
A. G. Araujo Jorge — *Jesus.*
Alfred Poisat — *La vie et l'ouvre de Jesus.*
Agostini Giovanni — *Calendário do Atlântico.*
Alexandre Aksakof — *Animismo e Espiritismo.*
Allan Kardec — *O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo, O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno, A Gênese e Obras Póstumas.*
Antônio Luiz Sayão — *Elucidações Evangélicas.*
Antônio Pereira de Figueiredo — *A Bíblia.*
Augusto de Lacerda — *O Rabi da Galiléia.*
Bailly — *Histoire de l'Astronomie Indienne.*
Biblioteca Internacional de Obras Célebres.
Camillo de Renesse — *Jesus Cristo seus Apóstolos e Discípulos.*
Camilo Castelo Branco — *Cancioneiro Alegre.*
Carlos Imbassahy — *O Espiritismo à luz dos fatos.*
Charles Dickens — *A Vida de Nosso Senhor.*
Charles Guignebert — *La vie cachée de Jésus.*
David Strauss — *Vie de Jésus.*
E. G. White — *Vida de Jesus.*
Edouard Dujardin — *Le Dieu Jésus.*
Edouard Schuré — *Os Grandes Iniciados.*
Émile Vérut — *Voilá vos bergers. . .*
Enrique Perez Escrich — *Mártir do Calvário.*

Ernest Bosc — *La vie ésotérique de Jésus.*
Ernest Renan — *Vie de Jésus.*
Esther Calderon — *Religiões, Mitos e Crendices.*
F. Nocolay — *Histoire des croyences.*
Fabre d'Olivet — *Histoire Philosophique du genre humain.*
Flavius Josephus — *Antiguidades Jadaicas.*
Fr. Fígner — *O Suicídio.*
Gustavo Macedo — *Religiões Comparadas.*
Hegel — *Vie de Jésus.*
Henri Barbusse — *Jésus.*
J. Arthur Findlay — *No Limiar do Etéreo.*
J.-B. Roustaing — *Os Quatro Evangelhos.*
Joaquim Alves de Sousa — *Filosofia Elementar.*
Jules Soury — *Jésus et les évangiles.*
Leopoldo Cirne — *Anticristo senhor do mundo.*
M. Quintão — *O Cristo de Deus.*
Maurice Goguel — *Jésus et le messianisme politique.*
Nicolas Notovich — *La vie inconnue de Jésus-Christ.*
Nogueira de Faria — *O Trabalho dos Mortos.*
P. Commelin — *Mithologie Grec et Latine.*
Plínio — *História Natural.*
Robert Eisler — *The messiah Jesus.*
Roselly de Lorgues — *Jesus-Cristo perante o século.*
Sana-Khan — *A Derrocada das Civilizações.*
Santo Agostinho — *Solilóquios.*
Stainton Moses — *Ensinos Espiritualistas.*
Sinfrônio de Magalhães — *Aspectos do Brasil.*
Tito Lívio — *História de Roma.*
Vicente Kury — *Cristo no es hijo de Dios.*
William Crookes — *Fatos Espíritas.*